

Cláudio Vicentino • Bruno Vicentino

# Olhares da **História** Brasil e mundo

Manual do  
Professor

1



editora scipione

História - Ensino Médio



**editora scipione**

**Diretoria editorial**  
Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial**  
Luiz Tonolli

**Editoria de Ciências Humanas**  
Heloisa Pimentel

**Edição**  
Guilherme Reghin Gaspar,  
Thamirys Gênova da Silva e Mariana Renó Faria (estagiárias)

**Gerência de produção editorial**  
Ricardo de Gan Braga

**Arte**  
Andréa Dellamagna (coord. de criação),  
Erik TS (progr. visual de capa e miolo),  
Claudio Faustino (coord.), Eber Souza (edição),  
Luiza Massucato (assist.) e Typegraphic (diagram.)

**Revisão**  
Hélia de Jesus Gonsaga (ger.),  
Rosângela Muricy (coord.),  
Célia da Silva Carvalho, Paula Teixeira de Jesus,  
Patrícia Travanca e Vanessa de Paula Santos;  
Brenda Morais e Gabriela Miragaia (estagiárias)

**Iconografia**  
Sílvio Kligin (superv.), Denise Durand Kremer (coord.),  
Caio Mazzilli e Monica de Souza (pesquisa),  
Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Ilustrações**  
Héctor Gomez, Kazuhiko Yoshikawa, Robson Kasé,  
Rodval Matias e Theo Szczepanski

**Cartografia**  
Eric Fuzii, Loide Edelweiss Iizuka,  
Márcio Souza e Portal de Mapas

**Foto da capa:** Detalhe de mosaico bizantino do século VI.  
Basílica de Santa Sofia, Istambul, Turquia.  
Danita Delimont/Getty Images

**Protótipos**  
Magali Prado

---

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221, 1ª andar, Setor D  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061  
[www.scipione.com.br](http://www.scipione.com.br) / [atendimento@scipione.com.br](mailto:atendimento@scipione.com.br)

---

**2016**

ISBN 978852629907 8 (AL)  
ISBN 978852629908 5 (PR)  
Cód. da obra CL 713367  
CAE 566781 (AL) / 566782 (PR)

1ª edição  
1ª impressão

**Impressão e acabamento**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vicentino, Cláudio  
Olhares da história : Brasil e mundo / Cláudio  
Vicentino, José Bruno Vicentino ; colaboração de  
Saverio Lavorato Junior. -- 1. ed. -- São Paulo :  
Scipione, 2016.

Obra em 3 v.

1. História (Ensino médio) I. Vicentino, José  
Bruno. II. Lavorato Junior, Saverio. III. Título.

16-02782

CDD-907

**Índices para catálogo sistemático:**

1. História : Ensino médio 907

# Sumário

## Introdução: A construção do saber histórico

1. Nossa história: uma leitura do passado .....	12	3. Leituras do tempo .....	17
2. Fonte histórica ou documento histórico.....	13	Periodização .....	18
O trabalho do historiador com as fontes históricas .....	14	Os calendários.....	20
A relação presente-passado .....	16	Divisão de tempo e poder .....	21
		<b>Atividades .....</b>	<b>24</b>

## Unidade 1: Nossa história mais remota

### Saber histórico

*Discutindo a origem da humanidade* ..... 27

1. As sociedades ágrafas .....	28
2. Uma falsa trajetória: do atraso cultural ao progresso .....	29

### CAPÍTULO 1: Os primeiros agrupamentos humanos..... 31

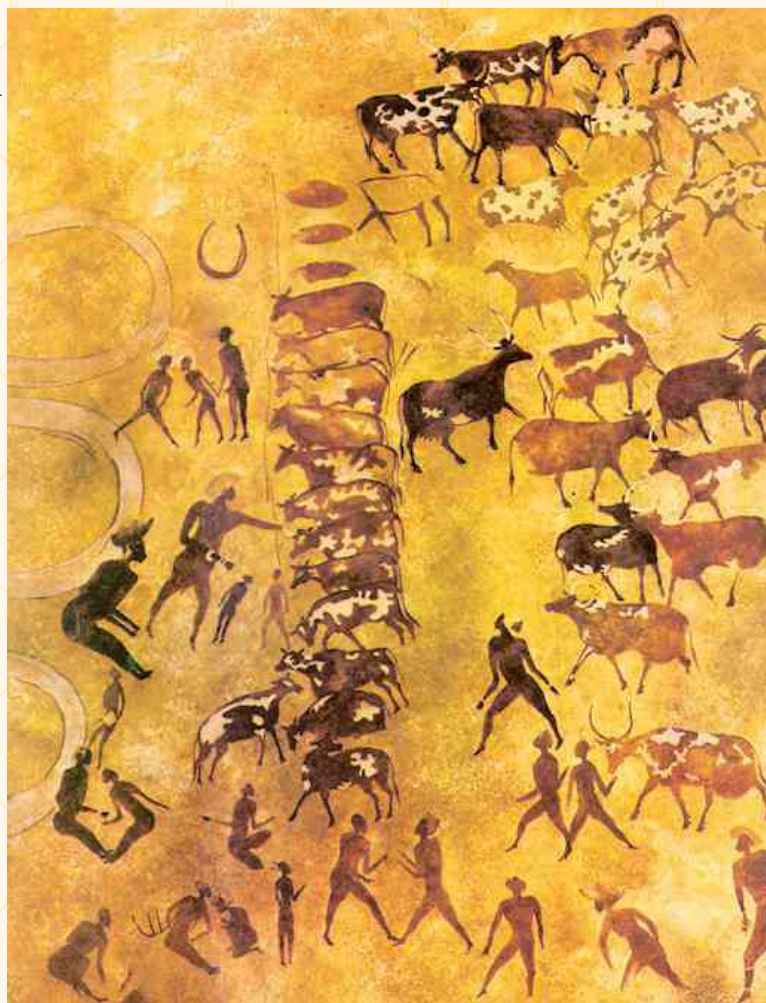
1. O estudo dos mais remotos vestígios da humanidade .....	32
Nossas origens .....	34
Migrações dos primeiros agrupamentos humanos.....	36
Organizando o estudo das diferentes espécies .....	37
2. Os agrupamentos humanos mais remotos.....	40
3. Do nomadismo às sociedades sedentárias .....	41
Agricultura, pecuária e fixação nas margens de grandes rios.....	42
Utilização de metais e desenvolvimento da agricultura.....	44
<b>Atividades .....</b>	<b>45</b>

### CAPÍTULO 2: Nossos ancestrais da América..... 49

1. Como chegaram ao nosso continente .....	50
<i>Pontos de vista</i> .....	52
2. Diversidade de culturas .....	54
3. A chegada dos europeus .....	58
<b>Atividades .....</b>	<b>60</b>

**Enem e vestibulares** ..... 64

Henri Lhote/Arquivo da editora



## Unidade 2: civilizações antigas

### Saber histórico

*Pensando sobre as diferentes civilizações antigas* ..... 69

1. Estudando a Antiguidade ..... 70
2. Civilização ..... 72

### CAPÍTULO 3: O Crescente Fértil

**e a Pérsia** ..... 79

1. Dos grupos nômades às cidades ..... 80
2. Das cidades aos reinos e impérios ..... 81

*A civilização mesopotâmica* ..... 81

Aspectos da economia, sociedade e cultura na Mesopotâmia ..... 82

Evolução política ..... 83

**Atividades** ..... 86

*A civilização egípcia* ..... 87

Aspectos da economia, sociedade e cultura ..... 89

Os períodos da história egípcia ..... 92

**Atividades** ..... 93

*Hebreus, fenícios e persas* ..... 94

Os hebreus ..... 94

Fenícios e persas ..... 96

*Dialogando com a Geografia* ..... 100

**Atividades** ..... 102

### CAPÍTULO 4: Outros povos

**da Antiguidade** ..... 104

1. Diversidade de povos e civilizações ..... 105
2. A Índia na Antiguidade ..... 105

Civilização Harappa ..... 105

Civilização védica ..... 107

3. A China antiga ..... 112

Dinastias Xia e Shang ..... 112

Dinastia Zhou ..... 112

Dinastia Ch'in ..... 113

Dinastia Han ..... 115

**Atividades** ..... 117

4. Civilizações americanas antigas ..... 119

Civilização Olmeca ..... 119

Chavín, zapotecas e toltecas ..... 120

Civilização maia ..... 120

Império Inca ..... 120

5. A África para além do Egito antigo ..... 121

O Reino de Kush ..... 123

*Construindo conceitos* ..... 124

**Atividades** ..... 126

**CAPÍTULO 5: Grécia antiga** ..... 128

1. Aspectos físicos da Grécia ..... 129
2. Povoamento e período pré-helênico ..... 130

Civilização cretense ..... 131

Civilização micênica ..... 132

Jônios, eólios e dórios ..... 132

3. Transformações: do Período Homérico ao Período Arcaico ..... 133

Economia e sociedade no Período Homérico ..... 135

Esparta: oligarquia e militarismo ..... 136

Atenas, construção da democracia ..... 137

4. Período Clássico ..... 140

*Construindo conceitos* ..... 142

Conflitos e enfraquecimento das cidades-Estado ..... 143

5. Cultura grega ..... 144

*Dialogando com as Artes Cênicas* ..... 148

6. Período Helenístico ..... 150

A cultura helenística ..... 150

**Atividades** ..... 152



Victoria & Albert Museum, Londres/Bridgeman Images/Keystone

<b>CAPÍTULO 6: A civilização romana</b> .....	<b>155</b>	<b>4. O Alto Império (séculos I a.C.-III d.C.)</b> .....	<b>166</b>
1. Roma e nós.....	156	Aspectos da expansão territorial.....	167
2. Da fundação de Roma ao fim da monarquia.....	157	Alguns governantes do Alto Império.....	167
A Itália primitiva e seus principais povos.....	157	<b>5. O Baixo Império (séculos III d.C.-V d.C.)</b> .....	<b>170</b>
3. República (séculos VI a.C.-I a.C.).....	159	Povos “bárbaros”.....	172
Aspectos do sistema político.....	160	<b>6. A cultura romana</b> .....	<b>173</b>
A expansão territorial romana.....	162	<b>Atividades</b> .....	<b>174</b>
Conflitos e transformações na República.....	163	<b>Enem e vestibulares</b> .....	<b>177</b>
O fim da República.....	165		

## Unidade 3: Europa, periferia do mundo

### **Saber histórico**

*Idade Média*..... 183

1. Idade Média: idade das trevas?..... 184
2. Idade Média: onde?..... 186

**CAPÍTULO 7: O Império Bizantino, o islã e o mundo**..... 187

1. Um período de transição..... 188
2. O Império Romano do Oriente..... 188
  - O governo de Justiniano..... 189
  - A religiosidade..... 191
3. Reinos da África..... 192
  - O Reino de Axum..... 192
  - O Reino de Gana..... 193
4. Os árabes e o islamismo..... 195
  - Formação e expansão do Império Islâmico..... 196

*Construindo conceitos*..... 197

5. A China imperial..... 198
  6. Algumas civilizações da América..... 199
    - Os indígenas pré-brasileiros..... 201
- Atividades**..... 203

**CAPÍTULO 8: A formação da Europa**..... 208

1. O espaço como construção social e histórica..... 209
  2. Alta Idade Média e a ruralização europeia..... 210
    - Os reinos germânicos..... 210
  3. Baixa Idade Média: a caminho da Europa urbana..... 214
    - As Cruzadas..... 215
    - A expansão do comércio na Europa..... 218
    - O florescimento urbano..... 219
- Atividades**..... 222

Jerónimo Alba/Alamy/Latinstock.



## CAPÍTULO 9: Cultura, economia

### e sociedade medieval..... 225

#### 1. Igreja Cristã: predomínio na Idade Média..... 226

#### 2. A cultura da Idade Média ..... 227

A influência cultural árabe ..... 228

#### 3. O dinamismo cultural da Baixa Idade Média ..... 228

As artes na Baixa Idade Média ..... 231

#### Atividades ..... 234

#### 4. Senhores e servos ..... 235

#### 5. Na contramão da Europa feudal ..... 239

#### Pontos de vista ..... 240

#### 6. Chineses e árabes à frente dos europeus ..... 242

#### Atividades ..... 243

## CAPÍTULO 10: O mundo às vésperas

### do século XVI ..... 246

#### 1. Cenários político, social e cultural nos séculos XIV e XV ..... 247

#### 2. A formação das monarquias centralizadas na Europa..... 247

*O reino francês*..... 248

A Guerra dos Cem Anos ..... 250

*O reino inglês*..... 253

*Portugal e Espanha*..... 254

A dinastia de Avis..... 257

#### *Construindo conceitos* ..... 258

#### 3. O mundo não europeu antes de 1500..... 259

*Índia, China e Japão* ..... 259

*Reinos africanos* ..... 262

*América: incas e astecas* ..... 263

#### Atividades ..... 266

### Enem e vestibulares ..... 272

### Sugestões de leitura

para o aluno ..... 278

Bibliografia ..... 279



The Granger Collection/Other Images



Foto aérea da cidade de Boa Vista, Roraima, de 2014. O traçado urbanístico, em forma de leque, foi desenvolvido para que o antigo povoado e sede de uma fazenda de gado do século XIX atendessem a uma nova finalidade: a de capital do Território Federal do Rio Branco, criado em 1943.

Em geral, as cidades se formaram e se desenvolveram em função de diferentes fatores, como a existência de recursos naturais propícios para a sobrevivência de seus habitantes e a implantação de espaços de governança, de aprendizado, de templos religiosos. Uma cidade até poderia se formar em áreas próximas a lugares considerados sagrados. E a cidade onde você vive? Quais fatores contribuíram para a formação e para o desenvolvimento dela?

# 1 Dos grupos nômades às cidades

As mais antigas cidades surgiram entre 8 mil anos e 10 mil anos atrás. Em 1800, há pouco mais de 200 anos, a taxa mundial de urbanização era de aproximadamente 2%. Segundo dados da ONU, essa taxa de urbanização mundial em 2014 era de cerca de 54% e estima-se que em 2050 chegará a mais de 66%. No Brasil essa taxa já é hoje superior a 85%, bem maior que a da Europa, que é de 75%. E como teriam surgido as primeiras cidades? O texto abaixo aponta algumas teses sobre isso:

Em seu clássico *A cidade na História*, Lewis Mumford defende algumas teses fascinantes sobre a origem das cidades. Entre outras, afirma que a cidade dos mortos (necrópolis) antecedeu a cidade dos vivos (pólis). As verdadeiras fundadoras de cidades e civilizações teriam sido as mulheres, que cultuavam seus mortos em lugares aos quais, mesmo em períodos de nomadismo, voltavam com regularidade, erguendo santuários para aqueles que haviam partido deste mundo. As mulheres ainda procuravam lugares seguros e protegidos para dar à luz, lugares esses simbolizados pelo círculo, remetendo à cidade com muralhas. A cruz, a grade ou o tabuleiro representariam de forma mais imediata as ruas da cidade e, metaforicamente, a ousadia, o expansionismo dos homens, sua atitude conquistadora e guerreira. Por isso, não surpreende que os hieróglifos de mulher, casa e cidade se confundem.

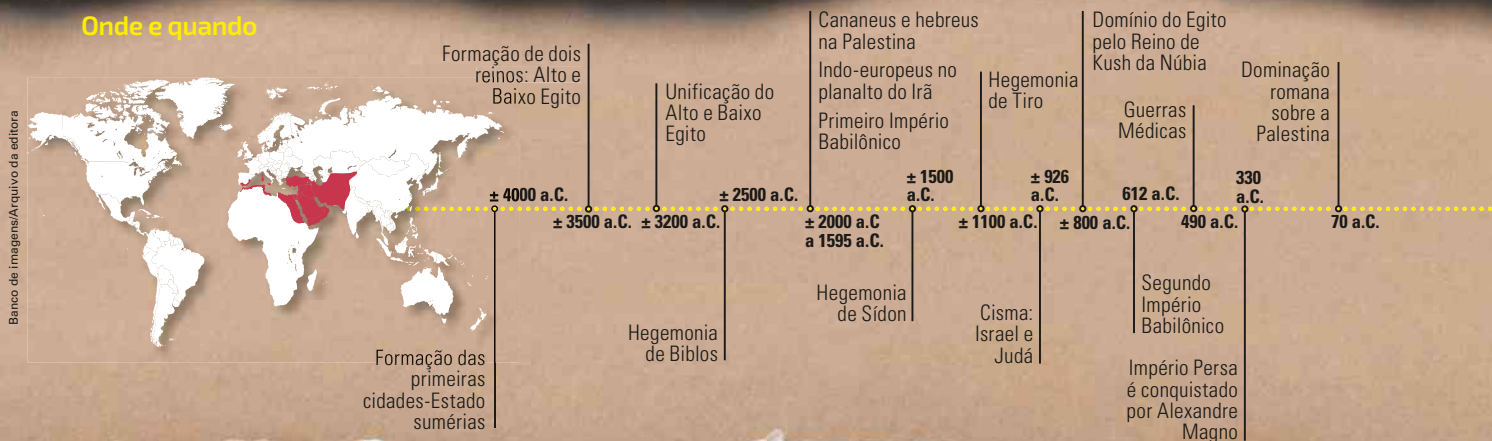
FREITAG, Bárbara. *Utopias urbanas*. Conferência de encerramento do IX Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, em 2001. Disponível em: <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/01/freitag-bc3a1rbara-utopias-urbanas.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

Como vimos, em diversos locais e em momentos distintos certos agrupamentos humanos começaram a trocar a caça e a coleta pela pecuária e pela agricultura. Com essas novas atividades, já não precisavam se locomover constantemente em busca de alimento. Tornaram-se sedentários, isto é, estabeleceram moradias fixas. Isso não significa que a mudança tenha sido repentina, ou que as atividades de caça e coleta tenham sido totalmente eliminadas. Especialistas concordam que essas diferentes atividades (caça, coleta, domesticação de animais e agricultura) conviveram, mas aos poucos a fixação à terra tornou-se predominante.

No Neolítico, com a sedentarização e o desenvolvimento da agricultura, formaram-se **aldeias**. Graças à conservação e armazenagem de gêneros alimentícios, tornou-se possível ter alguma segurança diante do risco de más colheitas. Além disso, a produção agrícola e a criação de animais permitiam alimentar aqueles que não trabalhavam diretamente no campo. Como nem todos precisavam dedicar-se à agricultura, as atividades se diversificaram e ampliou-se a separação entre os espaços rural e urbano.

Boas colheitas dependiam da irrigação do solo. Por isso, era comum que essas comunidades se localizassem perto de rios que tinham fluxo abundante de água, pelo menos durante parte do ano.

Veja abaixo os períodos e os lugares em que se passaram os principais eventos do capítulo.



Linha do tempo esquemática. O espaço entre as datas não é proporcional ao intervalo de tempo.

Estima-se que as aldeias do Neolítico começaram a ser formadas há cerca de 11 mil anos. Uma delas, a de Çatal Hüyük, foi descoberta na década de 1960, em escavações na Turquia. Calcula-se que ela tenha existido há cerca de 10 mil anos e que reuniu de 5 mil a 10 mil habitantes. Em escavações recentes, pesquisadores iugoslavos encontraram, na atual Sérvia, um conjunto de vilas do Neolítico denominado Lepenski Vir. Estima-se que ele tenha existido há 8,5 mil anos.

A existência de aldeias e cidades de períodos mais recentes (desde cerca de 4 mil anos atrás) foi registrada também em regiões da Índia, da China, do Egito e da América.

Escavações em Çatal Hüyük, na atual Turquia. Foto de 2013.



Jason Quinlan/Çatalhöyük Research Project

## 2 Das cidades aos reinos e impérios

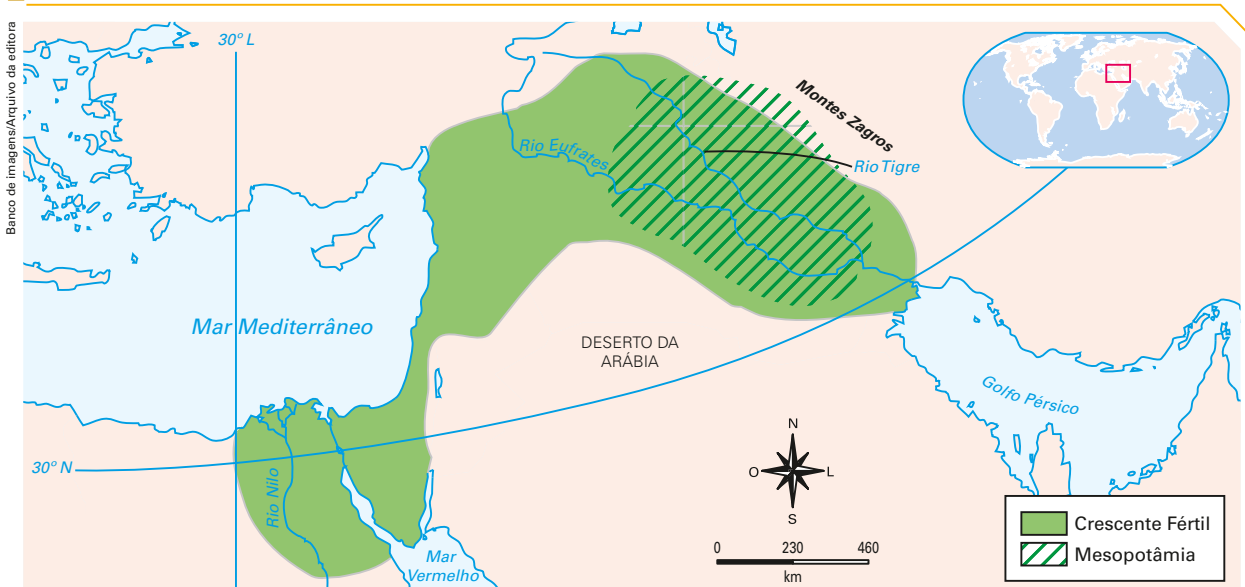
Neste e nos próximos capítulos, abordaremos aspectos de algumas civilizações da Antiguidade. Longe de pretender esgotar o assunto, queremos apenas evidenciar alguns sinais da trajetória humana nesse período, marcado pela formação de cidades em diferentes lugares do mundo. Com elas, novas atividades ganhavam vida. Nas cidades estavam as construções públicas (ruas, pontes, templos, praças), o comércio (mercados e portos) e a sede do governo (palácios). Geralmente eram cercadas por muralhas, demarcando seus limites com o campo da agricultura e do pastoreio. As muralhas também protegiam as cidades de invasões e ataques.

### A civilização mesopotâmica

A Mesopotâmia situa-se no Oriente Médio, entre os rios Tigre e Eufrates, na região conhecida como **Crescente Fértil**. Como o nome sugere, trata-se de uma região fértil, embora localizada em meio a montanhas e desertos. Mesopotâmia vem do grego (*meso* = meio; *potamos* = água) e significa “terra ou região entre rios”.

**Crescente Fértil:** região de terras férteis formada por um arco semelhante à Lua em quarto crescente e que vai do Egito ao norte do golfo Pérsico, passando pela costa oriental do mar Mediterrâneo e por toda a Mesopotâmia.

### Crescente Fértil



Adaptado de: ALBUQUERQUE, M. M. de; REIS, A. C. F.; CARVALHO, C. D. de. *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: Fename, 1979. p. 73.

## Aspectos da economia, sociedade e cultura na Mesopotâmia

Quanto à organização socioeconômica, há grandes semelhanças entre as civilizações que floresceram na Mesopotâmia e no Egito, que estudaremos a seguir. Entretanto, algumas diferenças geográficas influenciaram o desenvolvimento de ambas. Situado entre dois desertos no nordeste da África, o território ocupado pelos egípcios estava sob um relativo isolamento geográfico, o que lhes possibilitou longos períodos de estabilidade política. A Mesopotâmia, por sua vez, é ainda hoje uma região aberta a invasões. Além disso, o regime de cheias dos rios Tigre e Eufrates não é regular. Na região banhada por eles, inundações violentas e períodos de seca são frequentes.

Os primeiros vestígios de sedentarismo humano na Mesopotâmia datam de aproximadamente 10000 a.C. Com o crescimento populacional e a formação dos primeiros núcleos urbanos da região, foi desenvolvido um complexo sistema hidráulico, que tornou possível a drenagem de pântanos e a construção de diques e barragens, destinados a evitar inundações e armazenar água para épocas de seca.

O sucesso das atividades produtivas levou à formação de grandes cidades com mais de mil habitantes, como Uruk, já por volta de 4000 a.C. Essas cidades tinham principalmente função militar. Elas protegiam a riqueza gerada pela agricultura e exerciam o controle político da região.

Ao longo de milhares de anos, cidades-Estado, reinos e impérios foram formados. Durante todo esse período, a agricultura foi a principal atividade econômica praticada pela população da Mesopotâmia, mas o comércio e o artesanato também tiveram um desenvolvimento significativo.

Nas primeiras cidades estabelecidas na região mesopotâmica, emergiram lideranças com a responsabilidade de cuidar dos canais de irrigação, da justiça e da burocracia. Não havia separação entre a vida prática, do dia a dia, e a vida religiosa. Todos prestavam serviços aos deuses e à administração locais, aumentando o poder das duas principais instituições mesopotâmicas: o **templo** e o **palácio**. Cabia a elas a maior parte das terras, além da responsabilidade de cuidar da tributação e da redistribuição dos excedentes agrícolas.

Nos diferentes reinos e impérios que ali se formaram, a estrutura social tinha em seu topo uma elite que controlava a parcela da população submetida ao trabalho compulsório. Essa elite, independentemente da etnia, dominava os grupos sociais por meio de um governo **despótico**, centralizado e **teocrático**, ou seja, associava-se a autoridade do governante à religiosidade. Quanto aos escravos, seu número foi bastante elevado em certos períodos, principalmente sob o Império Assírio.

**despótico**: relativo a despotismo, forma de governo baseada no poder absoluto e arbitrário de um único governante.  
**teocrático**: forma de governo no qual o poder político está baseado no poder religioso ou no qual o governante é considerado um deus ou um representante de Deus ou dos deuses.

A religião mesopotâmica servia de ligação entre a população e os governantes. Os sacerdotes (templo) tinham importante função política e o governante (palácio) era considerado um representante dos deuses.

Os povos da antiga Mesopotâmia eram politeístas, ou seja, adoravam vários deuses, que representavam forças da natureza. Acreditavam que esses deuses – que habitariam os **zigurates**, templos em forma de pirâmides – podiam interferir em sua vida, causando o bem e o mal. Ishtar, deusa da chuva, da primavera e da fertilidade, era particularmente importante (ver foto do Portal de Ishtar na página 74). Havia também deuses próprios de cada cidade.

Além de morada dos deuses, os zigurates abrigavam celeiros e oficinas. Serviam também de torres de observação dos céus. Ali eram feitos cálculos do movimento de planetas e estrelas.



ESSAMI AL-SUDANI/Agência France Press

Sítio arqueológico de Uruk, situado na região sudeste da antiga Mesopotâmia, em 2010.

Por meio da observação do céu, os mesopotâmicos desenvolveram os princípios da Astronomia e da Astrologia, além de elaborarem um calendário que dividia o ano em doze meses e a semana em sete dias.

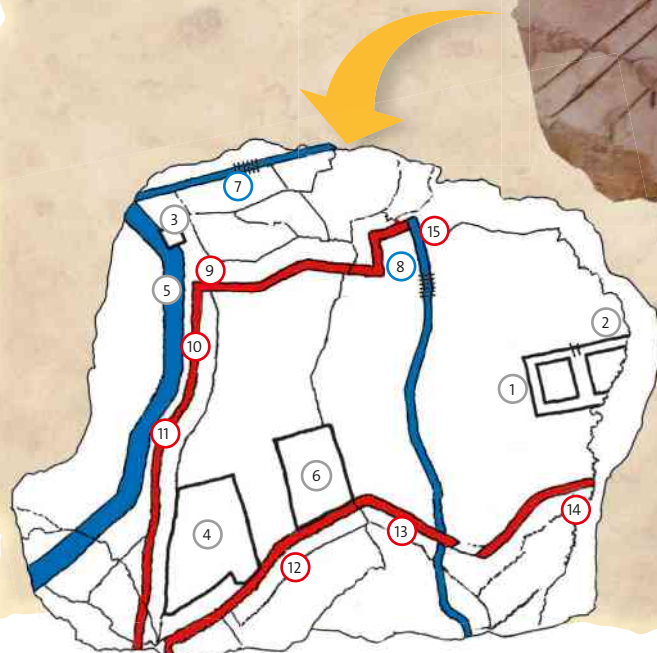
Na região mesopotâmica, despontaram muitos sábios, responsáveis, dentre outras coisas, pelo desenvolvimento dos cálculos algébricos, pela divisão do círculo em 360 graus e pelo cálculo da raiz quadrada e cúbica dos números. As primeiras obras arquitetônicas nas quais foi introduzido o uso de arcos e a decoração em baixo-relevo também estão em cidades da Mesopotâmia.

Destaca-se, ainda, o surgimento de poemas e narrativas épicas, como *A epopeia de Gilgamesh*. Esse texto, considerado por alguns estudiosos a narrativa escrita mais antiga de que se tem notícia (c. 2000 a.C.), conta as aventuras do lendário rei sumério Gilgamesh, de Uruk. Em um dos episódios, o texto apresenta a **narrativa do dilúvio**, recorrente em muitas culturas. O mesmo episódio, por exemplo, está presente no Antigo Testamento, que faz parte da Bíblia, livro sagrado de judeus e cristãos.

## Evolução política

No fim do Neolítico, diversas cidades já haviam sido criadas na Mesopotâmia, todas elas autônomas e habitadas por **sumérios**, povo oriundo do vizinho planalto do Irã. Ur, Nipur e Lagash, além da já citada Uruk, foram os principais centros urbanos (veja a planta de Nipur a seguir).

Planta da cidade sumeriana de Nipur, feita em tábuas de argila (c. 1600 a.C.). Abaixo, reprodução da planta com identificação dos principais pontos.



- ① e ② Templos
- ③ Santuário
- ④ Parque
- ⑤ Rio Eufrates
- ⑥ Grande Recinto (talvez do palácio real)
- ⑦ e ⑧ Canais
- ⑨ a ⑮ Portos

Adaptado de: BARBERIS, Carlo. *Storia Antica e Medievale*. Milão: Casa Editrice G. Principato S.p.A., 1997. p. 37. v. 1.

Richard Ashworth/Robert Harding Heritage/AFP



Zigurate de Ur, em Nasiriya, no atual Iraque. Foto de 2015. Construído em homenagem ao deus da Lua, Nanna, entre 2113 e 2096 a.C., o Zigurate de Ur é o mais bem conservado da Mesopotâmia.

**narrativa do dilúvio:** narrativa mítica presente em diversas culturas em que uma ou várias divindades enviam uma grande inundação para destruir a civilização. A maioria dessas narrativas conta com uma espécie de herói que representa a vontade de sobrevivência da humanidade.

Jörg Kemel/Coletivo particular

As cidades eram governadas por *patesis*, misto de chefes militares e sacerdotes que exerciam o controle sobre a população, cobrando impostos e administrando as obras hidráulicas. Os sumérios criaram a escrita **cuneiforme**, para registrar suas transações econômicas.

## Leituras



O texto a seguir trata da origem do sistema de escrita criado pelos povos mesopotâmicos. Leia-o com atenção.

### Dos pictogramas à escrita cuneiforme

A escrita mesopotâmica inicial empregava pictogramas, associando uma forma ou imagem a cada palavra ou ideia, semelhante ao que ocorria no sistema egípcio de hieróglifos. Essa escrita, chamada de “Uruk IV”, descoberta ao sul da Mesopotâmia, data de 3000 a.C. As inscrições encontradas eram principalmente listas de cabeças de gado e de equipamentos agrícolas.

Por volta de 2500 a.C., o sistema de escrita aproximou-se de uma representação das palavras, com símbolos gravados na argila feitos com um caniço cortado ou estilete. Esse sistema era capaz de representar não apenas palavras isoladas, mas também valores fonéticos – ou seja, as formas podiam representar sons. Com o tempo, os símbolos cuneiformes foram simplificados e convencionados, o que facilitou sua representação em diferentes línguas.

RATHBONE, Dominic. *História ilustrada do mundo antigo*. São Paulo: Publifolha, 2011. p. 96.

Por volta de 2400 a.C., o **povo acádio**, que já vinha se introduzindo na região havia algum tempo, dominou a Mesopotâmia, incorporou a cultura dos sumérios e manteve a supremacia por, aproximadamente, três séculos. Entre os vários reis dessa etnia destacou-se Sargão I, que estendeu os domínios acádios do Golfo Pérsico à região do atual Líbano, às margens do mar Mediterrâneo.

Porém, contínuas invasões estrangeiras desestabilizaram o Império Acádio, por volta de 2230 a.C. Ao enfraquecimento do poder central, seguiu-se mais à frente a predominância sumeriana do poder de Ur (2112 a.C.-2004 a.C.), que sucumbiu após novas invasões.

Revoltas de povos dominados e a invasão dos **amoritas**, povo proveniente da região noroeste, entre o rio Eufrates e o território da atual Síria, alteraram a suprema-

cia política na região. A partir de 1950 a.C., uma sucessão de reis amoritas deu origem a uma nova dinastia. Hamurabi (c. 1810 a.C.-1750 a.C.) foi o governante amorita de maior destaque. Entre 1792 a.C. e 1750 a.C., ele manteve uma extensão territorial que ia do golfo Pérsico até a Assíria sob seu domínio, formando o que ficou conhecido como **Primeiro Império Babilônico**. Durante esse período, a cidade de Babilônia, capital do império, tornou-se um dos principais centros urbanos e políticos da Antiguidade.

Sob seu reinado, Hamurabi estabeleceu um código de leis escritas buscando unificar a legislação. O **Código de Hamurabi** determinava penas para delitos domésticos, comerciais, ligados à propriedade, à herança, à escravidão e a falsas acusações. As punições se baseavam na **lei de talião**, que pregava o princípio do “olho por olho, dente por dente”. Assim, elas deveriam ser, na medida do possível, semelhantes aos delitos cometidos, embora pudessem variar conforme a posição social e econômica da vítima e do infrator. Para um ladrão, por exemplo, a pena era ter uma das mãos cortada. Veja alguns destaques do código de Hamurabi na página ao lado.

Ao declínio do Primeiro Império Babilônico seguiram-se invasões de diversos povos. Observe no mapa da página ao lado a localização de alguns desses povos. Os **assírios**, conhecidos por seu forte caráter militar, chegaram a fundar um império que durou de 1307 a.C. a 609 a.C. Já os **caldeus**, fundadores do **Segundo Império Babilônico**, ficaram famosos pelas seguidas conquistas e pelo governo de Nabucodonosor (604 a.C.-561 a.C.), com suas obras urbanas na Babilônia. Esse poderio não foi capaz de conter as tropas dos conquistadores **persas** comandadas por Ciro, o Grande (c. 559 a.C.-529 a.C.). No século VI a.C., a Babilônia foi integrada ao **Império Persa**.



Relevo do século IX a.C. retratando um encontro entre o rei assírio Salmanaser III (que governou entre 859 a.C. e 824 a.C.) e um babilônico.

Bridgeman Images/Keystone

## Artigos do Código de Hamurabi

Art. 200. Se um homem arrancou um dente de um outro homem livre igual a ele, arrancarão o seu dente.

Art. 201. Se ele arrancou o dente de um homem vulgar, pagará um terço de uma mina de prata.

Art. 229. Se um pedreiro edificou uma casa para um homem, mas não a fortificou e a casa caiu e matou o seu dono, esse pedreiro será morto.

Art. 230. Se causou a morte do filho do dono da casa, matarão o filho desse pedreiro.

Art. 231. Se causou a morte do escravo do dono da casa, ele dará ao dono da casa um escravo equivalente.

Art. 232. Se causou a perda de bens móveis, compensará tudo que fez perder. Além disso, porque não fortificou a casa que construiu e ela caiu, deverá reconstruir a casa que caiu com seus próprios recursos.

*Código de Hamurabi. Bauru: Edipro, 1994. p. 36 e 38. (Clássicos).*

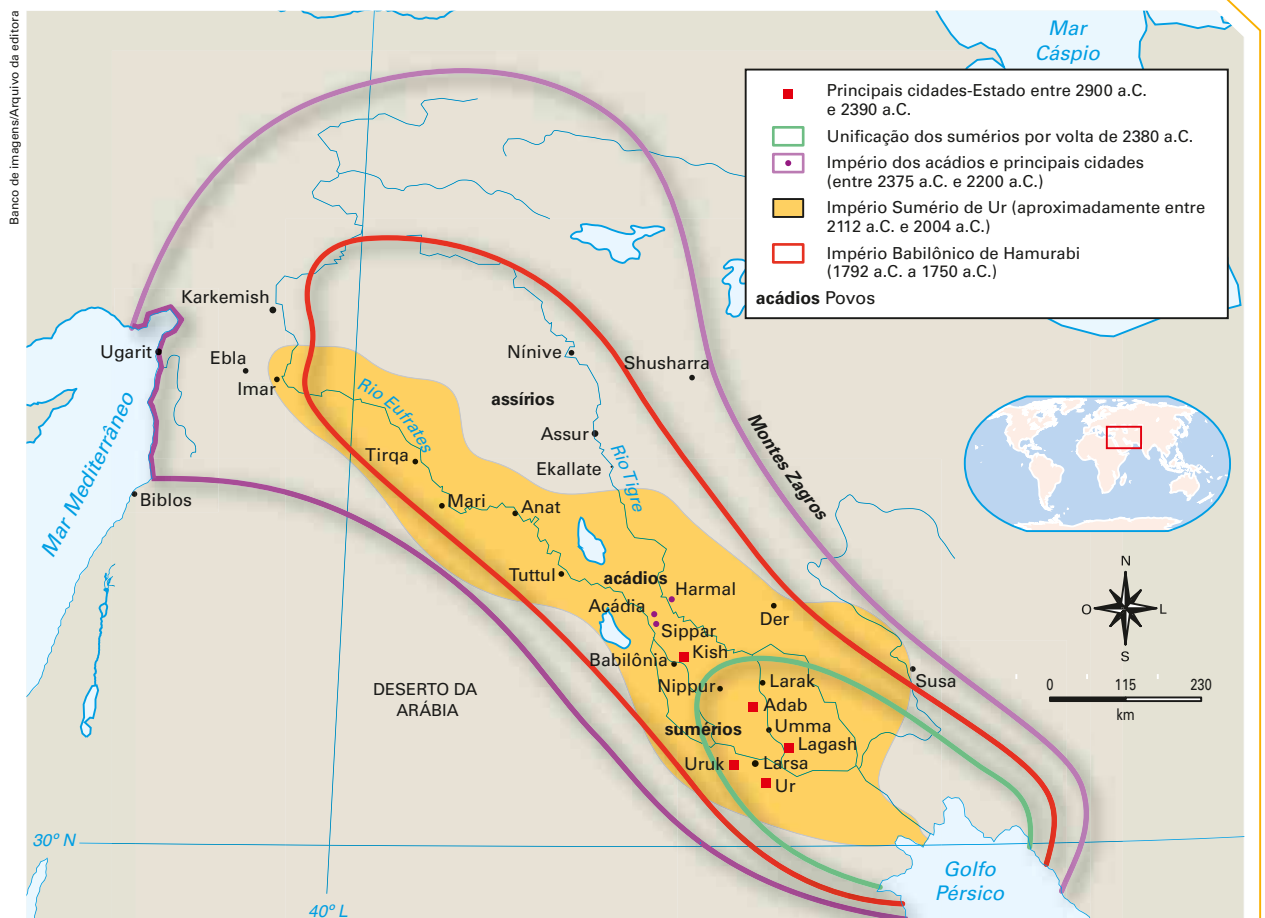
Museu do Louvre, Paris/Erich Lessing/Albument/ainstock



O Código de Hamurabi, em escrita cuneiforme, foi esculpido em um bloco de rocha. Em sua parte superior, há uma representação de Hamurabi em frente ao deus sumeriano do Sol. Atualmente, faz parte do acervo do Museu do Louvre, em Paris, na França. Foto de 2011.

**mina:** medida de peso equivalente a cerca de 500 gramas.

## Povos da Mesopotâmia do IV ao II milênio a.C.



Adaptado de: ATLANTE storico de Agostini. Novara: Istituto Geografico de Agostini, 2005. p. 4.



## Retome

1. Com o propósito de estudar as civilizações antigas, os historiadores se debruçam sobre dois tipos de vestígios deixados pelas pessoas que viveram no passado: os voluntários e os involuntários. Qual é a diferença entre eles?
2. A Pedra de Roseta, encontrada por uma expedição científica e militar francesa no Egito em 1799, foi um dos achados arqueológicos mais importantes para os futuros estudos sobre a antiga civilização egípcia. O que é a Pedra de Roseta e por que ela é tão importante?
3. Em todas as principais cidades da Mesopotâmia, dois edifícios se destacavam e dominavam a paisagem: o palácio e o zigurate. Quais eram as funções do zigurate?

## Pratique

4. Leia o trecho abaixo, extraído do livro *Europa*, escrito pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Depois, faça o que se pede:

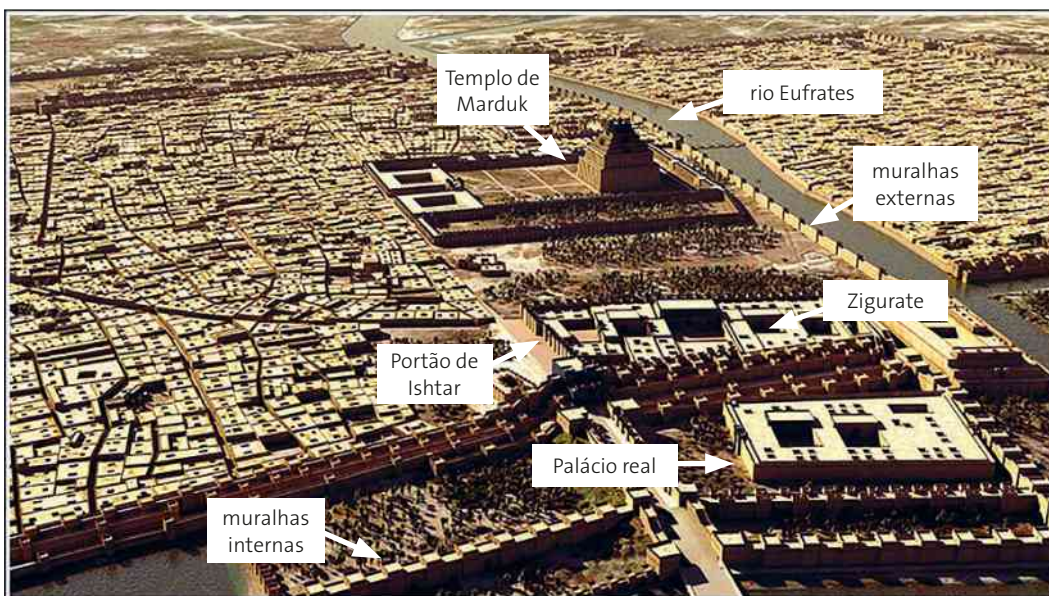
Como Denis de Reugemont decisivamente afirmou, a Europa descobriu todas as terras do planeta, mas nenhuma delas jamais descobriu a Europa. Ela dominou sucessivamente todos os continentes, mas nunca foi dominada por nenhum deles. E ela inventou uma civilização que o resto do mundo tentou imitar ou foi compelido pela força a reproduzir, mas o processo inverso nunca aconteceu (pelo menos até agora). Todos esses são os “fatos duros” de uma história que nos trouxe, juntamente com o resto do planeta, ao lugar que todos nós compartilhamos hoje em dia. Pode-se definir a Europa, sugere De Reugemont,

pela sua “função globalizante”. A Europa pode ter sido, de modo consistente e por longo tempo, um recanto atipicamente arriscado do planeta – mas as aventuras em que ela se lançou em mais de dois milênios de história “mostraram-se decisivas para o conjunto da humanidade”. Com efeito, tentem imaginar a história do mundo sem a presença da Europa.

BAUMAN, Zygmunt. *Europa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 14-15.

- a) Para Bauman, que papel a Europa desempenhou na formação do mundo contemporâneo?
  - b) Releia o tópico “Civilização”, na seção *Saber histórico* que antecede este capítulo, p. 72, e estabeleça uma relação entre a avaliação feita por Bauman e a seleção e organização dos currículos escolares de História.
5. A imagem abaixo é uma reconstituição gráfica da cidade da Babilônia sob o reinado de Nabucodonosor. Observe como a cidade foi organizada e distribuída pelo terreno. Identifique os principais edifícios, observando sua localização e posição em relação às construções vizinhas. Fique atento aos limites da cidade e ao que há além deles. Em seguida, responda às questões.
    - a) Quais são as principais construções da cidade?
    - b) O que diferencia essas construções das demais?
    - c) O que você pode reconhecer para além das muralhas da cidade?
    - d) Com base no que vemos na reconstituição da cidade, podemos inferir se a região estava sujeita a ameaças externas ou se era segura e pacífica? Por quê?
    - e) A planta da Babilônia nos oferece pistas acerca do tipo de governo que existia na cidade? Justifique.

Museu Real de Ontário, Canadá © 2013 Byzantium 1200



Essa reconstituição da cidade antiga da Babilônia foi criada para uma exposição sobre a Mesopotâmia exibida no Museu Real de Ontário em 2013.

## A civilização egípcia

Há 20 000 anos o mundo passava pela Idade do Gelo (Era Glacial), com grandes áreas encobertas por geleiras, como o norte da Europa, a América e a Ásia. Alguns estudiosos apontam que, nessa época, existia um grande lago no nordeste da África que englobava boa parte da área desértica que se estendia até o atual Nilo. Mudanças climáticas importantes ocorridas entre 15 000 e 10 000 anos atrás recuaram as geleiras e transformaram essa região, fazendo o grande lago recuar para o leito do rio Nilo. Nesse processo, os remotos “colonos” neolíticos seguiram as transformações naturais e fixaram-se ao longo do rio Nilo.

A civilização egípcia floresceu às margens do rio Nilo, no extremo nordeste da África, em região desértica. Graças à proximidade do rio, os egípcios se beneficiaram de seu regime de cheias. Durante certos meses do ano, abundantes chuvas na nascente do rio, ao sul, provocavam o transbordamento das águas. O conseqüente depósito de **húmus** fertilizava suas estreitas margens. Ao final do período de cheias, o rio voltava ao leito normal e as margens, naturalmente fertilizadas, tornavam possível uma rica agricultura.

**húmus:** matéria orgânica depositada nas margens dos rios; espécie de adubo natural.



Vista noturna da região do vale do rio Nilo obtida por satélite em 2010. A grande concentração de luzes indica a ocupação dessa área.

Algumas décadas atrás estudiosos afirmavam que tal fixação ao longo do rio Nilo havia sido possível com a incorporação de realizações neolíticas (agricultura e domesticação) advindas de experiências da região mesopotâmica, levadas para o norte do Egito. Essa hipótese para explicar a fixação de populações ao longo do Nilo recebeu o nome de **hipótese oriental**.

Mais recentemente, vários arqueólogos e historiadores começaram a defender outra ideia: a fixação ao longo do rio Nilo teria ocorrido em razão de realizações dos próprios povos africanos da região. Essa é, portanto, a hipótese africana que explica a origem egípcia. Estudiosos destacam também que a escrita e as mais típicas tradições culturais e políticas do Antigo Egito se originaram no próprio continente africano, em épocas anteriores, no sul do Egito.

Com o aumento populacional no Neolítico, tornaram-se necessárias obras hidráulicas, como a construção de diques e canais, para o cultivo agrícola. Segundo pesquisas arqueológicas e históricas, a organização do trabalho às margens do Nilo, a construção de diques e outras obras foram realizadas inicialmente pelas coletividades locais e regionais conhecidas como **nomos**. Mais tarde, ficaram a cargo de uma estrutura governamental mais complexa e os nomos transformaram-se em regiões administrativas, econômicas e religiosas do Egito antigo. Os governantes dos nomos eram chamados de nomarcas.

### Rio Nilo (extensão de 6,7 mil quilômetros)



Adaptado de: DUBY, G. *Atlas histórico mundial*. Madri: Debate, 1989. p. 6.

Vários estudiosos afirmam que o Estado egípcio foi precedido por intensa urbanização. Entre os indícios mais antigos segundo os estudos arqueológicos estão os sítios arqueológicos de Maadi e Gerzea, ao norte, e os de evolução urbana mais acentuada são os de Nagada e Hieracômpolis, ao sul (ver mapa na página anterior).

A atuação dos nomarcas, a expansão das atividades agrícolas, graças às obras de irrigação e drenagem, e as seguidas disputas regionais contribuíram para a união dos nomos. Esse processo originou, perto de 3500 a.C., dois reinos: o do **Alto Egito**, ao sul, e o do **Baixo Egito**, ao norte, na região do delta do Nilo.

Séculos depois, aproximadamente em 3200 a.C., deu-se a **unificação** do Estado egípcio, o primeiro reino unificado de que se tem conhecimento. Acredita-se que

um chefe do Alto Egito uniu os dois reinos, subordinando os cerca de quarenta nomos e tornando-se o primeiro **faraó**. Há dúvidas sobre seu nome, tendo sido mais comumente atribuídos os nomes Menés ou Narmer (em grego). O nome Menés aparece em alguns registros, como a Lista Real de Abydos e o Papiro de Turim, mas sua existência, assim como sua identidade como Narmer, não foi confirmada por nenhum achado arqueológico. Inicialmente, a cidade de Tínis foi a sede do novo Estado, e mais tarde, Mênfis.

**faraó**: termo de origem egípcia que significa 'casa grande' ou 'grande morada'. Inicialmente, denominava o palácio do rei; depois passou a denominar o título dos reis. É importante destacar que a palavra só passou a ser usada a partir do Novo Império (depois de 1580 a.C.).

## Leituras



Muitos estudiosos apontam a cidade de Hieracômpolis, cuja formação ocorreu por volta de 3800 a.C., como ponto de partida para a unificação do Estado egípcio.

### A hipótese Pan-Africana

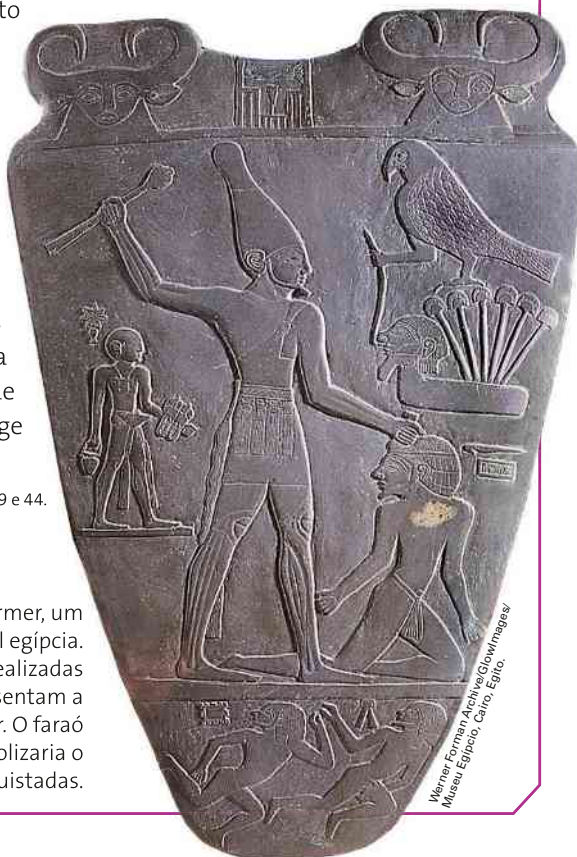
[...] a civilização egípcia teve suas raízes na própria África, e não necessariamente por influência da Mesopotâmia. Essa é a hipóteses que aqui chamamos de Hipótese Pan-Africana.

Nessa série de novas investigações, o sítio da antiga Hierakonpolis – do grego *polis* (cidade) e *hierakon* (falcão) – tem se mostrado como um dos mais importantes. Chamado pelos egípcios de *Nekhen*, o local sempre foi associado pelos especialistas ao nascimento da monarquia e do Estado faraônico. Diversos objetos ali prospectados testemunham que os primeiros faraós tinham ligações com o local.

[...] Outro objeto depositado em Hierakonpolis é uma cabeça que, segundo muitos, seria do faraó Narmer, o fundador da I Dinastia [...]. Chamam particular atenção os traços da figura, muito próximos daqueles de alguns grupos dos africanos negros. Os pan-africanistas, inclusive, seguidamente apresentam essa cabeça como sendo uma das evidências que os egípcios pertenciam à raça negra. Essa, aliás, é uma das controversas questões sobre a civilização egípcia. A que raça os egípcios pertenceram? Uma pergunta que está longe de ser resolvida.

DOBERSTEIN, Arnoldo W. *O Egito antigo*. Porto Alegre: Edipurs, 2010. p. 9 e 44.

A imagem ao lado mostra uma das faces da Paleta de Narmer, um alto-relevo de 63 centímetros, possivelmente uma placa cerimonial egípcia. Encontrada em 1898 pelo britânico James Quibell em escavações realizadas em Hieracômpolis, antiga cidade do Alto Egito. Seus relevos representam a unificação do Alto e do Baixo Egito e o primeiro faraó e rei unificador. O faraó agarra pelos cabelos um homem ajoelhado a seus pés, que simbolizaria o inimigo, as regiões conquistadas.



Werner Forman Archive/Glowimages/  
Museu Egípcio, Cairo, Egito.

## Aspectos da economia, sociedade e cultura

Ao longo dos milhares de anos da história antiga egípcia, prevaleceu a **servidão coletiva**. Portanto, os camponeses eram obrigados a realizar grandes obras de irrigação coordenadas pelo Estado, além de construir depósitos para armazenagem, templos, palácios e monumentos funerários. Esses trabalhos eram feitos quase sempre na época das cheias do Nilo, quando as atividades agrícolas eram interrompidas temporariamente.

O Egito era grande produtor de cereais, em especial trigo, algodão, linho e **papiro**. Havia criações de cabras, carneiros e gansos, e o rio oferecia a possibilidade da pesca. Praticava-se o artesanato e a produção de tecidos e vidros. A construção naval também era significativa.

A organização da **sociedade** era bastante rígida. Com o início do período dinástico – o **Império Egípcio** –, a partir da unificação, o faraó passou a concentrar todos os poderes e a maior parte das terras, sendo considerado um deus vivo. Tratava-se, portanto, de uma **monarquia teocrática**. O governante se impunha como senhor supremo do Egito, exercendo o papel de chefe de um

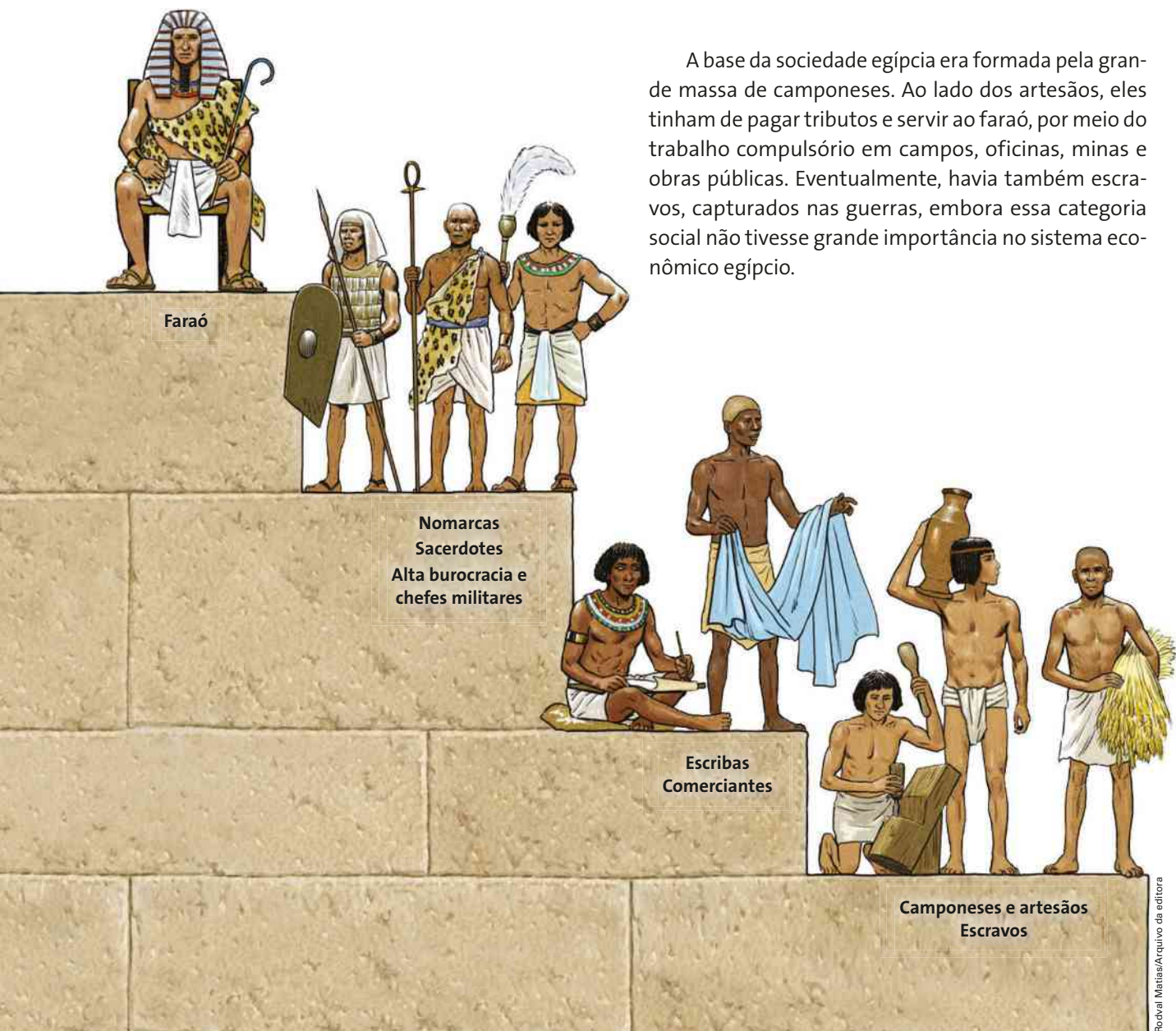
Estado centralizado. Controlava a economia, com funcionários que administravam templos, terras, pessoas, barcos, rebanhos e cobravam tributos e trabalhos. Os nomarcas, que acumulavam grandes riquezas e tinham importante poderio regional, disputaram em alguns momentos esse poder com os faraós. Mas acabaram se tornando representantes do poder central, administrando aldeias e cidades, arrecadando impostos e fazendo cumprir as decisões do faraó.

Logo abaixo dos nomarcas na hierarquia estavam os sacerdotes, os grandes burocratas (funcionários do Estado) e os chefes militares. Em seguida, vinha a baixa burocracia, formada pelos escribas, conhecedores da complexa escrita hieroglífica e responsáveis pelos registros administrativos. Nessa camada intermediária também estavam os comerciantes, que ganharam mais expressão no período conhecido como **Novo Império**. Esse período iniciou-se com o fortalecimento do Egito após a expulsão dos hicsos, um povo invasor que dominou boa parte da região antes de 1580 a.C.

**papiro:** planta com a qual se fazia um papel de mesmo nome; também era utilizado na fabricação de cestos e redes, além de servir de alimento.



Estátuas no templo de Ramsés III, localizado no complexo de templos de Karnak, cuja construção teve início em 2200 a.C., em Luxor, Egito. Ramsés III é considerado pelos historiadores o último faraó a exercer grande autoridade sobre todo o Egito antigo.



A base da sociedade egípcia era formada pela grande massa de camponeses. Ao lado dos artesãos, eles tinham de pagar tributos e servir ao faraó, por meio do trabalho compulsório em campos, oficinas, minas e obras públicas. Eventualmente, havia também escravos, capturados nas guerras, embora essa categoria social não tivesse grande importância no sistema econômico egípcio.

Reprodução/Museu do Louvre, Paris/De Agostini Picture Library/The Bridgeman/Keystone

Rockva Matias/Arquivo da editora



Colheita de uvas para a produção de vinho em pintura egípcia feita na tumba de Khaemuese, na cidade de Tebas. O afresco destaca a colheita cuidadosa dos cachos de uva. A atividade era acompanhada por um fiscal e um sacerdote, que recolhiam e registravam a oferenda à deusa Renenutet, representada na forma de serpente. Depois da colheita, a uva era esmagada e passava para a fase de fermentação. No final, o vinho era armazenado em ânforas de barro. A bebida principal dos antigos egípcios, entretanto, era a cerveja, produzida da cevada.



Neste relevo do século XIV a.C., os raios do deus Sol Aton iluminam o faraó Amenófis IV, sua esposa Nefertite e seus três filhos.

A **religião** egípcia foi muito importante na cultura e para a manutenção da ordem social hierarquizada existente. O culto era politeísta. Alguns dos deuses eram Amon-Rá, Osíris, Ísis, Set, Hórus, Anúbis e Ápis.

Durante o governo do faraó Amenófis IV (1377 a.C.-1358 a.C.) foram realizadas profundas reformas políticas e religiosas. Templos foram fechados e bens, confiscados. Ao mesmo tempo, o culto **monoteísta** ao deus Aton, representado pelo círculo solar, foi crescendo e substituindo o politeísmo tradicional centrado principalmente no deus Amon-Rá. O próprio faraó teve seu nome mudado para Akhenaton (*Ech-n-Aton* = "aquele que adora Aton"), e foi fundada uma nova capital próxima de Tebas, chamada Ahketaton ("horizonte do disco solar"). A longo prazo, porém, essas reformas não vingaram, aparentemente por causa da força das crenças tradicionais e da impopularidade da nova religião. Com a morte de Amenófis IV e sua sucessão por Tutancâmon, a religião tradicional politeísta foi restabelecida.

**monoteísta:** religião que acredita em um único deus.

## Para saber mais



### Mumificação

Como os egípcios acreditavam em vida após a morte e no retorno da alma ao corpo, cultuavam os mortos e desenvolveram técnicas de mumificação para conservar cadáveres. Os corpos eram colocados no túmulo junto com tudo o que seria utilizado no retorno à vida, como alimentos, utensílios, joias e objetos pessoais. No caso dos faraós, os corpos mumificados ficavam protegidos nas pirâmides, imensas construções repletas de passagens e câmaras para impedir a ação de saqueadores de túmulos.

Para mumificar um corpo, geralmente se retiravam os principais órgãos internos, que eram tratados e colocados em recipientes chamados de vasos canopos. O coração, considerado o centro da inteligência e da força, era mantido no corpo. Em seguida, o corpo era coberto por um tipo de sal e deixado durante quarenta dias para desidratar. Depois, era embrulhado em camadas de linho embebido em diversas substâncias e coberto de resina. Os corpos se preservavam por milhares de anos.

A mumificação ampliou o conhecimento dos egípcios antigos sobre a anatomia humana. Conhecedores dos órgãos internos e de sua localização, seus "médicos" puderam realizar intervenções cirúrgicas e tratar fraturas, doenças do estômago e do coração.

1. Quais eram os cuidados tomados pelos egípcios em relação aos mortos? Como esses cuidados se relacionam com o achado de múmias, mais de mil anos depois, em perfeito estado de conservação?
2. Como o processo de mumificação está relacionado ao avanço da Medicina entre os antigos egípcios?



Vasos canopos (urnas em que se guardavam órgãos do morto após a mumificação) decorados com os quatro filhos do deus do céu Hórus. Cada órgão era depositado em um vaso independente: Amsset para o estômago e os intestinos; Duatmufed para os pulmões; Kebehsenuf para o fígado; e Hapi para os órgãos menores. Os vasos da foto foram feitos entre 1069 a.C. e 945 a.C.

As técnicas desenvolvidas para a construção de templos religiosos e funerários (as pirâmides, por exemplo) e de obras hidráulicas, significaram um grande avanço da **arquitetura** e da **engenharia**.

O interesse em ciência demonstrado pelos egípcios é bastante claro em seus estudos de Astronomia, que resultaram na criação de um calendário solar composto de doze meses de trinta dias.

A **arte** egípcia tinha evidente conotação religiosa. A pintura, destinada à representação de deuses, faraós e da nobreza em geral, caracterizava-se pela falta de perspectiva: tudo era representado no mesmo plano, sem ideia de profundidade. Na escultura, muitas vezes monumental, as linhas eram rígidas e simétricas. Na literatura, cultivava-se a poesia; uma das peças mais famosas foi o *Hino ao Sol*, composto por Amenófis IV.

A **escrita** egípcia desenvolveu-se de três formas:

- a hieroglífica, que era a mais antiga; considerada sagrada, era composta de mais de seiscentos caracteres;
- a hierática, uma simplificação da hieroglífica;
- a demótica, mais recente e popular, formada por cerca de 350 sinais.

## Os períodos da história egípcia

Tradicionalmente, a longa história egípcia tem sido dividida didaticamente em três grandes períodos: o Antigo Império (c. 3200 a.C.-2300 a.C.), o Médio Im-

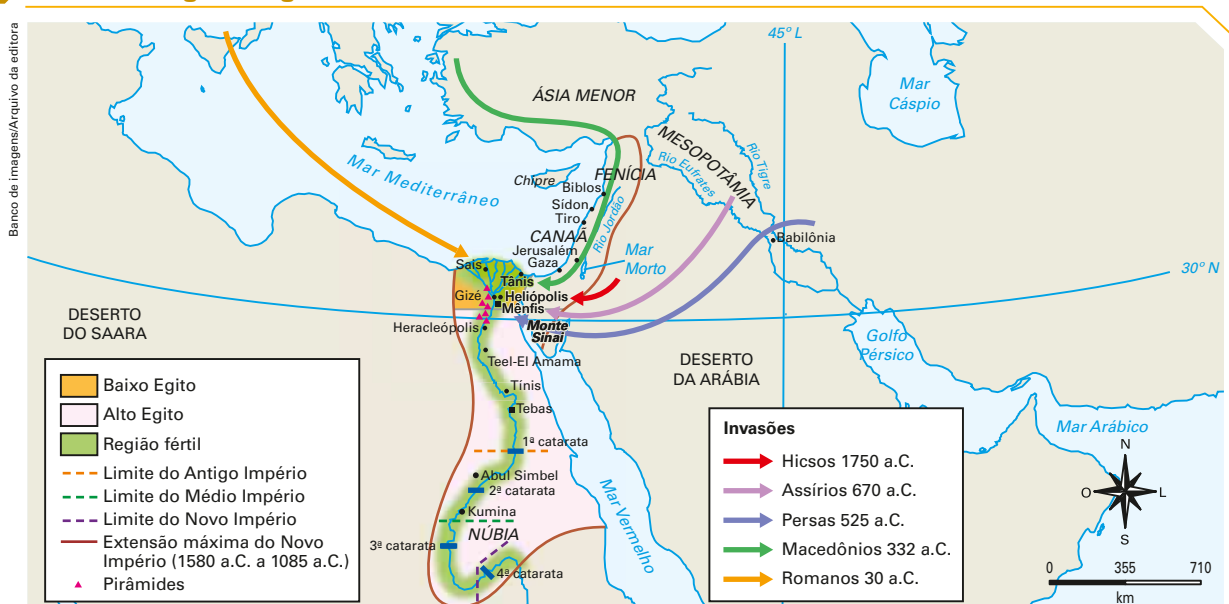
pério (c. 2000 a.C.-1580 a.C.) e o Novo Império (c. 1580 a.C.-25 a.C.).

Em seus quase 3 mil anos de história de revoltas, conquistas e invasões estrangeiras, o Egito foi governado por faraós de 26 dinastias. O declínio final do império se deu com a invasão dos persas em 525 a.C. Comandados por Cambises (?-522 a.C.), os persas derrotaram os egípcios na Batalha de Pelusa e conquistaram a região. A partir daí, o Egito foi dominado por vários povos durante quase 2500 anos, tendo se tornado inicialmente província do Império Persa, território que posteriormente foi ocupado por macedônios, romanos e árabes.

Como você verá, essas últimas invasões tiveram grande efeito sobre a cultura egípcia, sobretudo o domínio macedônico, que abriu caminho para as ideias gregas. Esse domínio instaurou no Egito uma dinastia de origem macedônica, chamada **ptolomaica** ou **lágida**. Cleópatra (69 a.C.-30 a.C.), uma das personagens famosas da história antiga, pertenceu a essa dinastia. Ela ocupou o trono depois da morte do pai, Ptolomeu XII (117 a.C.-51 a.C.), e governou até sua morte, em 30 a.C.

O filho de Cleópatra com o ditador romano Júlio César (100 a.C.-44 a.C.) foi o último rei ptolomaico. Depois desse período, o Egito caiu sob o domínio romano e, posteriormente, árabe – domínios que introduziram elementos culturais cristãos e muçulmanos, respectivamente. Mais tarde, o Egito transformou-se em domínio dos turcos e, no século XIX, dos ingleses.

### Invasões no Egito antigo



Adaptado de: BRANCANTI, Antonio. *I popoli antichi*. Firenze: La Nuova Italia, 1997. p. 34; BARBEIRO, Heródoto. *História: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004. p. 33.

## Retome

6. As civilizações egípcia e mesopotâmica se desenvolveram às margens de rios perenes (Nilo, Tigre e Eufrates). Todavia, as condições físico-geográficas das regiões ocupadas pelos egípcios e pelos povos da Mesopotâmia eram diferentes em muitos aspectos. Compare-as.
7. O grande reino do Egito formou-se como resultado de um longo processo político, iniciado ainda no Período Neolítico. Descreva-o.
8. Em muitas civilizações do Antigo Oriente, a população camponesa estava submetida a um regime de trabalho conhecido como servidão coletiva. O que isso significa?
9. No Egito antigo, o faraó era considerado um deus; na Mesopotâmia, o monarca representava uma divindade e governava em seu nome. Em ambos, os reis concentravam plenos poderes e os sacerdotes tinham autoridade e prestígio. Nomeie essa forma de governo predominante nas civilizações do Antigo Oriente.
10. Elabore uma representação gráfica da sociedade egípcia, identificando as diferentes camadas sociais, os grupos que as constituíam, bem como a função exercida por cada um deles.
11. A partir do século VI a.C. a cultura egípcia passou por profundas transformações. Durante o reinado de Cleópatra, no século I a.C., a monarquia egípcia já se apresentava descaracterizada. Qual foi a causa dessas mudanças?

## Analise uma fonte primária

12. A imagem ao lado é uma escultura feita em um único bloco de granito, mede 2,30 metros e foi escavada na antiga cidade de Tanis, capital de Egito durante as Dinastias XXI e XXII. Foi produzida entre 1293 a.C. e 1185 a.C. e, quando encontrada, faltava-lhe o rosto do falcão, que foi feito em outra pedra e encontrado posteriormente, separado do conjunto. A personagem agachada é Ramsés II.



Estátua de Ramsés II como criança. Atrás dele, representação do deus Horus.

- a) Descreva a escultura: cor, textura, tamanho, aspecto e posição das figuras esculpidas, etc.
- b) Em sua opinião, a confecção dessa escultura foi fácil ou difícil? Justifique sua resposta.
- c) Para interpretar a imagem, investigue:
  - Quem foi Ramsés II?
  - O falcão é uma representação do deus Horus. O que você consegue descobrir a respeito dessa divindade?
- d) Detenha sua atenção na figura maior: olhe seu tamanho e postura. Como você a interpreta?
- e) Observe a figura menor. Veja o que ela está fazendo, que aparência apresenta e quais objetos estão associados a ela. Como Ramsés II foi representado pelo escultor?
- f) Pense no que você já sabe sobre a cultura egípcia. Por que o escultor pode ter associado a figura real à ave?
- g) Qual pode ter sido a intenção do artista ao elaborar a escultura? Defenda sua hipótese com argumentos.

## Hebreus, fenícios e persas

Na região do Crescente Fértil, além das margens dos grandes rios (Nilo, Tigre e Eufrates) também se desenvolveram diversos povos vizinhos aos egípcios e mesopotâmicos, com destaque para os hebreus, fenícios e, mais ao leste, os persas. Estes foram responsáveis por diversos legados à cultura ocidental.

### Os hebreus

Os hebreus se destacam por terem sido o primeiro povo a adotar o **monoteísmo ético**, religião que prega a existência de um só Deus e que exige um comportamento ético das pessoas, ou seja, que ajam de maneira correta e justa. Tal atuação é fundamento presente na religião de mais de 2 bilhões de pessoas atualmente, como judeus, muçulmanos e cristãos.

Muitas das informações de que dispomos sobre o povo hebreu são provenientes da Bíblia, mais especificamente do Antigo Testamento. No texto sagrado para cristãos e judeus, dados históricos misturam-se com relatos míticos e religiosos. Estudos linguísticos, arqueológicos e textos não bíblicos dialogam com essas representações bíblicas.

Inicialmente, os hebreus habitavam a cidade de Ur, no sul da Mesopotâmia (localize a cidade no mapa da página 85). Seu primeiro grande líder teria sido Abraão, considerado seu primeiro **patriarca** (chefe de clã). Abraão pregava uma nova religião, monoteísta. O Deus único, Javé (também chamado Iahweh ou Jeová), teria prometido a ele e seus descendentes uma terra onde “jorraria leite e mel”. A promessa teria levado Abraão a conduzir os hebreus até a Palestina, região do atual território de Israel, também conhecida como Canaã. Lá, os hebreus se estabeleceram por volta de 2000 a.C., após derrotarem os habitantes locais, os cananeus. Segundo a Bíblia, Abraão foi sucedido pelos patriarcas Isaac e Jacó, e dos herdeiros deste último descendiram os grupos familiares originais, chamados de “as 12 tribos de Israel”.

É importante ressaltar, contudo, que nenhum desses patriarcas é mencionado em qualquer outro documento

de época que não seja o Antigo Testamento. Além disso, muitos historiadores afirmam que a religião monoteísta de Jeová só surgiu muito depois da época dos patriarcas.

Segundo o relato bíblico, crescentes dificuldades econômicas fizeram com que muitos hebreus migrassem para o Egito. A princípio, essa ocupação foi pacífica, mas, posteriormente, eles foram escravizados pelos egípcios.

Séculos depois, eles fugiram do Egito sob a liderança do profeta Moisés. Durante a fuga, conhecida como **Êxodo**, Deus teria ditado a Moisés os **Dez Mandamentos**, um conjunto de leis que foi registrado em duas pedras. Após 40 anos de jornada pelo deserto, os hebreus chegaram à Palestina, já sob a liderança de Josué. A presença dos hebreus no Egito e o Êxodo não são confirmados por outras fontes que não a própria Bíblia. Tais passagens bíblicas têm uma cronologia bastante duvidosa, seja por conterem indicações contraditórias, seja pela sua confrontação com outras fontes históricas, constituindo objeto de diferentes interpretações.

Na época do Êxodo, os hebreus estavam organizados em tribos lideradas pelos **juizes**, chefes militares com atribuições religiosas. Ao chegar à Palestina, eles con-



Mural grafitado no estádio de Nablus, na Cisjordânia. Pintado por mais de 25 artistas palestinos, o projeto procurou retratar mais de 3500 anos de história da Palestina em sua extensão. O mural finalizado foi batizado de "Aqui está Canaã". Foto de 2013.

quistaram a cidade de Jericó e venceram os filisteus, povo que ocupava o litoral da região (observe no mapa abaixo). Por volta de 1010 a.C., ocorreu a unificação das tribos sob a liderança de Saul (c. 1095 a.C.-1004 a.C.), que se tornou o primeiro rei dos hebreus.

Davi (c. 1040 a.C.-970 a.C.), sucessor de Saul, lançou as bases para a formação de um Estado hebraico efetivo, com governo centralizado, exército permanente e organização burocrática. Jerusalém tornou-se capital do reino de Israel. Sob o comando de Salomão (?-931 a.C.), filho de Davi, o Estado hebraico atingiu seu apogeu, com grande desenvolvimento comercial. Para os cultos foi construído um grande templo dedicado a Jeová: o Templo de Jerusalém (conhecido como Templo de Salomão).

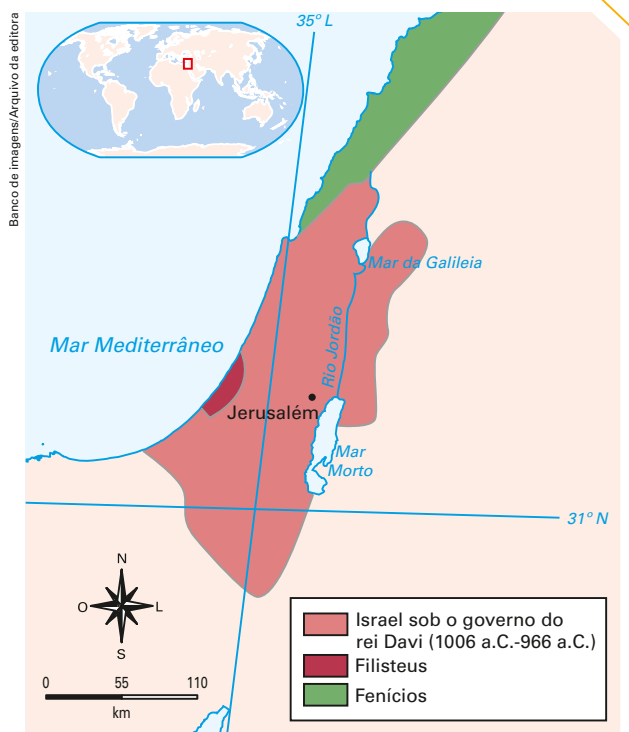
Entretanto, o Estado unificado não sobreviveu à morte de Salomão. Logo surgiram disputas pela sucessão, que resultaram na divisão dos hebreus em

dois reinos: o de **Israel**, com capital em Samaria, e o de **Judá**, com capital em Jerusalém.

A consequência imediata da divisão foi a invasão estrangeira, inicialmente pelos assírios e mais tarde, no século VI a.C., por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Depois de saquear Jerusalém e destruir o Templo de Salomão, Nabucodonosor escravizou um grande número de hebreus e levou-os para a Mesopotâmia. Em 539 a.C., porém, os persas, chefiados por Ciro, o Grande, conquistaram a Babilônia e libertaram os hebreus escravizados, que puderam então retornar à Palestina.

Os últimos invasores da Palestina na Antiguidade foram os macedônios e, a seguir, os romanos. A resistência à ocupação romana, em 70 d.C., foi reprimida brutalmente. Jerusalém foi destruída e os hebreus se dispersaram por outras regiões. Esse movimento, conhecido como **diáspora**, se estendeu por centenas de anos.

## A região da antiga Palestina



Adaptado de: DUBY, G. *Atlas histórico mundial*. Madri: Debate, 1989. p. 8.

O Muro das Lamentações se localiza na cidade de Jerusalém. Trata-se da única parte do Templo de Salomão que resistiu aos ataques do imperador romano Tito à cidade, em 70 d.C. É um lugar considerado sagrado pelos descendentes dos hebreus, os judeus. Durante anos, as mulheres foram proibidas de frequentar o local. Em janeiro de 2016, o governo de Israel estabeleceu uma área mista onde elas poderiam fazer suas preces. Na foto, mulher levanta uma Torá, livro com as escrituras sagradas do judaísmo, junto ao Muro. Foto de 2016.

Gali Tibbon/Agence France-Presse



## Fenícios e persas

A **Fenícia** situava-se no norte da Palestina, onde se localiza atualmente o Líbano (veja o mapa da página 95). Foi ocupada antes de 3000 a.C. por povos semitas que, além de desenvolverem a agricultura, destacaram-se no comércio marítimo. Também desenvolveram o artesanato e a produção de tecidos e de corantes.

Os fenícios estavam organizados em cidades-Estado, como Biblos, Sidon e Tiro. Em seu apogeu, eles chegaram a estabelecer rotas comerciais por todo o Mediterrâneo e foram até o litoral Atlântico do norte da África (observe o mapa a seguir). Instalaram povoados e cidades em várias regiões no Mediterrâneo, verdadeiros entrepostos comerciais, como a cidade de Cartago, no norte da África.

Ao mesmo tempo, deram contribuições originais à humanidade. A principal delas foi a criação de um alfabeto fonético simplificado, composto de 22 letras, que, incorporado pelos gregos e romanos, serviu de base para o alfabeto ocidental atual.

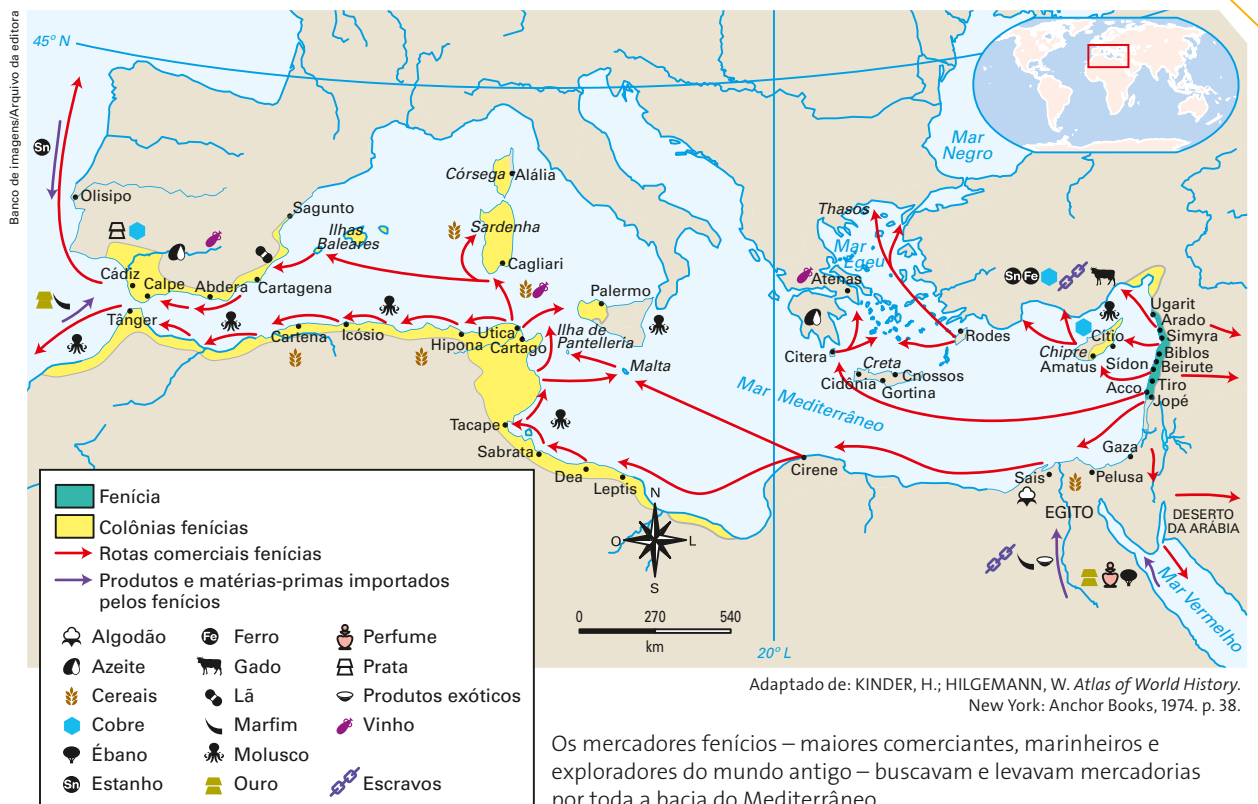
Os fenícios cultuavam vários deuses. Os mais importantes eram Baal, associado ao Sol, e Astarteia, simbolizada pela Lua e que representa a fecundidade.



Máscara funerária fenícia, datada do século VII a.C. Foto de 2009.

The Art Archive/ Museu Nacional de Beirute, Líbano/Gianni Dagli Orti/AFP

### O comércio fenício em 1000 a.C.



Os mercadores fenícios – maiores comerciantes, marinheiros e exploradores do mundo antigo – buscavam e levavam mercadorias por toda a bacia do Mediterrâneo.

## Navegando com os fenícios

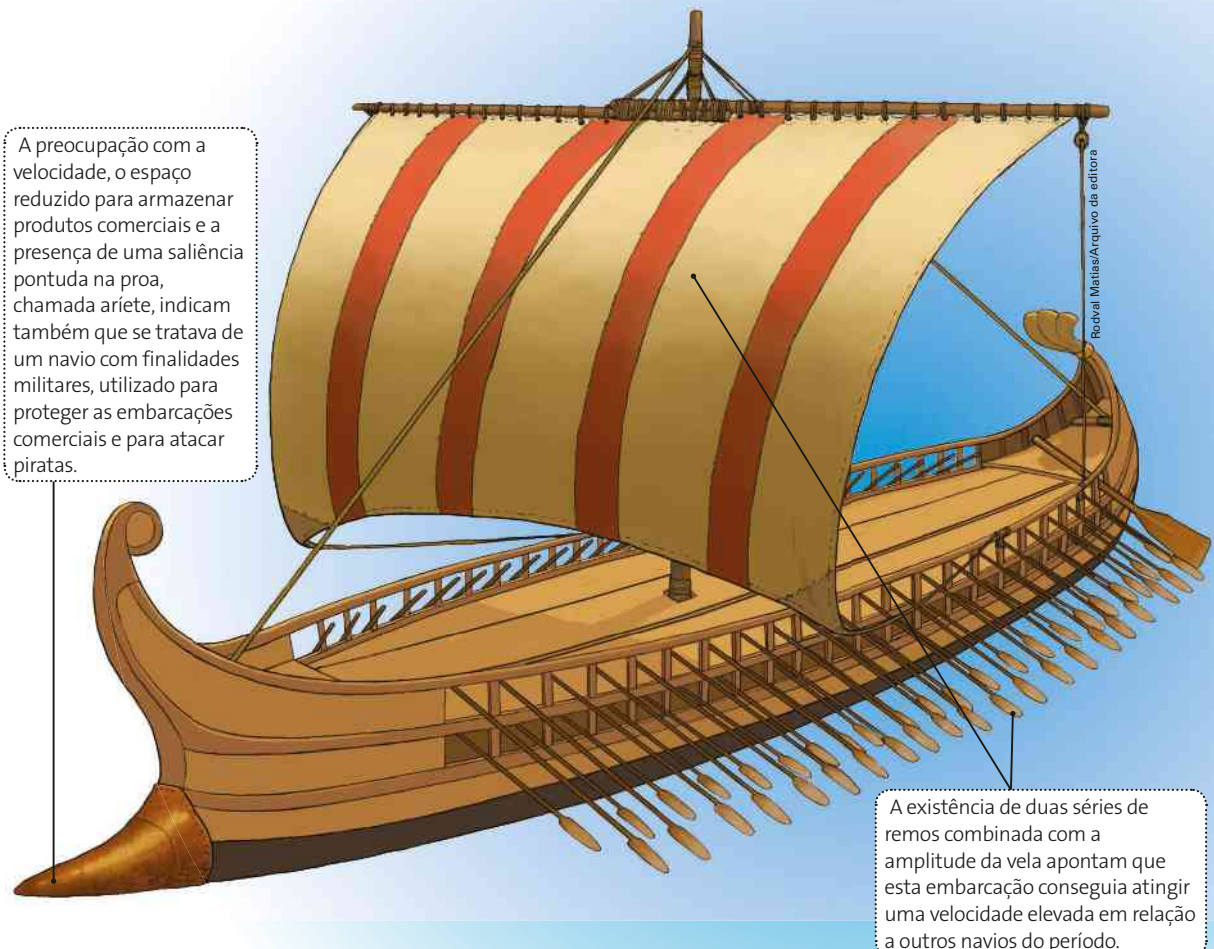
Os fenícios foram excelentes navegadores e desenvolveram uma cultura marítima muito sofisticada para a época, que incluía a construção de navios, técnicas náuticas e conhecimentos sobre o meio marinho e as regiões costeiras. Exploraram todo o Mediterrâneo, as praias do mar Vermelho e do mar Egeu e a costa do oceano Atlântico. Os conhecimentos de astronomia permitiram aos fenícios navegar durante a noite, orientando-se por meio das estrelas.

Muitos deles viviam do comércio marítimo, como marinheiros, comerciantes, soldados e remadores. Havia também exímios carpinteiros que construíam os navios, e artesãos que cuidavam de sua manutenção em terra.

O desenho abaixo representa um barco fenício denominado **birreme**. Seu modelo foi, posteriormente, copiado e aprimorado pelos gregos e pelos romanos.

Os navios fenícios eram feitos de madeira, com velas e uma estrutura variada de remos. O número de remadores variava conforme o tipo de embarcação. Nos navios comerciais, havia espaço destinado às mercadorias; os de guerra contavam com maior número de remadores e um corredor central onde ficavam os soldados. Um navio desses poderia levar 150 remadores e 200 soldados.

As viagens duravam meses, e os fenícios ancoravam em diferentes portos para vender e comprar mercadorias. Ao longo das expedições, construíram grandes habitações, espalhadas pela costa do Mediterrâneo, que abrigavam os marinheiros e comerciantes quando não havia condições climáticas para a navegação. Assim, procuravam evitar os naufrágios, que prejudicavam suas atividades comerciais.



A preocupação com a velocidade, o espaço reduzido para armazenar produtos comerciais e a presença de uma saliência pontuda na proa, chamada ariete, indicam também que se tratava de um navio com finalidades militares, utilizado para proteger as embarcações comerciais e para atacar piratas.

A existência de duas séries de remos combinada com a amplitude da vela apontam que esta embarcação conseguia atingir uma velocidade elevada em relação a outros navios do período.

Apesar da pobreza do solo, o planalto iraniano foi ocupado desde o sexto milênio antes da Era Cristã. Por volta de 2000 a.C. a região recebeu grandes levas de **populações indo-europeias**. Nela, a leste do rio Tigre, se formaria outra civilização, que chegaria a dominar a

**populações indo-europeias:** povos originários da Ásia central que migraram para a Índia, para o planalto iraniano e para a Europa.

própria Fenícia, o Egito e a Mesopotâmia. Essa civilização – a **Pérsia** – seria responsável por um dos maiores impérios do mundo antigo.

Ciro (c. 580 a.C.-530 a.C.), o Grande, rei persa, unificou o território e submeteu os povos vizinhos, os medos. Em sua expansão, os persas ocuparam a Mesopotâmia, a Palestina e a Fenícia e chegaram ao Egito, à Ásia Menor (no Ocidente) e à Índia (no Oriente).

Ciro, o principal conquistador, foi bastante hábil ao se aliar às elites locais dos territórios conquistados, em vez de simplesmente submetê-las ao seu domínio. Desse modo, garantiu relativa estabilidade a um vasto império. Seu filho e sucessor, Cambises (?-522 a.C.), conquistou o Egito, após a vitória na Batalha de Pelusa (525 a.C.).

O período de maior florescimento persa ocorreu no reinado de Dario I (550 a.C.-484 a.C.). Durante seu governo, que durou de 524 a.C. a 484 a.C., dividiu o

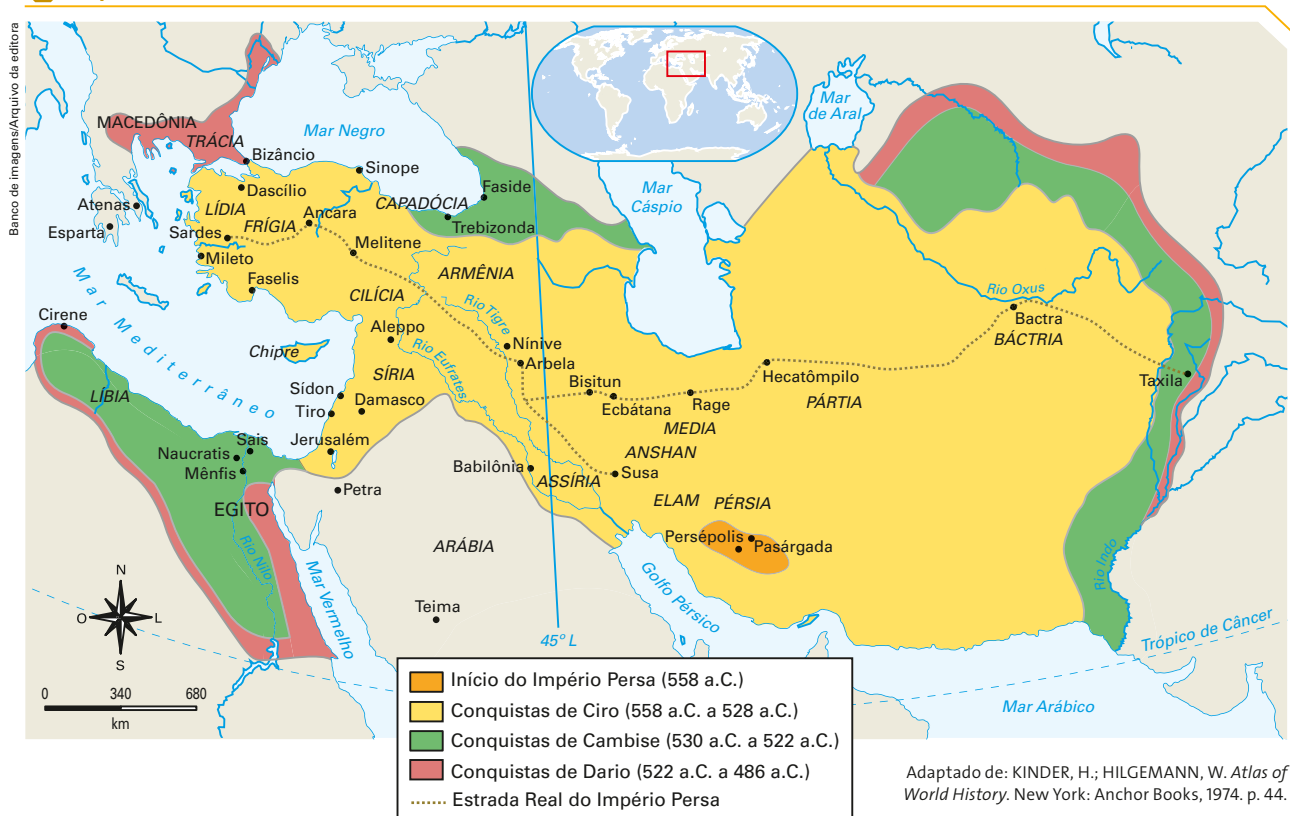
império em províncias, as **satrapias**. Encarregados de cobrar os impostos, os sátrapas (governadores) eram fiscalizados por inspetores oficiais, conhecidos como “olhos e ouvidos do rei”.

Dario mandou construir estradas que ligavam os principais centros urbanos do império (Susa, Pasárgada, Persépolis), criou um eficiente sistema de correios, para maior controle das províncias, e implantou uma unidade monetária chamada *dárico*.

No Império Persa, assim como entre outros povos da Antiguidade oriental, a população prestava serviços obrigatórios ao Estado, em regime de servidão coletiva. O poder do imperador era garantido por seu numeroso exército, mantido com propósitos expansionistas. A existência desse exército, porém, não impediu o fracasso dos ataques à Grécia comandados por Dario I e seu sucessor, Xerxes I (519 a.C.-465 a.C.).

Durante quase todo o século V a.C., gregos e persas se enfrentaram em conflitos que se tornaram conhecidos como **Guerras Médicas** – nome que faz referência ao povo medo, da Pérsia – ou **Guerras Greco-Pérsicas**. Em seu expansionismo, os persas haviam dominado as cidades gregas da Anatólia, na atual Turquia, o que prejudicou o comércio da Grécia com o Oriente. Os gregos lutavam pela independência dessas cidades.

## Império Persa





## As mulheres no Antigo Oriente

A ausência na narrativa histórica daqueles que não ocupavam cargos governamentais, que não comandavam exércitos e não eram responsáveis pelas “grandes decisões históricas”, fossem homens, fossem mulheres, é uma herança de uma antiga e criticada visão histórica. Essa visão tradicional valorizava os “grandes personagens” e “os grandes feitos”. Os historiadores atuais têm pesquisado fontes que apresentem indícios desses personagens escondidos e esquecidos. O caso das mulheres nas sociedades do Antigo Oriente é um bom exemplo.

Embora a condição feminina nessas sociedades tenha variado de acordo com a época, o lugar e a posição social ocupada pelas mulheres, ela nunca foi de igualdade em relação à do homem. Em geral, as mulheres estavam submetidas à autoridade masculina e deviam mostrar submissão ao marido. Os casamentos eram arranjados pelos pais dos noivos, às vezes quando estes ainda eram crianças, como forma de unir interesses e propriedades. A mulher deveria ser fiel ao marido, e o adultério feminino era punido com severidade. O homem, ao contrário, poderia ter mais de uma mulher, desde que houvesse condições financeiras para mantê-las.

Este relevo comemorativo foi feito entre os séculos VIII e VII a.C. e é uma das poucas peças arqueológicas do Antigo Oriente em que mulheres aparecem representadas em seu cotidiano doméstico. Nela vemos uma figura feminina tecendo com um carretel, enquanto uma serve a refresco com um abanador. A serva é representada em tamanho menor do que a personagem central ou porque o artista quis mostrar a diferença de hierarquia entre elas ou porque se trata de uma criança. O relevo foi feito num tipo de pedra típico da região de Susa, na Pérsia.



Bibliothèque Online/Arquivo de editora

Apesar de ter incorporado muitos conhecimentos de outros povos, como a escrita cuneiforme, de origem mesopotâmica, a cultura persa teve características próprias. Sua religião era basicamente dualista, fundada na crença em duas divindades antagônicas principais: Ormuz-Mazda, deus do bem, da luz e do mundo espiritual, e Arimã, deus do mal e das trevas. O imperador seria o representante do bem na Terra, o que mostra o forte vínculo da religião com as estruturas de poder.

Apesar de ocupar posição secundária à do homem, as mulheres podiam herdar propriedades e, no caso do falecimento do esposo, tornar-se chefe da casa e gerir negócios. Podiam também se divorciar e se casar novamente. Várias mulheres de condição social mais elevada recebiam educação formal e aprendiam a ler e escrever, mas a maioria era educada apenas para exercer as funções domésticas e para a maternidade.

Para os povos que habitaram a região da Antiga Mesopotâmia, o principal papel feminino era ser mãe. Por isso, as mulheres estéreis eram repudiadas pelos maridos e a prostituição, muitas vezes, era a única opção que lhes restava. A prostituição era aceita como atividade normal e nenhum julgamento moral recaía sobre ela. Era também comum uma forma de prostituição sagrada realizada por sacerdotisas.

No Egito, houve casos de mulheres que se tornaram governantes, como ocorreu com Hatshepsut no século XV a.C., e Cleópatra VII, no século I a.C.

A religiosidade popular, entretanto, distinguia-se da oficial. Incluía várias divindades, muitas delas adotadas no contato com outros povos. Em geral, os persas também admitiam a vida após a morte e o advento de um Messias à Terra, um salvador que, assim como na religião judaica, libertaria os justos. Os princípios dessa religião, chamada de **zoroastrismo**, estavam no livro sagrado *Zend-Avesta*, que teria sido escrito por um personagem lendário: Zoroastro, também denominado Zaratustra.



Registro da ocupação das escolas estaduais na cidade de São Paulo. Em 2015, algumas escolas paulistas foram ocupadas por seus próprios alunos que reivindicavam o cancelamento de um projeto do governo estadual. Quase um mês depois o governo estadual suspendeu a implantação do projeto. Na foto, assembleia de estudantes que ocupavam pelo terceiro dia consecutivo a Escola Estadual Fernão Dias Paes na capital paulista.

A democracia como forma de participação política tem história: sua principal referência está na Grécia antiga. Desde aquela época, a prática democrática exigia que os membros de uma coletividade tivessem acesso a informações, e pudessem se expressar e ouvir as opiniões de todos, a fim de tomarem uma decisão. Na atualidade, em que há inúmeros canais de informação e de expressão, o exercício da democracia está garantido? Que fatores podem influenciar a participação política das pessoas?

# 1 Aspectos físicos da Grécia

Nos capítulos anteriores vimos como grandes rios foram importantes para o surgimento das primeiras cidades. No caso da Grécia, o meio ambiente também é um fator fundamental. Entretanto, para a civilização grega o fator decisivo não foram os rios, mas o mar, sobretudo os mares Mediterrâneo, Jônico e Egeu.

A formação da Grécia compreende um conjunto de povos que se desenvolveram no sul da **península Balcânica** – cercada pelo mar a leste, sul e oeste –, nas ilhas vizinhas e no litoral da Ásia Menor.

**península Balcânica:** também chamada de Balcãs, é a denominação histórica e geográfica da região sudeste da Europa, que engloba atualmente a porção da Turquia no continente europeu, Grécia, Bulgária, Macedônia, Albânia, Romênia, Sérvia, Montenegro, Kosovo, Bósnia-Herzegovina, Croácia e Eslovênia.

Os nomes **Grécia** e **gregos** surgiram entre os romanos (do latim *Græcia*). Os próprios gregos chamavam a si mesmo de **helenos**, e a seu território de **Hélade** (terra de Heleno).

Na Hélade não havia um Estado unificado, apesar de utilizarmos a denominação Grécia. Nessa região, as condições geográficas, como o relevo montanhoso, as diversas reentrâncias do mar na parte continental, uma grande quantidade de ilhas e o consequente isolamento relativo das cidades facilitaram a organização de cidades-Estado autônomas. Mesmo assim, os helenos de cada cidade-Estado não deixavam de se considerar

pertencentes a uma mesma comunidade cultural. Segundo o historiador François Lefèvre,

[a] interpenetração das terras, majoritariamente montanhosas, e do mar, o que dá à região seu aspecto tão atraente – hoje trunfo da indústria turística, [foi] outrora um provável estimulante da sensibilidade estética e da prontidão intelectual.

LEFÈVRE, François. *História do mundo grego antigo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 39-40.

As condições geográficas da região também tiveram importância militar. Os helenos souberam aproveitar determinadas posições de seu relevo, como a passagem de Termópilas e a baía de Salamina, por exemplo, em guerras e conflitos.

O solo pouco fértil da península Balcânica e as dificuldades de aproveitamento agrícola dificultavam o abastecimento das cidades. Isso contribuiu para que os gregos se dedicassem à expansão comercial e marítima a partir do século VIII a.C. Assim, tomaram a navegação o principal meio para trocas de produtos. A navegação também ajuda a explicar a criação de comunidades gregas em diversos pontos da orla do mar Mediterrâneo, especialmente no sul da Itália, na região conhecida como **Magna Grécia**. Veja o mapa da página seguinte.

Veja abaixo os períodos e os lugares em que se passaram os principais eventos do capítulo.

## Onde e quando



Linha do tempo esquemática. O espaço entre as datas não é proporcional ao intervalo de tempo.

## 2 Povoamento e período pré-helênico

A ocupação da península Balcânica ocorreu ainda no Paleolítico por volta de 40000 a.C. Estudos arqueológicos afirmam que a navegação, a agricultura e a criação de animais começaram a ser desenvolvidas na região durante o período Neolítico, por volta de 7000 a.C. Evidências encontradas em sítios arqueológicos confirmam que essas atividades se espalharam por várias ilhas do mar Egeu.

Para alguns estudiosos, sinais de crescimento demográfico, de uso de metais, de produção cerâmica e artesanal, de pesca, de navegação e de edificações indicam a existência de uma primeira civilização na península Balcânica, denominada **civilização cicládica**. Localizada nas ilhas Cíclades no mar Egeu, que receberam esse nome por causa de sua disposição circular, essa civilização surgiu a partir de 3000 a.C., aproximadamente.

Estudos apontam que perto de 2300 a.C. ocorreram grandes mudanças que levaram ao predomínio de outras civilizações na região: a **civilização cretense**, que se desenvolveu na ilha de Creta, e a **civilização micênica**, que surgiu na península Balcânica.



Esculturas produzidas na época da civilização cicládica. Museu Arqueológico Nacional de Atenas, Grécia.

### A Grécia antiga



Os gregos antigos estabeleceram as bases de seu desenvolvimento na atividade comercial e na expansão marítima. Observe os mares que banham os territórios gregos, a localização da Grécia continental e as ilhas situadas no mar Egeu, que formam a Grécia insular.

Adaptado de: BARRACLOUGH, G. *The Times Concise Atlas of World History*. London: Times Books Limited, 1986. p. 19.

## Civilização cretense

A origem da sociedade grega está ligada ao desenvolvimento das civilizações cretense, também conhecida como **minoica**, e micênica.

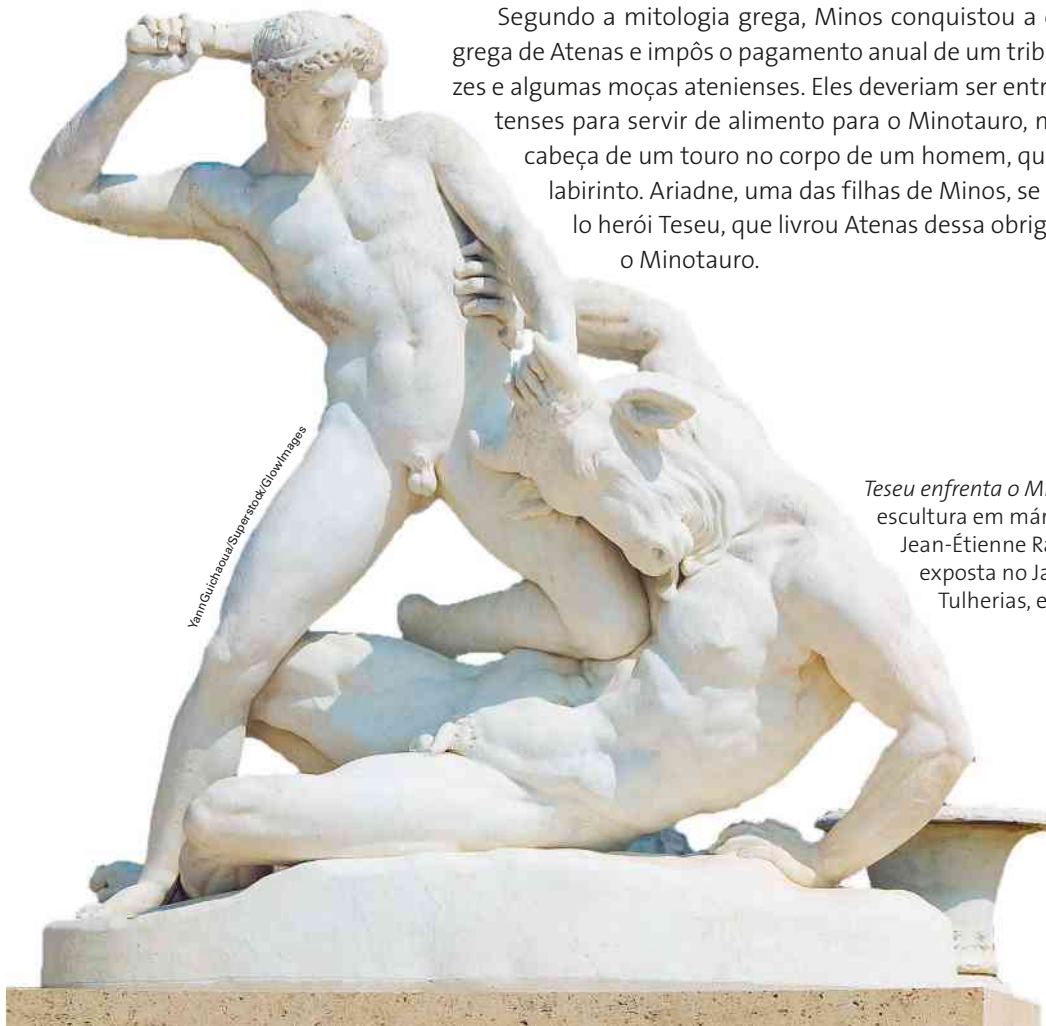
A civilização cretense floresceu na ilha de Creta a partir do segundo milênio a.C. Seus principais núcleos organizaram-se ao redor de grandes palácios, como o de Cnossos, Festo, Mália e Cato Zacro, onde eram controladas as atividades políticas, religiosas e econômicas. Pesquisadores presumem que tais construções eram espaços importantes de um sistema centralizado de governo, também conhecido como **sistema palacial**, cuja riqueza vinha da navegação e do predomínio do comércio nos mares da região durante séculos. Era o palácio que controlava a produção, a estocagem e a troca de produtos.

**minoica**: relativo a Minos, rei de Creta.

A religião cretense fazia parte de uma tradição religiosa mais ampla que envolvia todo o Mediterrâneo Oriental, com ídolos que evoluíram de tempos pré-históricos remotos. Essa religião contava com certa predominância feminina, demonstrada por várias deusas que eram cultuadas em cavernas, templos e a céu aberto. Entre elas, destaca-se a “Grande Mãe”, figura divina que representava a terra e a fertilidade.

Os vestígios mais antigos de escrita da civilização cretense datam do século XIX a.C., aproximadamente. Eles apresentam um sistema de escrita chamado de Linear A, que ainda não foi decifrado. No entanto, muito do que se conhece sobre o sistema palacial foi registrado em outro padrão de escrita, denominado Linear B. Trata-se de um padrão derivado da escrita cretense que foi muito utilizado durante o auge da civilização micênica, no século XIV a.C.

### O Minotauro



Segundo a mitologia grega, Minos conquistou a cidade-Estado grega de Atenas e impôs o pagamento anual de um tributo: sete rapazes e algumas moças atenienses. Eles deveriam ser entregues aos cretenses para servir de alimento para o Minotauro, monstro com a cabeça de um touro no corpo de um homem, que habitava um labirinto. Ariadne, uma das filhas de Minos, se apaixonou pelo herói Teseu, que livrou Atenas dessa obrigação ao matar o Minotauro.

*Teseu enfrenta o Minotauro, escultura em mármore de Jean-Étienne Ramey, 1826, exposta no Jardim das Tulherias, em Paris.*

## Civilização micênica

A civilização micênica foi fruto da interação entre a civilização cretense e a população de aqueus, de origem indo-europeia, provavelmente presente na península do **Peloponeso** desde o século XVII a.C. Várias cidades autônomas espalhadas por essa península resultaram dessa interação. Elas constituíam pequenos núcleos, com administração monárquica, e eram fortemente militarizadas. Micenas é a mais conhecida e a mais estudada dessas cidades, graças ao grande número de achados arqueológicos ali encontrados, o que levou os estudiosos a darem o nome de “micênica” a essa civilização. Apesar da fama, Micenas não foi um centro único de poder.

**Peloponeso:** península no sul da Grécia cujo nome deriva do herói grego Pélope, filho de Tântalo e antepassado dos Átridas, que teriam dominado toda a região.

Os micênicos tiveram destaque no cultivo de grãos e no uso e na confecção de cerâmicas. Além disso, destacaram-se na prática do comércio e da pirataria. Utilizavam a escrita e praticavam uma forma de religiosidade muito próxima à da civilização cretense.

## Jônios, eólios e dórios

Entre os séculos XIX a.C. e XII a.C., a península Balcânica recebeu ondas migratórias de outros povos de origem indo-europeia: **jônios**, **eólios** e **dórios**. E, perto de 1200 a.C., os sinais mais evidentes do predomínio micênico desapareceram.

Quanto ao fim do período micênico, o historiador François Lefèvre afirma que é

um dos maiores enigmas da Antiguidade. Considerado durante muito tempo como súbito e geral, o fim do mundo micênico é hoje entendido diferente e diversamente pelos arqueólogos.

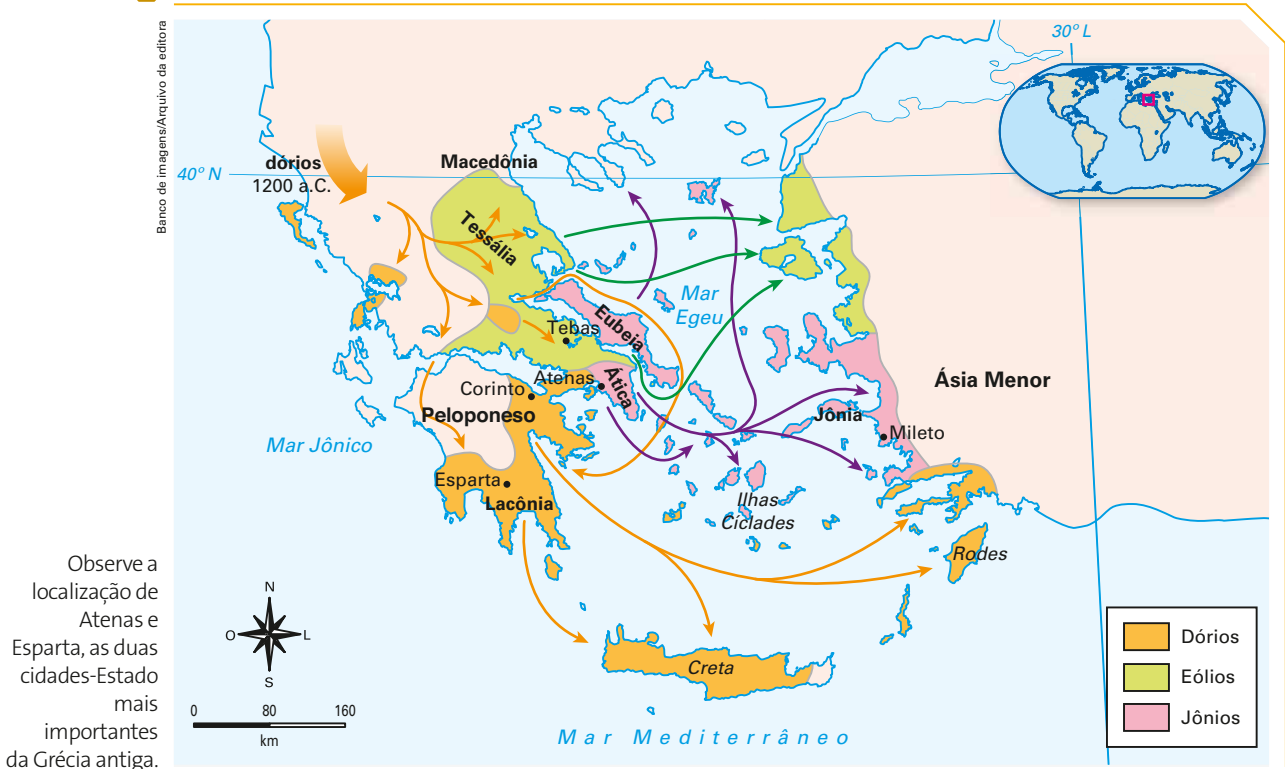
[...]

[No fim do micênico] se notam também certa recomposição e uma efervescência [...]. Em todo caso, os fenômenos são complexos o bastante para que os termos ruptura e continuidade se mostrem excessivamente esquemáticos, e hoje se tende a falar de metamorfoses ou de transformações.

LEFÈVRE, François. *História do mundo grego antigo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 69 e 83.

Entre os possíveis fatores que provocaram essa mudança, estão terremotos, perturbações climáticas (que teriam afetado a produção agrícola e a vida econômica) e distúrbios sociais, além da presença dos dórios.

### As invasões indo-europeias



Adaptado de: BARBERIS, Carlo. *Storia Antica e Medievale*. Milano: Casa Editrice G. Principato S.p.A., 1997. p. 90.



O arqueólogo brasileiro Álvaro Allegrette é pesquisador da École Française d'Athènes, instituição francesa sediada na Grécia, e um dos maiores especialistas em civilização cretense. Leia o comentário desse pesquisador, em reportagem de Rodrigo Gallo:

### Sítios arqueológicos na Grécia

Por conhecer profundamente a estrutura dos edifícios minoicos, Allegrette fala com propriedade: o palácio de Cnossos, em Heráclio, onde o ateniense Teseu teria matado o Minotauro, realmente é um labirinto. O prédio possui sete pavimentos, inclusive quatro abaixo do pátio central, tornando-o confuso para quem não conhece bem sua arquitetura.



lome/ Shutterstock

Isso comprova que a mitologia cretense tem uma base fundamentada na realidade daquele povo. [...] dentro de 15 anos, será possível conhecer muito mais sobre o povo minoico. O motivo é que a linguagem conhecida como Linear A, ainda não decifrada, está sendo decodificada aos poucos pelos especialistas por conta de novos achados arqueológicos escritos nesse idioma. A importância disso é que, com esse conhecimento, será possível desvendar melhor os antigos hábitos e rituais religiosos do povo de Mália e Cnossos [...].

O arqueólogo argumenta ainda que a mitológica Guerra de Troia, narrada pelo poeta Homero, pode realmente ter ocorrido na Antiguidade. Porém, ele acredita que o conflito não foi ocasionado pelo rapto de Helena de Esparta, mas sim pela hegemonia das rotas comerciais da região. Enfim, para Allegrette, mitologia e história se misturam, dando origem às culturas gregas **pré-helênicas**.

GALLO, Rodrigo. Álvaro Allegrette: o explorador de Mália. *Leituras da História*. Portal Ciência e Vida, Escala, Edição 3. Disponível em: <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESLH/Edicoes/3/artigo65891-1.asp>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

**pré-helênicas:** denominação das culturas que se referem ao período inicial de ocupação dos territórios gregos. Esse período também é denominado Pré-Homérico.

Ruínas do Palácio de Cnossos, edificado no século XVI a.C., aproximadamente. Fotografia de 2014.

## 3 Transformações: do Período Homérico ao Período Arcaico

Por meio de dados arqueológicos, estudiosos notaram uma clara diminuição da **cultura material** durante o **Período Homérico**, que vai do século XII a.C. ao século VIII a.C. Os estudiosos notaram também que a população diminuiu. Além disso, durante esse período, os núcleos rurais voltaram a predominar, caracterizando certa fragmentação da organização social e política. Os vestígios materiais, inclusive documentos escritos, se tornaram escassos.

Esse quadro não ocorreu de forma uniforme por toda a península Balcânica e pelas ilhas, mas provavelmente

foi um fator no deslocamento de habitantes ocorrido entre os séculos IX a.C. e VIII a.C. Este movimento migratório é denominado **Primeira Diáspora Grega**.

**cultura material:** refere-se ao conjunto de objetos, como ferramentas, esculturas e edificações, produzidos por determinada sociedade. Esses vestígios são estudados por pesquisadores, arqueólogos, historiadores, etc.

**diáspora:** do grego *diaspeirein*, que significa 'espalhar, dispersar'. Refere-se ao deslocamento forçado ou incentivado de grandes contingentes populacionais.

As poucas informações dessa época, posterior à hegemonia das civilizações cretense e micênica, decorrem de pesquisas arqueológicas e de informações extraídas de *Iliada* e *Odisseia*, **poemas épicos** de Homero (veja mais no box abaixo). Essas obras foram elaboradas no século VIII a.C., época em que os historiadores acreditam que a escrita foi retomada, com um alfabeto formado a partir da escrita fenícia. A rápida difusão e o grande alcance desse alfabeto ocorreram graças a um número limitado de letras (20) e sua simplicidade gráfica.

*Iliada* e *Odisseia* fazem alusão à sociedade do século XII a.C. e à própria época em que havia vivido Homero (século VIII a.C.), cujo nome passou a ser utilizado por historiadores para denominar esse período. O período anterior, marcado pelas civilizações cretense e micênica, é denominado de **Período Pré-Homérico**.

**poema épico:** narrativa em versos que conta um episódio ou fato heroico da história de um povo ou de uma localidade. Muitas vezes, batalhas e ações heroicas são descritas nos poemas épicos. Em um poema épico podemos encontrar uma narrativa longa, repleta de façanhas, em que eventos históricos se misturam com personagens míticos.

## Para saber mais



### Fontes literárias na História: Homero e Hesíodo

Segundo a tradição, Homero era um poeta cego. Na *Iliada*, poema com cerca de 15 mil versos, ele narra os acontecimentos do décimo e último ano da Guerra de Troia, provocada por uma disputa entre Aquiles e Agamenão. Na *Odisseia*, Homero narra o retorno de Ulisses à cidade de Ítaca em 12 mil versos, aproximadamente.

Estudiosos especializados na análise dessas obras defendem se tratar de um ou dois autores. *Iliada* e *Odisseia* teriam sido elaboradas com algumas dezenas de anos de intervalo. Além dos poemas de Homero, existem também outras fontes escritas importantes para o estudo do período. Entre elas, destacam-se também os poemas *Teogonia* e *Trabalho e os dias*, de Hesíodo.

Em *Trabalho e os dias*, Hesíodo relata suas desavenças com seu irmão Perses quanto a uma herança. O livro também traz testemunhos sobre o campesinato de sua região, a Beócia. Em *Teogonia*, o autor apresenta a genealogia dos deuses, os mitos, a origem do mundo, as gerações divinas e a obrigação de todos respeitarem as divindades imortais.

Todas essas obras foram analisadas por estudiosos interessados em conhecer mais sobre a Grécia desse período. Ao pesquisar fontes literárias, o historiador se coloca diante de um tipo especial de problema: interpretar uma ficção. Além de separar aspectos “verdadeiros” de “falsos”, é necessário também identificar elemen-

tos da vida cotidiana, do imaginário e da sociedade da época em que a obra foi escrita.

Nesse trabalho, os pesquisadores partem do pressuposto de que as obras literárias não relatam necessariamente fatos reais. Porém, como se dirigiam à população do período, usavam informações do contexto em que elas viviam. Entre essas informações, estão linguagem, costumes e mitos, por exemplo. Tais informações revelam não apenas o modo de pensar e a visão do autor (ou autores), mas também características daquela sociedade.

Uma fonte literária não pode ser o único recurso de conhecimento sobre uma sociedade. Como vimos, existem muitas fontes possíveis para o historiador, como utensílios, esculturas, construções, pinturas, etc. Os pesquisadores podem comparar as informações extraídas das narrativas gregas com outras fontes do mesmo período ou, até mesmo, com fontes posteriores (como comentários de outros autores, por exemplo). A combinação dessas diferentes informações possibilita a construção de hipóteses e interpretações históricas. A descoberta de novas fontes ou o desenvolvimento de novas formas de pensar sobre as fontes já existentes podem alterar as conclusões dos estudiosos sobre determinado período.

Reprodução de busto de Homero em mármore, provavelmente do século I ou II. Museu Britânico, Reino Unido.



## Economia e sociedade no Período Homérico

De acordo com algumas interpretações históricas, durante o Período Homérico prevaleceram, em várias regiões, **comunidades gentílicas**, constituídas de pequenas unidades agrícolas autossuficientes denominadas **genos**.

Nos **genos**, bens econômicos, como terras, animais, sementes e instrumentos de trabalho, estavam sob o controle do chefe comunitário, chamado **pater**, que exercia funções religiosas, administrativas e judiciárias.

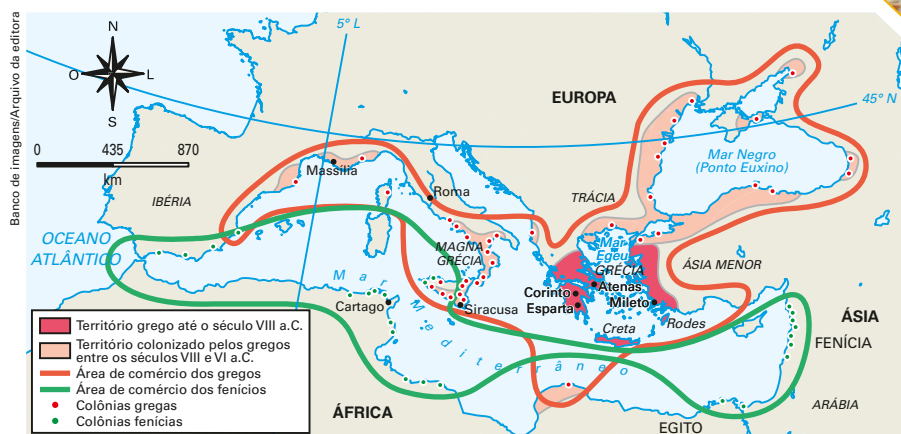
A relativa pobreza do solo encontrado na península Balcânica e a expansão demográfica desestabilizaram a sociedade gentílica. As disputas pelas terras cultiváveis e o surgimento de proprietários, não proprietários e grupos que passaram a se dedicar ao comércio provocaram conflitos entre os diversos **genos**. Esses conflitos ajudaram a moldar as relações sociais e de poder: os mais poderosos de vários **genos** se uniram para estabelecer um poder controlador e forte.

Os parentes mais próximos do **pater** apropriaram-se das terras mais ricas e passaram a ser conhecidos como **eupátridas** ('bem-nascidos'). O restante das terras ficou para os **georgoi** ('agricultores'), pequenos proprietários. Os trabalhadores camponeses em geral, que não estavam nessas categorias, foram os mais desfavorecidos e ficaram sem a posse de terra. Eram denominados **thetas** ('marginalizados').

O crescimento demográfico e a escassez de terras fizeram com que os excedentes populacionais buscassem outras áreas para sobrevivência. Ganhou força,

Observe no mapa abaixo a expansão grega pelo Mediterrâneo: na Primeira Diáspora, essa expansão dirigiu-se em especial para a Ásia Menor; na Segunda, para o sul da península Itálica, na Magna Grécia.

### A expansão grega



assim, um processo de expansão, com o estabelecimento de diversas **pólis** (cidades-Estado gregas) em regiões banhadas pelo Mediterrâneo, especialmente no sul da península Itálica e na Sicília. O processo ficou conhecido como **Segunda Diáspora Grega**. Os gregos também se voltaram para o mar Negro e fundaram novas cidades em seu litoral (veja o mapa desta página).

Desse modo, surgiram mais de cem pólis gregas na península Balcânica e na orla do mar Mediterrâneo. Entre elas, as mais importantes eram Atenas e Esparta.

Tendo como ponto geográfico central a **Acrópole** – local mais elevado da povoação e em torno da qual se desenvolvia um núcleo urbano –, as cidades-Estado foram inicialmente governadas por reis (os **basileus**). Mais tarde, as pólis adotaram um regime **oligárquico-aristocrático**, liderado pelos grandes proprietários de terras reunidos em um conselho de eupátridas. A consolidação das pólis grega marca o fim do Período Homérico e o início do Período Arcaico.

**oligarquia:** é o governo de poucas pessoas; o regime oligárquico se fundamenta no exercício do poder por parte de um grupo reduzido de pessoas, pertencentes à mesma família, grupo ou classe social.  
**aristocracia:** forma de governo na qual o poder está nas mãos de grupos privilegiados; a palavra significa, literalmente, 'poder dos melhores'.



Acima, vemos a constituição da pólis grega de Atenas: **Acrópole** ('cidade do alto') – parte mais elevada da pólis, área fortificada onde os templos e principais edificações eram construídos; **Ágora** – praça principal, área mais pública da pólis, onde se localizavam os mercados, as feiras e onde se reuniam as assembleias do povo.

## Esparta: oligarquia e militarismo

Esparta foi fundada pelos dórios no século IX a.C. na região da Lacônia, na península do Peloponeso. Trata-se de um território fértil, exceção no conjunto geográfico grego.

Os dórios dominaram a população local e até o século VII a.C. a sociedade espartana teve um desenvolvimento semelhante ao das demais pólis gregas. Porém, as dificuldades econômicas do Período Homérico, pelas quais passaram as demais cidades-Estado foram menos acentuadas em Esparta, que não passou por uma grande escassez agrícola.

A sociedade espartana era formada por:

- **espartanos:** principal grupo social e elite militar, composto pelos descendentes dos conquistadores dórios. Eram eles que detinham o poder econômico – recebiam lotes de terras –, concentravam também o poder político e religioso, marginalizando as demais categorias sociais e utilizando a força militar para manter seus privilégios;
- **periecos:** habitantes das redondezas da pólis. Dedicavam-se à atividades rejeitadas pelos espartanos, como o artesanato e o comércio em pequena escala;
- **hilotas:** servos que eram propriedade partilhada entre a cidade-Estado e os espartanos. Não tinham direitos políticos e eram obrigados a pagar uma renda sobre as colheitas. Os hilotas descendiam dos habitantes da Lacônia que foram dominados pelos dórios.

Segundo a tradição espartana, a legislação desta pólis foi criada por **Licurgo**, uma figura lendária.

Suas leis asseguravam o monopólio político dos espartanos e a marginalização dos demais grupos sociais.

Como em outras cidades-Estado gregas, um sistema oligárquico também foi instituído em Esparta. Esse sistema era encabeçado pela **Apela** (assembleia de guerreiros) e pela **Gerúsia** (conselho com funções legislativas, constituído de anciãos membros das famílias mais ricas). Entretanto, ao contrário de outras pólis, em Esparta a chefia do governo era exercida por dois reis, e não apenas um.

Diferentemente do restante da Grécia, Esparta não passou pelas transformações econômicas (expansão do comércio, criação de novas cidades ao redor do Mediterrâneo que mantinham fortes laços comerciais e religiosos com a pólis de origem) e sociais (ascensão de comerciantes enriquecidos e empobrecimento de pequenos proprietários) ocorridas nas demais cidades-Estado. Tais transformações foram responsáveis por disputas políticas e sociais. Elas também favoreceram a introdução da democracia em muitas pólis, mas não em Esparta, que permaneceu oligárquica e aristocrática.

Os espartanos eram numericamente inferiores aos hilotas e se **militarizaram**, como forma de manter a ordem vigente. A educação espartana, sob responsabilidade do Estado, enfatizava o treinamento militar, exigindo obediência e aptidão física. Crianças com deficiência física eram sacrificadas ao nascer. Meninos saudáveis eram separados da família aos 7 anos de idade e entregues ao Estado para receber formação militar. Aos 18 anos, estavam prontos para ingressar no exército como **hoplitas**, soldados de infantaria armados de lanças e escudos. Aos 30 anos, podiam casar-se e participar da vida política. Deixavam de ter obrigações militares aos 60 anos, idade com que poderiam ser eleitos para a Gerúsia.





## Outros olhares sobre Esparta

Embora vista como oligárquica e fechada, Esparta foi uma das primeiras pólis gregas a criar um governo constitucional em que todo cidadão espartano era igual perante a lei e o governante não podia fazer o que bem entendesse, tendo de, como qualquer cidadão, submeter-se à lei.

Em estudo recente, o historiador Paul Cartledge, da Universidade de Cambridge (Reino Unido), demonstra que, como os outros gregos, os espartanos eram altamente competitivos e prezavam muito a liberdade. No contexto espartano, liberdade significava que os cidadãos não seriam obrigados – graças aos servos – a fazer nenhum trabalho manual, exceto nos assuntos de guerra, e que eles eram livres para governar a si mesmos, por um sistema de governo de controle mútuo, ordens e obediência, submetido à disciplina militar espartana. Foi uma espécie de “Estado-**caserna**”, único no mundo grego antigo. Nele, as mulheres espartanas tinham uma vida mais ativa do que em Atenas, onde permaneciam em casa, não tinham direitos políticos e deviam obediência ao pai e ao marido (veja a próxima seção *Leituras*).

Ao longo dos séculos, Esparta tem sido alvo de fascinação e repulsa. Um exemplo mais extremado surgiu entre 1941 e 1942 (período da Segunda Guerra Mundial, conflito que ocorreu de 1939 a 1945). Naqueles anos, estudiosos consideravam que Esparta teria sido o “‘mais luminoso exemplo de Estado com base racial da história humana’ segundo uma definição hitleriana”<sup>1</sup>, ou seja, nazista.

**caserna:** acomodação construída para o alojamento de soldados.



Estatueta de bronze de um guerreiro hoplita, 530 a.C. Museu Arqueológico de Sibari, Itália.

## Atenas, construção da democracia

A região de Atenas, localizada na península Ática, foi ocupada inicialmente pelos aqueus, seguidos pelos eólios e pelos jônios. Por volta do século X a.C. ocorreu uma unificação de famílias gentílicas ali existentes. Isso impulsionou a formação de uma sociedade de classes em torno do centro político-militar-religioso representado pela Acrópole ateniense.

Durante muito tempo, vigorou em Atenas um regime monárquico que foi derrubado por membros da aristocracia local, constituída de proprietários de terras. Um regime oligárquico foi instituído após a queda do regime monárquico. Na oligarquia ateniense, o poder era exercido pelo **arcontado**, órgão composto de homens escolhidos entre os aristocratas, com mandatos anuais e funções religiosas, jurídicas e militares. Também foi instituído o **areópago**, conselho de eupátridas (os já citados “bem-nascidos”) responsável pelo controle e pela fiscalização dos arcontes, como eram chamados seus integrantes. A escassez de terras férteis e os interesses comerciais fizeram com que os atenienses, assim como os gregos de outras cidades-Estado,

se voltassem para o Mediterrâneo, com o objetivo de fundar comunidades comerciais ou de povoamento (Segunda Diáspora Grega).

A expansão pelo Mediterrâneo provocou profundas alterações na estrutura econômica e social ateniense. Atenas praticava um intenso comércio com outras cidades-Estado, buscando nelas excedentes agrícolas (em especial trigo), metais e madeira, e vendendo-lhes produtos já beneficiados (vinho, azeite e peças de artesanato). Pequenos proprietários, os *georgoi*, incapazes de concorrer com produtos mais baratos que vinham dessas cidades e de oferecer produtos melhores, perderam suas terras. Muitas vezes, impossibilitados de pagarem suas dívidas, eram escravizados.

Enquanto a tensão social crescia em Atenas, ameaçando a estabilidade do regime oligárquico, surgia uma categoria de homens enriquecidos pelo comércio que começou a questionar o monopólio político dos eupátridas. Nesse contexto, cresceram as tensões sociais já existentes, tornando impossível a manutenção do poder nas mãos de um único grupo social.

<sup>1</sup>CANFORA, Luciano. *O mundo de Atenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 57.

Diante desse quadro de instabilidade, vários legisladores atenienses fizeram propostas para superar os conflitos e atenuar as tensões sociais. Veja abaixo os mais importantes dentre eles.

## Principais legisladores atenienses

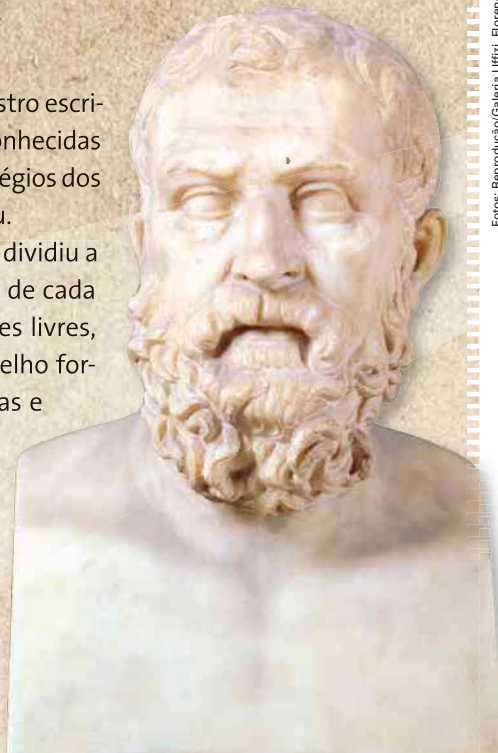
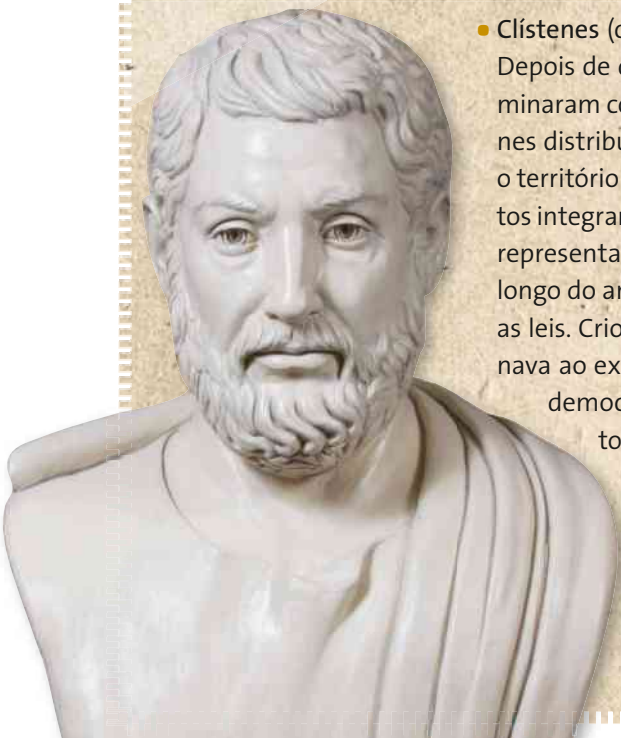
- **Drácon** (c. 650 a.C.-600 a.C.): organizou e tornou público um registro escrito das leis, que até então se baseavam na tradição oral e eram conhecidas apenas pelos eupátridas; apesar de significar um avanço, os privilégios dos eupátridas não foram alterados e a insatisfação social aumentou.
- **Sólon** (c. 638 a.C.-c. 558 a.C.): extinguiu a escravidão por dívidas; dividiu a sociedade de forma censitária, ou seja, de acordo com a renda de cada pessoa, possibilitando a ascensão dos demiurgos (trabalhadores livres, como artesãos, comerciantes, magistrados); criou a **bulé**, conselho formado por quatrocentos membros, com funções administrativas e legislativas. Com isso, Sólon consagrava a fortuna como fator preponderante na sociedade ateniense. As leis criadas pela bulé passaram a ser submetidas à **eclésia**, assembleia popular aberta a todos os cidadãos (homens livres com mais de 18 anos). As reformas propostas por Sólon não diminuíram as lutas sociais e a agitação política que abalavam a sociedade ateniense, seguindo-se um período de sucessivas **tirantias** (Psístrato, Hípias e Hiparco).

**tiranía:** governo autoritário que utiliza a força para se manter no poder. Entretanto, no contexto da Grécia antiga, a ideia de representação da vontade do povo era mantida.

Sólon substituiu o sistema de poder fundamentado na hereditariedade por outro tipo, apoiado na renda. Na imagem, reprodução de réplica em mármore, século IV.

- **Clístenes** (c. 570 a.C.-508a.C.): liderou uma rebelião contra o último tirano. Depois de derrubá-lo, o estadista ateniense deu início a reformas que culminaram com a implantação da democracia e a pacificação da pólis. Clístenes distribuiu os cidadãos da Ática em dez tribos, divididas de acordo com o território que habitavam e não pela riqueza. A bulé passou a ter quinhentos integrantes, cinquenta por tribo, e a ser presidida de forma sucessiva por representantes de cada uma das tribos, em períodos iguais de tempo ao longo do ano. A eclésia teve seu poder ampliado e passou a discutir e votar as leis. Criou também o **ostracismo**, mecanismo pelo qual a eclésia condenava ao exílio, por dez anos, aquele que fosse considerado uma ameaça à democracia. O exilado, todavia, não perdia suas propriedades. Para a tomada de decisões importantes, como o ostracismo, exigia-se que o número de votantes na eclésia fosse de pelo menos 6 mil cidadãos.

As reformas de Clístenes encerraram o Período Arcaico e deram início ao Período Clássico (V a.C.-IV a.C.). Reprodução de escultura do primeiro busto de Clístenes, concebido em 2004 por uma artista plástica grega contemporânea.

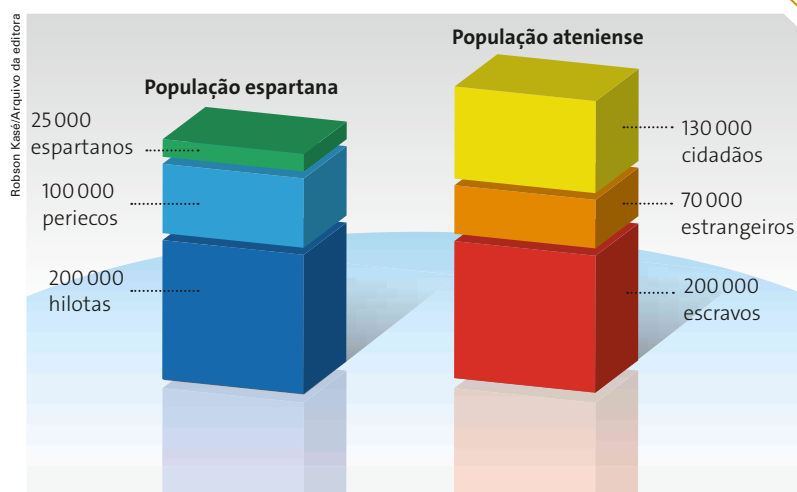


## Os cidadãos atenienses

Todo cidadão tinha acesso à eclésia e, portanto, participava ativamente da tomada de decisões. Mas quem era o cidadão grego?

Na Grécia antiga, era considerado cidadão apenas o homem livre e ateniense (nascido em Atenas, filho de pai e mãe atenienses). Isso significa que mulheres, estrangeiros e escravos não participavam do processo político. Estes últimos formavam a maioria esmagadora da população da pólis ateniense, que, segundo algumas estimativas, reunia cerca de 400 mil habitantes no século V a.C.

### População aproximada de Esparta e Atenas no século V a.C.



Adaptado de: BRANCATI, Antonio. *I Popoli Antichi 1*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1998. p. 82.

## Leituras



**políade**: relativo a pólis.

O texto a seguir foi escrito pela historiadora Maria Aparecida de Oliveira Silva e trata de algumas diferenças entre a condição feminina nas cidades-Estado de Esparta e de Atenas. Leia-o com atenção.

### Mulheres gregas

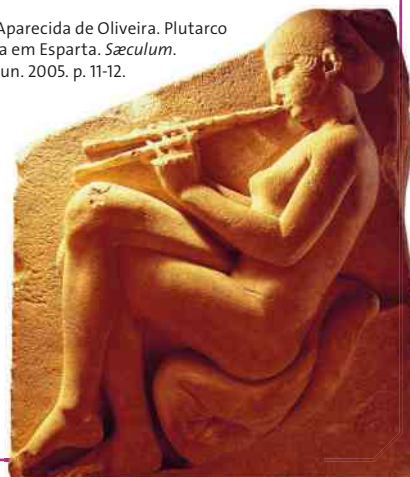
[...] o tratamento dispensado à mulher grega encontra-se diferenciado, a mulher ateniense aparece descrita nos relatos antigos reclusa em suas casas – o oikos, enquanto a mulher espartana exercita-se em público com vestes curtas. De acordo com os relatos dos antigos, a mulher espartana era livre para circular na cidade e recebia a educação estatal destinada a atender às necessidades do seu meio social. Essa mulher desempenhava a relevante função social de gerar filhos robustos e corajosos, ao passo que a mulher ateniense mantinha-se confinada em sua casa, aprendendo com as mulheres mais próximas, em geral a mãe, como administrar o lar e desenvolver as atividades domésticas, tais como tecer, fabricar utensílios de cerâmica e cuidar dos filhos. Contudo, esses modelos sustentados pelos antigos encontram-se incompletos, o que dificulta nossa interpretação da história da mulher grega no mundo antigo.

O século IV a.C., período do qual dispomos de maior informação sobre a mulher espartana, representou uma fase de transição entre a prosperidade

do século V a.C. e a decadência do sistema **políade** no terceiro século antes de Cristo. Os escritos de Platão remetem à necessidade de inclusão da mulher no funcionamento da pólis. Para o filósofo, a mulher deve receber a mesma educação ministrada ao homem, qual seja, o ensino da música, ginástica e também da guerra (República, 452a). A cidade idealizada por Platão responsabiliza a mulher pelo funcionamento da pólis, e ainda garante ao sexo feminino a igualdade de condições na organização social, política e econômica da cidade-Estado. As ideias de Platão sobre o aproveitamento do potencial feminino demonstram a preocupação do filósofo em manter a independência da pólis, principalmente com relação aos que exigiam grandes quantias por seus serviços na defesa da cidade.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a participação feminina em Esparta. *Saeculum*. João Pessoa, jan./jun. 2005. p. 11-12.

Uma das faces do Trono Ludovisi, bloco de mármore branco esculpido em baixo-relevo, que mostra uma mulher tocando flauta. Produzida entre 470 a.C. e 460 a.C.



Bridgeman Images/Koystone

## 4 Período Clássico

Durante o século V a.C., as pólis gregas uniram-se militarmente pela primeira vez para enfrentar um inimigo comum, os persas, que ameaçavam suas fronteiras orientais. Na periodização tradicional da história grega, esse século faz parte do Período Clássico (séculos V a.C. e IV a.C.)

Trata-se de um período também marcado por grandes conflitos entre as cidades-Estado gregas. No entanto, esses conflitos não ofuscaram as grandes realizações culturais ocorridas no período, cujo auge foi o século V a.C. As reformas legislativas implantadas em Atenas por Clístenes e o governo de Péricles (c. 495 a.C.-429 a.C.) também fazem parte deste período.

Os persas tentaram invadir a Grécia duas vezes, provocando conflitos que ficaram conhecidos como **Guerras Médicas**, ou **Guerras Greco-Pérsicas**.

O primeiro desses conflitos ocorreu entre 490 a.C. e 479 a.C. Liderados por Dario I, os persas desembarcaram na Grécia, mas foram surpreendidos pelo exército ateniense na planície de Maratona. Apesar de sua superioridade numérica, o exército persa foi derrotado pelos gregos. O prestígio ateniense cresceu muito após essa vitória, e a cidade começou a se destacar entre as demais pólis gregas.

A segunda ofensiva persa teve início em 480 a.C., quando o imperador Xerxes partiu em direção à Grécia com cerca de 100 mil homens. Os gregos uniram-se contra os invasores, mas, apesar do sucesso espartano

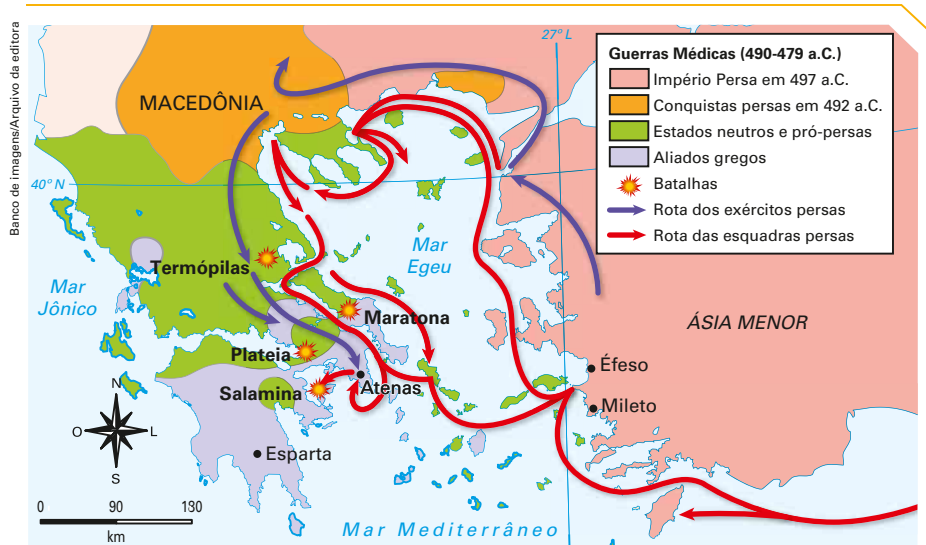
em retardar o avanço do inimigo, no desfiladeiro das Termópilas, os persas conseguiram invadir e saquear Atenas. Entretanto, eles seriam derrotados logo depois na batalha naval de Salamina, diante de Atenas e aliados. Mais uma vez, os persas se retiraram sem terem conseguido dominar a Grécia.

Durante a guerra, as pólis formalizaram uma aliança conhecida como **Liga de Delos**. Tratava-se basicamente de uma união militar contra os persas. As cidades que participavam da aliança pagavam impostos – depositados na ilha de Delos – para sustentar a frota e os exércitos das cidades-Estado. Atenas, com seu prestígio e poderio econômico, logo passou a administrar os recursos de Delos, tornando-se líder da Liga.

Ao final das guerras contra os persas, os atenienses insistiram na manutenção da Liga e dos tributos. A medida gerou descontentamento entre as cidades aliadas, que se sentiam enfraquecidas e pouco podiam fazer contra o poderio militar de Atenas. Foi o auge do **imperialismo ateniense**, ou seja, o período em que Atenas passou a dominar boa parte da Grécia.

Os atenienses transferiram o tesouro de Delos para Atenas e, com frequência, utilizavam a força para manter outras pólis sob seu domínio. O controle dos recursos de outras cidades abriu caminho para o apogeu ateniense, particularmente entre 461 a.C. e 429 a.C., época conhecida como a “idade de ouro de Atenas”, quando a cidade era governada por Péricles.

### As Guerras Médicas



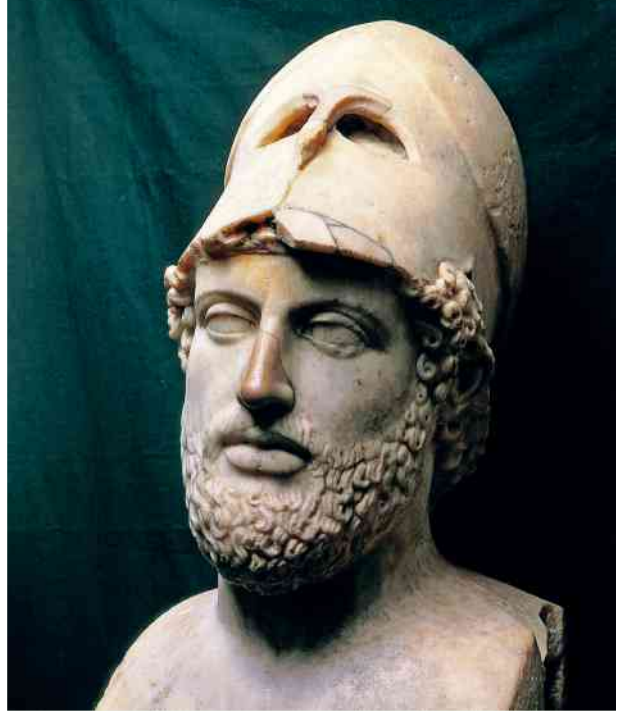
Nas Guerras Médicas, gregos e persas disputavam a hegemonia do mar Egeu.

Adaptado de: KINDER, H.; HILGEMANN, W. *Atlas of World History*. New York: Anchor Books, 1974. p. 56.

Durante o governo de Péricles, aprimorou-se a democracia. Ao observar que os homens livres e pobres dificilmente participavam das instituições democráticas, Péricles criou a **mistoforia**, uma pequena remuneração em dinheiro para os ocupantes de cargos públicos. A medida possibilitou a participação popular nos assuntos da administração da cidade.

Além disso, em seu governo Atenas foi reconstruída e embelezada; ergueram-se um templo dedicado à deusa Atena, o **Partenon**, e muralhas defensivas em torno da cidade.

Entretanto, apesar desses avanços, a democracia ateniense apoiava-se no imperialismo. Esse fato provocava insatisfação não só nas cidades da Liga de Delos, mas também entre as póleis aristocráticas que não se alinhavam a Atenas. Lideradas por Esparta, as póleis insatisfeitas formaram uma aliança de oposição: a **Liga do Peloponeso**.



G. Nimalalan/De Agostini Picture Library/Bridgeman Images/Keystone

Péricles foi um político, orador e líder democrático ateniense. Sua importância no campo da política, das artes e das letras resultou na denominação “Século de Péricles” para o século V a.C. Acima, reprodução de busto de Péricles, cópia romana de mármore a partir do original grego, do século V a.C. Museu Britânico, Londres.

## Para saber mais



### Outros olhares sobre Atenas

Em sua obra *O mundo de Atenas*, o historiador Luciano Canfora aborda a ordem democrática ateniense, traçando interpretações que vão além daquela que considera que a cidadania era restrita aos homens atenienses e adultos. Leia algumas considerações do historiador.

- **Das conquistas e domínios (uso de Delos)**

Mas qual é a finalidade do impulso de aumentar o império? Serve para ampliar as receitas e ter mais recursos para alimentar o demo. Essa é a ligação entre consenso político e política imperialista. Não por acaso, durante as Grandes Dionisiacas [festas] exibiam-se as listas dos tributos.

- **Quanto ao governo e à riqueza**

Sobre o uso do dinheiro, tanto do erário público – recursos financeiros públicos – como de particulares, e sobre o monitoramento de populares nos encaminhamentos políticos (festas, obras públicas, representações teatrais e inúmeros subsídios), Canfora destaca:

[o] local clássico da corrupção democrática em Atenas é o tribunal. Aliás, o tribunal ocupa na sociedade ateniense dos séculos V e IV uma posição central equivalente e talvez superior à da assembleia e do teatro. É no tribunal que desem-

bocam as infinitas controvérsias possíveis referentes à propriedade: a luta sobre a propriedade, sobre os modos de exercício dos cargos públicos, em especial quando incluem a administração de dinheiro, as controvérsias sobre o montante das despesas com que os ricos devem arcar em prol da comunidade, tudo isso tem como arena diária o tribunal [...] Os jurados, que são várias centenas, são escolhidos por sorteio: todo cidadão pode ser juiz (não é preciso ter nenhuma qualificação específica) e, além da vantagem de receber um salário por esse seu serviço de utilidade pública, está numa posição em que, julgando controvérsias que em geral envolvem disputas de propriedade, pode ser subornado (conseguindo assim um ganho suplementar) por atores e participantes que estão dispostos a tudo para vencer.

- **Sobre a exaltação e valorização do mundo de Atenas**

O restabelecimento da primazia da Atenas clássica deveu-se essencialmente aos romanos. Foram eles que, para dominar o Mediterrâneo, tiveram de derrubar [...] sobretudo a férrea e armadíssima monarquia macedônia que desqualificaram [...]

CANFORA, Luciano. *O mundo de Atenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 139, 475, 63.

# Construindo conceitos



## Democracia antiga, democracia moderna

Como vimos, a democracia ateniense era baseada na participação dos cidadãos, isto é, dos homens adultos, livres e nascidos na cidade. Mesmo excluindo mulheres, estrangeiros, escravos e menores de 18 anos, a democracia ateniense representou uma ampliação do poder político em relação a outras formas de organização do Estado, como os regimes monárquicos e as oligarquias. De acordo com o historiador Moses Finley (1912-1986), na democracia ateniense

... o povo não era só elegível para cargos públicos e possuía o direito de eleger administradores, mas também era seu direito de decidir quanto a todos os assuntos políticos e o direito de julgar, constituindo-se como tribunal, todos os casos importantes civis e criminais, públicos e privados. A concentração de autoridade na assembleia, a fragmentação e o rodízio dos cargos administrativos, a escolha por sorteio, a ausência de uma burocracia remunerada, as cortes com júri popular, tudo isso servia para evitar a criação da máquina partidária e, portanto, de uma elite política.

FINLEY, Moses. *Democracia antiga e moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 37.

A democracia ateniense, portanto, era exercida diretamente pelos cidadãos e não por um corpo de políticos profissionais, eleitos para controlar o Estado. A assembleia popular ateniense reunia todos os cidadãos, independentemente de suas condições econômicas ou seu prestígio social. Isso significava que as decisões sobre a cidade e seus destinos eram uma atividade coletiva, vivenciada num espaço público, onde todos eram iguais e tinham direito à palavra.

A democracia moderna herdou da democracia grega a participação política dos cidadãos, mas alterou suas instituições e seu funcionamento. Na maioria dos países democráticos modernos, o poder é exercido pelos **políticos**, eleitos para exercer a política em nome dos cidadãos. Na prática, o Estado é controlado pelos **burocratas**, que auxiliam os políticos eleitos a tomar decisões sobre a vida pública.

Embora a decisão política não seja tomada diretamente pelo cidadão, como em Atenas, a cidadania moderna engloba quase todos os habitantes de um país. A escravidão foi proibida e os indivíduos, homens e mulheres, têm os mesmos direitos políticos. Ainda que estrangeiros não possam exercer funções políticas, existem condições para que eles se naturalizem e conquistem a condição de cidadão de determinado país.

O sociólogo Norberto Bobbio (1909-2004) afirma que ... a democracia nasceu com a perspectiva de eliminar para sempre das sociedades humanas o poder invisível e de dar vida a um governo cujas ações deveriam ser desenvolvidas publicamente.

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 41.

Portanto, os representantes eleitos pelo voto precisam agir de acordo com os interesses públicos. Para conhecer e controlar as ações desses políticos, foram criados instrumentos de fiscalização da atividade política, como a atividade jornalística, que divulga e avalia as decisões do governo, *sites* que informam sobre as contas públicas e canais de televisão e rádio que transmitem as sessões plenárias das Câmaras dos Deputados e do Senado.

Agora, faça o que se pede:

- Em duplas, acessem o *site* da Transparência Brasil (disponível em: <[www.transparencia.org.br](http://www.transparencia.org.br)>. Acesso em: 7 dez. 2015). Essa organização não governamental realiza a análise e o monitoramento de dados públicos, produzindo estudos, relatórios e levantamentos que tratam do problema da corrupção em diferentes níveis do governo. Sigam o roteiro:
  - a) Cliquem em “Notícias” e selecionem uma das notícias disponíveis no *site*.
  - b) Leiam o texto e elaborem um pequeno comentário sobre o assunto tratado nele. Ao elaborar o comentário sobre a notícia escolhida, procurem identificar a relação entre a importância da fiscalização da atividade política e as práticas democráticas da atualidade.
  - c) Apresentem o comentário ao restante da turma, em uma pequena apresentação oral.

## Conflitos e enfraquecimento das cidades-Estado

Em 431 a.C., Atenas e Esparta entraram em guerra, envolvendo as demais pólis em um conflito que ficou conhecido como **Guerra do Peloponeso**. Atenas tinha o poderio marítimo, enquanto os exércitos de Esparta detinham o domínio terrestre. Ao longo dos dezessete anos de conflito, os espartanos devastaram os campos da Ática. A guerra culminou com um cerco dos espartanos a Atenas. O conflito terminou em 404 a.C., com a vitória final de Esparta. Sob o domínio espartano, a democracia declinou em Atenas e o poder oligárquico foi restaurado.

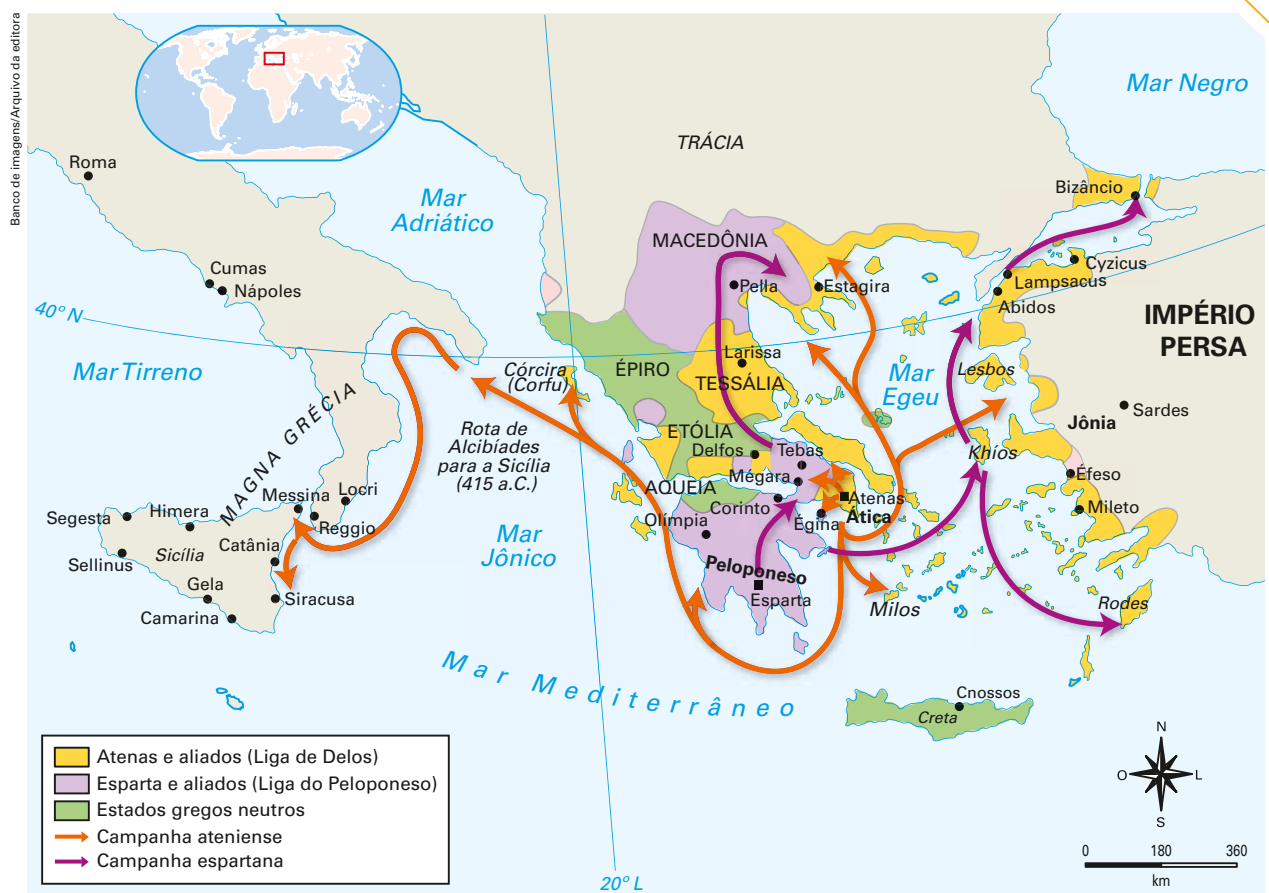


Capacete grego de bronze datado de 700 a.C., aproximadamente.

A hegemonia de Esparta foi, contudo, ameaçada por outras cidades, que lutavam pelo controle da península Balcânica. Tebas fazia parte da oposição e sua força militar derrotou Esparta, em 371 a.C., substituindo-a, por um breve período, como força hegemônica.

As constantes guerras tiveram como resultado reerguimentos temporários das pólis, inclusive de Atenas. Mesmo assim, posteriormente, o que passou a prevalecer foi o crescente enfraquecimento das cidades-Estado gregas. Esse declínio facilitou o sucesso da invasão dos macedônios, povo do norte da península Balcânica. Em 338 a.C., na Batalha de Queroneia, os exércitos gregos foram derrotados e a Grécia caiu sob o domínio da Macedônia.

### A Guerra do Peloponeso



Adaptado de: DI SACCO, Paolo (Coord.). *Corso di storia antica e medievale*. Milan: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1997. p. 135.

A Guerra do Peloponeso pôs fim ao imperialismo ateniense, dando lugar à hegemonia espartana.

## 5 Cultura grega

Durante o Período Clássico, do governo de Péricles até a conquista macedônica, ocorreu a época áurea da criação cultural grega. Nesse período viveram muitos dos principais teatrólogos, filósofos, arquitetos e artistas da Grécia. Até hoje algumas dessas manifestações culturais são cultuadas.

A religião é uma das expressões culturais gregas de maior destaque. Ela caracterizava-se pelo politeísmo antropomórfico. Ou seja, os gregos acreditavam em deuses que tinham formas e atributos semelhantes aos dos seres humanos: suas fraquezas, paixões, virtudes, etc. Mas uma característica fundamental distinguia os deuses dos humanos: a imortalidade.

Segundo a mitologia grega, vários deuses habitavam o Monte Olimpo, de onde comandavam o destino dos seres humanos. Alguns deuses teriam tido relações se-

xuais com seres humanos e delas teriam nascido os semideuses, ou heróis, como Hércules, filho de Zeus e da mortal Alcmena, famoso por sua força extraordinária.

Entre as principais divindades estavam: **Zeus**, senhor de todos os deuses; **Atena**, filha de Zeus, deusa da razão e da sabedoria e protetora da cidade de Atenas; **Apolo**, deus da luz e das artes; **Dioniso**, deus do vinho; e **Poseidon**, deus dos mares.

A influência da mitologia grega pode ser observada em todas as manifestações artísticas da Grécia antiga. O teatro, por exemplo, surgiu a partir de encenações promovidas nas festas realizadas em homenagem a Dioniso. As tragédias gregas mais destacadas foram escritas por Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.), Sófocles (496 a.C.-406 a.C.) e Eurípedes (484 a.C.-406 a.C.). O maior representante da comédia foi Aristófanes (445 a.C.-386 a.C.).





Teatro de Dioniso, na Acrópole de Atenas. Desde meados do século V a.C., esse espaço era utilizado para apresentações teatrais em homenagem ao deus Dioniso. O palco era de madeira, e os espectadores se acomodavam na encosta da colina, sobre a terra batida. Somente no final do mesmo século uma arquibancada foi construída em madeira, aproveitando o declive do terreno. Sua substituição por uma arquibancada de pedra ocorreu por volta de 330 a.C. Fotografia de 2014.

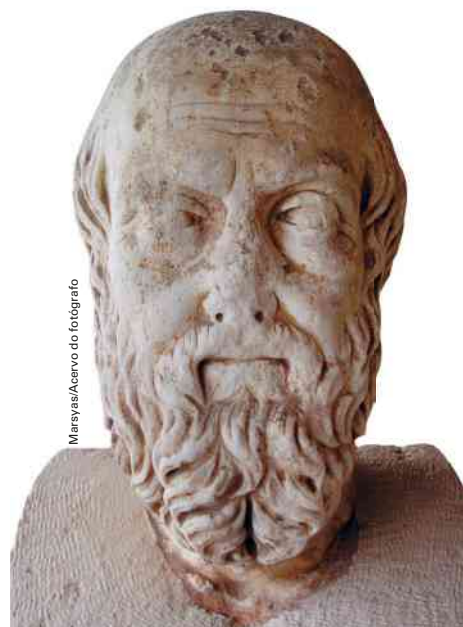
Dois poemas épicos estiveram entre as primeiras fontes literárias gregas e ocidentais para os historiadores, as já citadas *Iliada* e *Odisseia*. As duas obras apresentam narrativas heroicas com referências históricas e mitológicas. *Iliada* descreve a Guerra de Troia, entre os gregos e a cidade de Troia, na costa da Ásia Menor, hoje ocupada pela Turquia. *Odisseia* narra as aventuras do herói grego Ulisses em seu retorno da Guerra de Troia. Em ambas, o lugar de honra é reservado aos aristocratas. Essa característica expressa a transição para o regime político oligárquico-aristocrata, que foi adotado pelas pólis no final do Período Homérico.

Como já apontamos, atualmente questiona-se se essas obras teriam sido elaboradas pela mesma pessoa ou por um único autor. A própria existência de Homero também é posta em dúvida.

Além dos poemas épicos, foram preservadas narrativas de acontecimentos considerados importantes pelos gregos, como as de Heródoto (c. 485 a.C.-420 a.C.) e Tucídides (c. 460 a.C.-c. 400 a.C.).

A História, enquanto estudo do passado, também surgiu entre os antigos gregos. O termo História tal como o entendemos hoje, no entanto, não existia. A palavra *historie* vem do grego e significa “aquele que viu, que testemunhou”. Os relatos de Heródoto, considerado “pai da História”, eram baseados no que “viu ou ouviu dizer dos que viram” os fatos. Esses relatos

consistiam em narrativas escritas, diferenciando-se da poesia e do mito, formados por narrativas e tradições orais. Heródoto teria registrado e reunido em seus escritos o que as testemunhas oculares narravam em diferentes versões e segundo suas memórias. Seus livros descrevem principalmente os “não gregos” (persas, babilônicos, egípcios, entre outros) e as Guerras Médicas.



Marsyas/Acervo do fotógrafo

Réplica romana, século II, do original grego do busto de Heródoto, nascido provavelmente em 485 a.C.

Na arquitetura e na escultura buscava-se uma expressão do **humanismo**, com o cultivo de princípios como o **racionalismo** e a simplicidade, resultando em equilíbrio, harmonia e ordem. Segundo o lugar e a época em que foram construídos, os templos gregos seguiam três estilos diferentes: o dórico, o jônico e o coríntio (veja as imagens a seguir).

**humanismo:** forma de explicação da realidade centrada no ser humano e em seus valores. Busca da compreensão de conceitos ligados ao ser humano, como a felicidade, a ética, a virtude, a justiça.  
**racionalismo:** explicação da natureza e de tudo o que existe pela razão. Pode referir-se à corrente filosófica dos séculos XVII e XVIII e ao uso da razão em detrimento das explicações baseadas em crenças religiosas.



Katsoulos Panagiotis/Shutterstock



As colunas do Partenon, templo da deusa Atena, na Acrópole de Atenas, são do estilo dórico. Foto de 2015.

Milan Gonda/Shutterstock

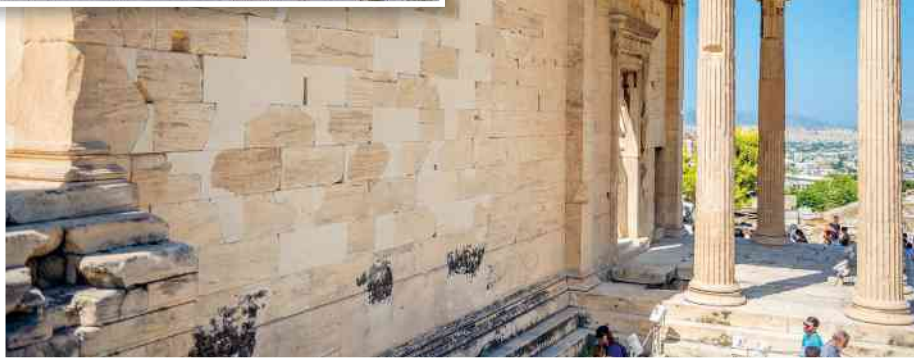


Ruínas do Templo de Erechtheion em Atenas. Colunas no estilo jônico podem ser observadas na porção direita da imagem. Foto de 2014.

Kublu/Shutterstock



Nas ruínas da Biblioteca de Adriano, em Atenas, é possível observar colunas no estilo coríntio. Foto de 2015.



A civilização grega foi também o berço da Filosofia (palavra grega que significa “amor à sabedoria”), disciplina que tem por objetivo procurar explicações racionais e universais para a vida e para a humanidade. O pensamento filosófico grego tinha por base a razão e, por isso, valorizava o ser humano (**antropocentrismo**), influenciando significativamente o **racionalismo** ocidental de séculos posteriores.

Inicialmente, a Filosofia grega desenvolveu a linha ou escola de pensamento que se tornaria conhecida como **pré-socrática** (“anterior a Sócrates”) ou dos filósofos da natureza. Esses filósofos buscavam uma explicação para a origem das coisas que fosse além do mito.

Mais tarde, sobretudo em Atenas e no contexto da democracia, surgiu a escola **sofista**, que abriu mão de interpretações mais amplas sobre a origem das coisas e passou a enfatizar a prática da **retórica**, a arte do convencimento. Deixando de lado a busca por um conhecimento mais profundo ou verdadeiro, os sofistas estimulavam a expressão de opiniões como forma de atingir objetivos concretos (por exemplo, aprovação de uma lei). Um dos representantes dessa escola foi Protágoras (c. 485 a.C.-410 a.C.), autor da frase “O homem é a medida de todas as coisas”, que evidenciava uma preocupação central com o ser humano.

No século V a.C., destacou-se o filósofo Sócrates (c. 470 a.C.-399 a.C.), que não apenas criticava os sofistas, mas afirmava que existia um conhecimento verdadeiro. O ser humano poderia atingir esse conhecimento pela prática filosófica apoiada no diálogo. Crítico da

ordem ateniense, foi julgado e condenado à morte sob a acusação de “corromper a juventude”.

Os princípios desenvolvidos por Sócrates foram assumidos por seu discípulo Platão (c. 428 a.C.-348 a.C.), considerado o fundador da Filosofia ocidental. Em seus ensinamentos, Platão considerava que a busca pelo conhecimento verdadeiro era uma prática transcendente, isto é, que iria além dos dados obtidos pelos sentidos. Seria pelo pensamento que se chegaria às ideias eternas e imutáveis, como a beleza, a bondade e a verdade.

Finalmente, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), já vivendo no período do domínio macedônico, levou a Filosofia para outra direção, afirmando a importância dos sentidos como forma de obter o conhecimento verdadeiro. Platão e Aristóteles fundaram duas correntes de pensamento que dominaram o debate filosófico no Ocidente até pelo menos o final do século XVIII.

**antropocentrismo:** (do grego *anthropos*, 'humano', e *kentron*, 'centro'), o homem como centro do Universo e das explicações racionais.

**sofista:** do grego *sophistés*, que significa 'sábio'.

**retórica:** oratória; arte de bem argumentar, falar de modo a convencer, persuadir.

## As Olimpíadas

Em 2016, o Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos. A origem do termo Olimpíada vem da cidade de Olímpia, localizada a 360 quilômetros de Atenas, onde havia um templo dedicado a Zeus. Esses jogos esportivos eram realizados a cada quatro anos, e contavam apenas com a participação de homens. Embora também fossem realizados em outras cidades, os jogos de Olímpia se destacaram entre os demais e passaram a ser denominados Jogos Olímpicos. A primeira Olimpíada teria ocorrido em 776 a.C. Em 393 d.C., os Jogos foram suspensos pelo imperador romano Teodósio, retornando apenas em 1896, por incentivo do barão francês Pierre de Coubertin. Nessa data, após 1503 anos, Atenas sediou a primeira versão moderna dos Jogos Olímpicos.

Uma das várias cópias romanas feita em mármore da escultura *Discóbolo*, originalmente produzida em bronze, provavelmente de 450 a.C. e de autoria do artista Míron, que representou o momento em que o atleta lança um disco.



Victoria & Albert Museum, Londres/Bridgeman Images/Keystone

# Dialogando com as Artes Cênicas



O trecho a seguir apresenta a fala de Antígona sobre sua desobediência e o enterro do irmão:

## Mulheres na Grécia

As mulheres não tinham direitos de cidadania nas cidades-Estado da Grécia antiga. No entanto, elas exerciam sua influência e poder através de outras formas. Alguns textos teatrais daquele período demonstram o papel ativo das mulheres na sociedade, inclusive, no debate político e na discussão sobre assuntos públicos, como a destruição provocada pela guerra e o respeito às tradições religiosas.

Nesta seção, vamos conhecer trechos de duas peças teatrais produzidas em diferentes períodos e refletir sobre o papel da mulher na sociedade. *Antígona* foi escrito pelo dramaturgo grego Sófocles, no século IV a.C. *Antígona recortada – contos que cantam sobre pousopássaros* foi criada pelo Grupo Bartolomeu de Depoimentos, em 2014, companhia que mistura o teatro épico ao *hip-hop*. Leia os trechos a seguir e depois faça as atividades propostas.

## Antígona

Antígona, filha de Édipo e Jocasta e irmã de Ismênia, Polinice e Etéocles, é uma figura mitológica que simboliza o amor fraternal e a justiça divina. De acordo com a mitologia, os irmãos Polinice e Etéocles concordaram revezar o reinado de Tebas na ausência do pai, Édipo, que partiu para o exílio acompanhado por Antígona. Ao fim do primeiro mandato, Etéocles se recusou a ceder o trono ao irmão, que, revoltado, aliou-se a uma cidade vizinha e promoveu um grande ataque a Tebas.

A trama da peça tem início após a morte dos irmãos, que se mataram na disputa, e narra o retorno de Antígona a Tebas. Ao assumir o poder, Creonte, irmão de Jocasta, declara que Polinice foi um traidor e, portanto, não deveria receber as honras funerárias tradicionais. Etéocles, por sua vez, seria enterrado com todo cerimonial necessário, e quem contrariasse essas ordens seria condenado à pena de morte. Antígona, porém, desobedece a lei real e invoca as leis divinas, decidindo enterrar o irmão de acordo com os rituais religiosos da época e acaba executada.

ANTÍGONA: Sim, porque não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que teu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! E ninguém sabe desde quando vigoram! Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham punir os deuses! Que vou morrer, eu bem sei; é inevitável; e morreria mesmo sem a tua proclamação. E se morrer antes do meu tempo, isso será, para mim, uma vantagem, devo dizê-lo! Quem vive, como eu, no meio de tão ltuosas desgraças, que perde com a morte? Assim, a sorte que me reservas é um mal que não se deve levar em conta; muito mais grave teria sido admitir que o filho de minha mãe jazesse sem sepultura; tudo o mais me é indiferente! Se te parece que cometi um ato de demência, talvez mais louco seja quem me acusa de loucura!

SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 30.



Reprodução da pintura de V. J. Robertson, produzida em 1850. Na imagem, Antígona joga poeira sobre o corpo de seu irmão, Polinice, cena da tragédia de Sófocles, *Antígona*. Ao fundo, a cidade de Tebas.

## Antígona recortada

Trata-se de uma releitura da obra de Sófocles, a partir de questões contemporâneas. Leia a seguir um trecho dessa adaptação.

MULHER 1: Um dia essa história toda vai ecoar.

MULHERES 1 E 2: Um ninho raro, de pássaros diversos, sendo construído à revelia das leis vigentes. Meninas mulheres dançavam enquanto cuidavam de um bando de passarinhos recém-saídos do ninho. Iam construindo um cemitério todo colorido que parecia uma praça de brincar. E cercaram o lugar com lençóis desenhados e não deixavam ninguém com mais de 18 anos entrar.

MULHER 1: Esse lugar queria mudar o rumo das coisas,

MULHER 2: Que não se sabe por que e em que momento da história,

MULHER 1: Começou por causa da dificuldade com o sustento,

MULHERES 1 E 2: um negócio perigoso,

MULHER 2: se não me falha a memória,

MULHER 1: que era trabalhar, em idade que ainda nem é para isso, em assunto escuso e que trazia às leis naturais um certo abuso.

MULHERES 1 E 2: E a passarada em vez de crescer, brincar, estudar, aprendeu a carregar revolver, a revolver carregar, e a ter responsabilidade, como se fosse homem crescido.

MULHER 1: E, por puro desatino e dureza do destino, todo mundo concordava com essa lógica enviesada, que criança, ao invés de brincar e jogar pelada tivesse função e trabalhasse em causa bandidagem, sujeito a morte repente de aviso e de emboscada.

MULHER 2: E as famílias, por puro desespero, aceitavam, um pouco fazendo vista grossa por causa do dinheiro, que se alguma das crianças sumisse nem o corpo seria entregue para dar enterro derradeiro,

MULHERES 1 E 2: Pois seria uma prova contra os grandes o corpo morto dos pequenos.

MULHER 2: E foi desse jeito que as meninas criaram uma outra história e ousada.

Transcrição de cena apresentada durante entrevista concedida ao programa *Metrópolis* da TV Cultura em novembro de 2013. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/xiddtuwnvlqs/espeticulo-mistura-teatro-epico-e-hip-hop-04020D9B3868D0B943267-types=A&>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

*Antígona* é a terceira peça de uma trilogia escrita por Sófocles. As outras obras que compõem o ciclo são *Édipo rei* e *Édipo em Colono*. Na imagem, cena de uma montagem de *Antígona* realizada em Avignon, França. Foto de 2008.



Anne-Christine Poujoulat/Agence France-Presse

## Atividades

1. Pesquise o que é o “teatro *hip-hop*” e o que era o teatro grego. Elabore um pequeno comentário sobre cada um desses estilos teatrais.
2. Releia os dois trechos das peças teatrais reproduzidos nessa seção.
  - a) O que o trecho da peça de Sófocles pode revelar a respeito das ideias de Antígona?
  - b) Será que a desobediência de Antígona, na peça do século IV a.C., pode servir de inspiração para pensarmos sobre as jovens meninas que vivem hoje nas periferias do mundo?
  - c) No segundo trecho, a tragédia grega é resgatada sob o viés da tragédia contemporânea. Em que consiste essa tragédia contemporânea, de acordo com o texto? De que modo o trecho da peça do Grupo Bartolomeu de Depoimentos se relaciona com a história de Antígona?
3. Sob a orientação do professor, debata com os colegas o papel da mulher na luta por justiça e direitos humanos. Durante a discussão, considere outras personagens femininas da mitologia, literatura, cinema, etc.

## 6 Período Helenístico

A época iniciada com a conquista da Grécia pela Macedônia, no século IV a.C., tornou-se conhecida como **Período Helenístico** e estendeu-se até o século II a.C. Os macedônios foram inicialmente governados por Felipe II (382 a.C.-336 a.C.), vencedor da Batalha de Queroneia. Eles não se limitaram à conquista da Grécia, logo partindo para o Oriente. O conquistador do Oriente, porém, não seria Felipe II, assassinado em 336 a.C. Caberia a seu filho, Alexandre, o Grande, subjugar a Pérsia, o Egito, a Mesopotâmia e outras regiões do Oriente.

Educado por Aristóteles, Alexandre assimilou valores da cultura grega. Após sufocar revoltas internas, expandiu o território sob seu comando, conquistando a Ásia Menor, a Pérsia e chegando até as margens do rio Indo, na Índia. Entretanto, após sua morte em 323 a.C., aos 33 anos de idade, o Império Macedônico se esfacelou, dividido em reinos autônomos sob o governo de alguns de seus generais.

### A cultura helenística

No plano cultural, contudo, a obra de Alexandre sobreviveria ao esfacelamento de seu império territo-

rial. A expansão promovida por ele, com a fundação de diversas cidades (em sua homenagem, algumas delas foram batizadas com o nome de Alexandria), foi a grande responsável pela difusão da cultura grega pelo Oriente. Nesse processo, muitos aspectos da cultura grega se fundiram com as culturas locais, dando origem à **cultura helenística** ou **helenismo**.

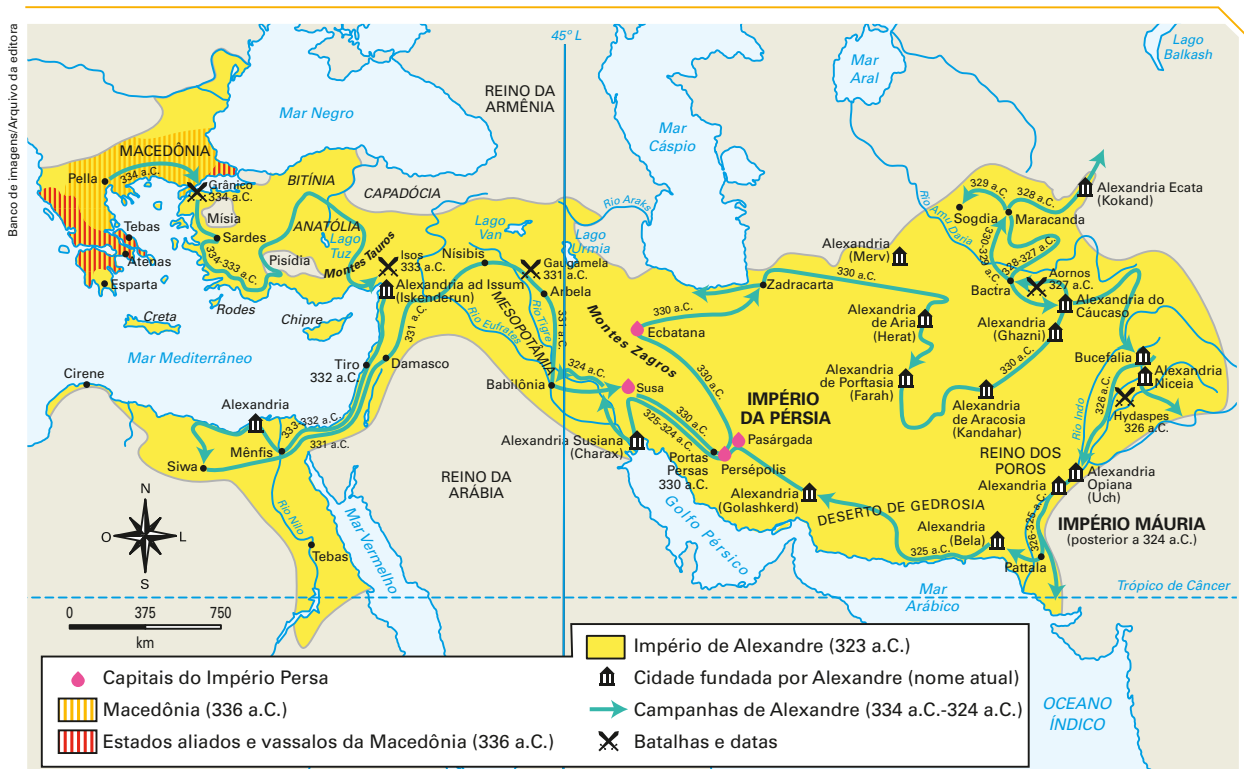


Manuel Cohen/Agence France-Presse

Escultura de um atleta produzida durante o Período Helenístico (século IV a.C.-século II a.C.).

**helenismo:** fusão da cultura grega com a oriental. A denominação da nova cultura derivou do termo que os gregos atribuíam a si mesmos – **helenos**.

## 10 O Império de Alexandre, o Grande (século IV a.C.)



Adaptado de: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2004. p. 18.

Dessa forma, o grande feito das conquistas de Alexandre foi favorecer o surgimento de uma nova cultura, herdeira da grega, mas com elementos das culturas orientais. Alexandria (no Egito), Pérgamo (na Ásia Menor) e a ilha de Rodes (no mar Egeu) foram alguns dos principais centros de difusão dos valores da cultura helenística.

O helenismo caracterizou-se por uma arte mais realista, exprimindo violência e dor, componentes constantes dos novos tempos de guerras. Na arquitetura, predominaram o luxo e a grandiosidade – reflexo da imponência do Império Macedônico. Na escultura, turbulência e agitação eram traços significativos. Nas ciências, vale destacar o avanço da Matemática com Euclides (meados do séc. IV a.C.-meados do século V a.C.), um dos pioneiros da Geometria; da Física, com Arquimedes de Siracusa (287 a.C.-212 a.C.); da Geografia, com Eratóstenes (276 a.C.-c. 195 a.C.); e da Astronomia, com Aristarco (310 a.C.-230 a.C.), Hiparco (190 a.C.-120 a.C.)

e Ptolomeu (c. 100 d.C.-c. 170 d.C.), este último defensor do geocentrismo, teoria aceita até o início dos tempos modernos (séculos XV-XVI).

O helenismo originou ainda novas correntes filosóficas, tais como:

- o **estoicismo**: fundado por Zenão de Cítio (333 a.C.-264 a.C.), definia a felicidade como o equilíbrio interior, o qual oferecia ao ser humano a possibilidade de aceitar, com serenidade, a dor e o prazer, a sorte e o infortúnio;
- o **epicurismo**: fundado em Atenas por Epicuro (340 a.C.-270 a.C.), essa corrente filosófica pregava a procura de prazeres moderados, de modo a evitar o sofrimento e alcançar a felicidade;
- o **ceticismo**: do grego *sképtomai*, “olhar”, “investigar”, caracterizava-se pela negação da possibilidade de conhecer com certeza qualquer verdade. O conhecimento depende do sujeito e do objeto estudado; seria, portanto, relativo. A felicidade consistiria em não julgar coisa alguma.

O helenismo ainda acrescentou à cultura grega uma instituição já existente na cultura oriental: o **despotismo**, uma forma de poder autoritário, segundo a qual a autoridade do governante era inquestionável.

A divisão do Império Macedônico, que se seguiu à morte de Alexandre, e as sucessivas lutas internas entre facções rivais resultaram em seu enfraquecimento político, o que possibilitou a conquista

romana nos séculos II a.C. e I a.C.

Entretanto, mesmo conquistando a Grécia, Roma assimilou muitos de seus valores culturais, o que acabou influenciando a cultura que se disseminou a partir desta cidade.



Reprodução/Museu do Vaticano, Cidade do Vaticano, Itália.

Observe um dos mais famosos exemplos de escultura helenística: *Laocöon e seus filhos* (c. 25 a.C.). Nessa imagem, destacam-se a dor e o sofrimento humanos (diante da força das serpentes que os dominam).



Ruínas da Praça Oval, em Jerash, na Jordânia. No século II, uma série de construções foram erguidas nesta cidade, ocupadas pelos romanos havia mais de cem anos. Construções que seguiram uma estética ao gosto dos dominadores e destinadas a cumprir funções típicas do modo de vida romano. Atualmente, restam ruínas de um hipódromo, de teatros, templos e palácios. Foto de 2015.

O Império Romano atingiu diferentes povos e sociedades não somente nos aspectos políticos e econômicos, mas também culturais, como indica a foto acima. Hoje, é possível perceber a influência de um povo sobre outro? Que evidências dessa influência podem ser notadas?

# 1 Roma e nós

São muitas as contribuições romanas à civilização contemporânea. A língua portuguesa, por exemplo, é uma das ramificações do latim, língua original dos romanos. O cristianismo surgiu e se expandiu a partir da Palestina, sob o domínio romano. Foi ainda na civilização romana que a Igreja cristã se consolidou, ao se tornar religião oficial do Estado.

Entretanto, na opinião de muitos pensadores, o Direito Romano foi a mais importante contribuição dessa civilização. O Direito Romano era reflexo da organização social romana, altamente complexa e ordenada, e foi estruturado a partir da Lei das Doze Tábuas (450 a.C.). Ainda hoje é uma das fontes de inspiração do Direito nas modernas sociedades democráticas.

A civilização romana teve uma longa duração. Das origens da cidade de Roma à sua derrocada, foram mais de dez séculos de história. Como aconteceu na fase inicial das pólis gregas, a monarquia prevaleceu como sistema de governo em sua época mais remota. Neste capítulo estudaremos os principais destaques dessa formação e a evolução de Roma.

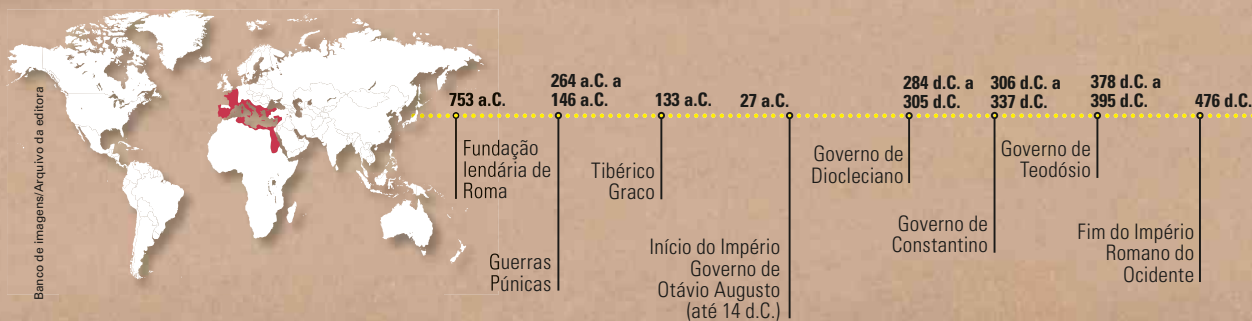
Veja abaixo os períodos e os lugares em que se passaram os principais eventos do capítulo.

Lukasz Janyasz/Alamy/Latinstock.



Ruínas romanas em Dougga, Tunísia, norte da África. Foto de 2013.

## Onde e quando



Linha do tempo esquemática. O espaço entre as datas não é proporcional ao intervalo de tempo.

## 2 Da fundação de Roma ao fim da monarquia

Roma nasceu de um pequeno povoado nas terras férteis do **Lácio**, região localizada no centro da península Itálica onde recebeu influência de diversos povos indo-europeus que ali se fixaram desde o século X a.C. Entre esses povos estavam os **sabinos**, os **úmbrios** e os **latinos**. Também tiveram destaque os **etruscos**, um aglomerado de povos de origem incerta, que fundaram várias cidades-Estado ao norte e centro da península, alcançando

predomínio sobre outros povos no século VII a.C., inclusive na região do Lácio.

A cidade de Roma foi fundada no século VIII a.C., ao sul da Etrúria (região dos etruscos), na margem esquerda do rio Tibre. Pesquisas históricas indicam que as aldeias que deram origem à cidade foram reunidas e viveram sob um governo monárquico até o século VI a.C. Observe o mapa a seguir.

### A localização de Roma



Adaptado de: DUBY, G. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 25-28.

### A Itália primitiva e seus principais povos

Além dessa versão histórica, há uma versão lendária sobre a fundação de Roma registrada pelo poeta Virgílio (c. 70 a.C.-19 a.C.), em seu longo poema épico *Eneida* (leia o boxe abaixo).

Lendas à parte, o fato é que os grupos familiares que ocupavam Roma em sua origem (clãs) eram governados por um rei (monarquia), que detinha também o comando do Exército e da Justiça, além de exercer a função de sacerdote. Os quatro primeiros reis (Rômulo, Numa Pompílio, Túlio Hostílio e Anco Márcio) fazem parte das nar-

### A lenda da fundação de Roma

Numitor, o rei da cidade de Alba Longa, foi expulso do trono por seu irmão, Amúlio. Enquanto isso, Reia Sílvia, a filha de Numitor, engravidou após ter relações com o deus Marte e deu à luz dois gêmeos, Rômulo e Remo. Enraivecida, Amúlio ordenou que as crianças fossem jogadas no rio Tibre. Elas foram depositadas em um cesto e carregadas pela correnteza, mas acabaram retidas nas margens do rio. Os gêmeos sobreviveram graças a uma loba que os amamentou. Tempos depois, eles foram encontrados e criados por um casal de pastores. Já adultos, Rômulo e Remo descobrem sua origem, matam Amúlio e colocam o avô, Numitor, novamente no trono. Os irmãos decidem então fundar uma cidade no local em que foram encontrados, mas Rômulo mata Remo e dá seu nome à nova cidade, Roma, fundada sobre o monte Palatino em 753 a.C., tornando-se o primeiro dos sete reis do período monárquico romano.



Símbolo de Roma, essa escultura de bronze representa a loba mitológica amamentando os gêmeos Rômulo e Remo. Durante muito tempo considerou-se que essa estátua era do século V a.C. No entanto, em 2009, estudiosos dataram-na com radiocarbono e descobriu-se que ela foi criada entre os séculos XII e XIII, quase 1700 anos depois do que se presumia.

rativas lendárias da história romana. Os três últimos (Tarquínio, o Velho; Sêrvio Túlio; e Tarquínio, o Soberbo) reinaram no período de dominação etrusca. Sobre sua existência há registros históricos confiáveis.

Durante esse período, a economia romana era essencialmente agrícola. Do ponto de vista social, a elite era formada pelos **patrícios**, grandes proprietários de terra que gozavam de privilégios políticos e religiosos. Abaixo deles estavam os **plebeus**, homens livres que inicialmente não tinham direitos políticos. Muitos deles eram **clientes** – pessoas que prestavam serviços aos patrícios, além de ser seus dependentes ou agregados. Na mais baixa situação social estavam os **escravos**, que haviam chegado a essa condição porque não puderam pagar suas dívidas, ou porque foram vencidos em guerras. Considerados simples instrumentos de trabalho, eram ainda pouco numerosos no período monárquico.

Do ponto de vista político, o poder do rei era controlado pelo Senado ou Conselho dos Anciãos, que era dominado pelos patrícios. O conjunto dos cidadãos em idade militar e aptos para lutar formava a **Assembleia** ou **Cúria**.

No fim do século VII a.C., a estabilidade romana foi quebrada pela dominação dos etruscos, que impuseram sua força militar e política, passando a nomear os reis da cidade. Tarquínio, o Soberbo, último rei de origem etrusca, que governou de 534 a.C. a 509 a.C., foi deposto por uma **insurreição** liderada pelos patrícios. A Monarquia foi abolida. O poder supremo passou a ser representado pelo Senado, e um regime de características oligárquicas, a **República**, foi formado.

**insurreição:** rebelião, revolta.

## Vivendo naquele tempo

### A velhice e a família patrícia romana

Na Antiguidade, a expectativa de vida variava entre 30 e 50 anos de idade, devido às inúmeras doenças que afligiam a maior parte da população. Por isso, o número de idosos entre os habitantes de uma cidade romana era muito menor quando comparado com as sociedades modernas.

No entanto, em virtude de melhores condições de vida, havia uma maior presença de idosos entre as famílias mais ricas. Nessas famílias, os idosos, especialmente os homens, tinham, em geral, um lugar de prestígio e autoridade: eram vistos como detentores de grande sabedoria e guardiões da tradição.

Na vida privada, o chefe das famílias patrícias (*o pater familias*) exercia seu poder sobre a mulher, os filhos e filhas, os escravos e os clientes, isto é, homens livres que lhe deviam favores e reverência. Mesmo na velhice, ele era a maior autoridade da casa e governava as propriedades da família. Um casamento, por exemplo, só podia ser consumado se fosse aprovado por pais e avós, caso estivessem vivos.

Na vida política, a importância dos velhos para a aristocracia e, de modo

geral, para a sociedade romana materializava-se na própria organização do poder, baseado no Senado, que significa conselho de anciãos (do latim *senatus*, mesma raiz de *senex*, que significa 'senil', e de *senior*, que significa 'ancião'). Para Marco Túlio Cícero (103 a.C.-43 a.C.), um dos maiores filósofos da Roma antiga, os atributos da velhice também eram as qualidades do Senado:

Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que a autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer.

[...] Se essas qualidades não existissem entre os velhos, nossos antepassados jamais teriam chamado o conselho supremo de Senado, isto é, “assembleia dos anciãos”.

CÍCERO, Marco Túlio.  
*Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007. p. 18-20.



Estátua de mármore, c. século I, de Togatus Barberini, um senador romano, segurando as imagens (bustos) de seus ancestrais. Museu Capitolino, Itália.

DEA/G. Nimatallah/De Agostini/Getty Images.

## 3 República (séculos VI a.C.-I a.C.)

O governo republicano passou a ser exercido pelos **magistrados**, com assessoria do Senado. Entretanto, na prática, o Senado era o órgão máximo de poder na nova estrutura política instaurada em Roma. Ele exercia funções legislativas e controlava toda a administração e as finanças, tendo poder até mesmo para declarar guerra. Seus integrantes eram vitalícios e pertenciam a um grupo restrito de famílias abastadas.

Os magistrados que administravam a república eram eleitos para mandatos de um ano e não recebiam nenhuma remuneração por esse trabalho, o que levava somente os mais ricos (os patrícios) para a magistratura.

As instituições republicanas completavam-se com as assembleias romanas (centurial, curial e tribal), encarregadas da nomeação dos magistrados e da **ratificação** das leis. Veja o esquema da página seguinte.

**magistrados:** funcionários do poder público investidos de autoridade. O termo originou-se do latim *magistratus*, que significa 'o cargo de governar' ou 'pessoa que governa'. Em Roma, referia-se aos detentores de cargos políticos.

**ratificação:** confirmação ou validação (no caso, confirmação da aprovação de uma lei que já passou pelo Senado).

### Assembleias romanas

Na Roma antiga, havia três assembleias: a centurial – convocada pelos cônsules, consistia numa reunião do exército dividido em centúrias (grupos de cem homens), formadas por patrícios e plebeus ricos, que votavam as leis, decidiam pela guerra e pela paz e elegiam os magistrados; a curial dedicava-se aos assuntos religiosos; a tribal era formada por 35 tribos romanas. Inicialmente, havia os *concilia plebis*, com a participação apenas da plebe (as decisões, *plebiscita*, eram aplicadas apenas aos plebeus). Mais tarde, os plebiscitos se tornaram obrigatórios a todos os cidadãos, e as assembleias passaram a contar com a participação de patrícios e plebeus. Elegiam os magistrados em votações realizadas no fórum, no local denominado *comitium*. Tinham também atribuições judiciais e, a partir do século III a.C., passaram a votar todas as leis.

Representação de um grupo de senadores romanos, século II a.C. Durante a República, a oligarquia patricia consolidou seu predomínio por meio do Senado, principal instância de poder. Note que os senadores vestiam uma toga sobre a túnica, denotando o *status* que detinham. A toga era um pano de lã com pouco mais de 5 metros de comprimento por 2,5 metros de largura. Era pouco prática para atividades manuais. Na sociedade romana havia diferentes togas: a escura, para pessoas de luto; a toga cândida, alvejada com cal, para os candidatos a eleições; entre outras.



Gianni DagliOrti/Corbis/Latinatock



Os textos a seguir foram escritos pelo historiador inglês Dominic Rathbone. Eles apresentam informações valiosas a respeito do papel feminino na sociedade romana e da vida íntima de famílias e casais.

## Mulheres

Embora a sociedade fosse dominada pelos homens, as mulheres romanas tinham mais direitos e independência que as gregas. Elas não podiam votar nem se candidatar em eleições, mas podiam possuir bens e comandar seus próprios empreendimentos. Esta é a estátua de Eumáquia, uma das cidadãs mais ricas de Pompeia. Patrona da **guilda** dos pisoeiros (estofadores), ela usou sua riqueza para erguer um edifício público impressionante, junto ao fórum de Pompeia.

## Família romana

Embora a palavra “família” venha do latim, a noção dos romanos era muito diferente da atual de “família nuclear”. A família romana tradicional era chefiada pelo homem mais velho, o *pater familias* (“pai de família”), que tinha autoridade sobre os membros, inclusive os netos e os escravos. Ele selecionava marido e mulher para os filhos, arranjando os casamentos deles com outros *pater familias*. Seus filhos adultos podiam ter esposa e filhos, mas não se tornavam chefes das próprias famílias antes da morte do pai. As filhas, muitas vezes, continuavam sob a autoridade do pai mesmo após casadas. Os antepassados já mortos faziam parte da família: seus retratos eram expostos na casa e seus túmulos visitados regularmente.

## Aliança de noivado

Os casamentos eram realizados em junho, mês da deusa Juno, padroeira das esposas e das mães. Antes da cerimônia ocorria a festa de noivado, em que o noivo dava à noiva um anel, usado no mesmo dedo em que hoje se usa a aliança de casamento. Para explicar o costume, o autor Aula Gélío (c. 125 d.C. - 180 d.C.) escreveu: “Quando se abre o corpo humano, vê-se um nervo muito delicado, que começa nesse dedo e chega ao coração”.

RATHBONE, Dominic. *História ilustrada do mundo antigo*. São Paulo: Publifolha, 2011. p. 213 e 266.



Anfó de Luca/Corbis/Lainstock/Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Itália.

Estátua de Eumáquia, sacerdotisa que gozava de grande popularidade em Pompeia, por volta do século I a.C.

**guilda:** associação de trabalhadores de um mesmo ofício (*collegia*) que visava proteger os interesses de seus integrantes.

## Aspectos do sistema político

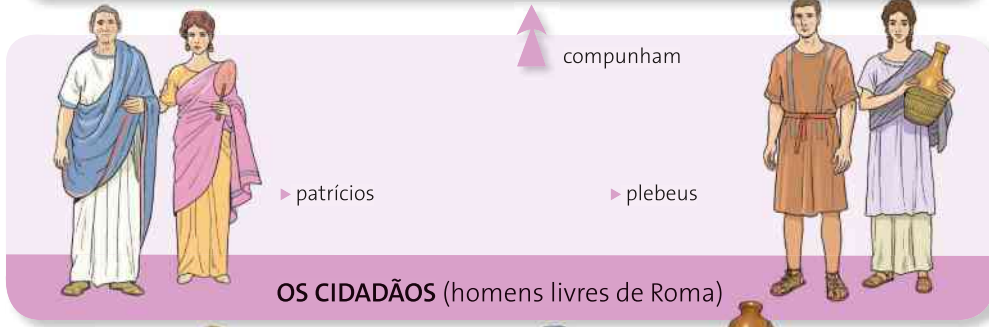
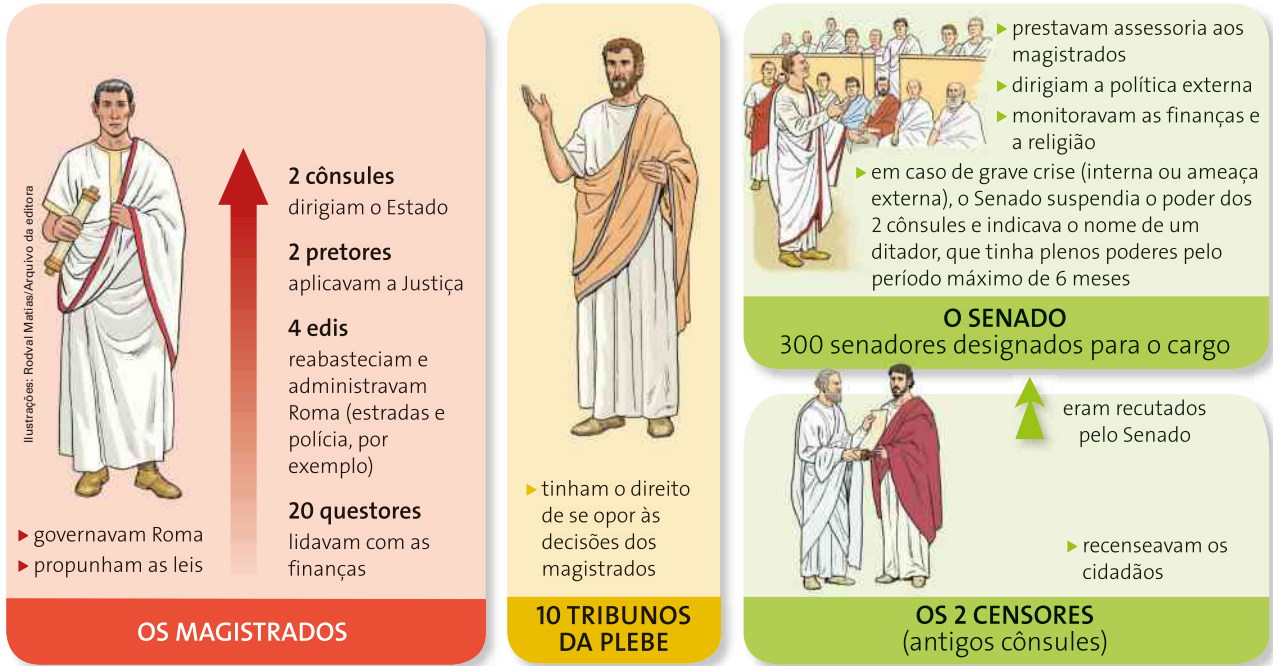
O sistema político republicano era controlado pelos patrícios, daí seu caráter oligárquico. Os plebeus, marginalizados e descontentes com sua situação, eram fonte de crescente tensão, e a Roma republicana vivia sempre sob a possibilidade de uma convulsão social.

Em 494 a.C., os plebeus, revoltados, retiraram-se de Roma para o Monte Sagrado, onde exigiram representação política na cidade. Os patrícios cederam à pressão e criaram o cargo de **tribuno da plebe**, que, eleito pelos plebeus, tinha poder de veto sobre as decisões do Senado. Observe no esquema da página ao lado como funcionava a República romana.

Para atenuar as tensões sociais, outras concessões foram feitas pelos patrícios. Em 450 a.C. foi elaborada a **Lei das Doze Tábuas**, primeira compilação das leis romanas. Até então, as leis eram transmitidas oralmente e quase sempre manipuladas a favor dos patrícios. Após essa medida, as leis ficavam expostas em tábuas no prédio do fórum romano, para conhecimento de todos. Em 445 a.C., foi permitido o casamento entre patrícios e plebeus. Em 367 a.C., os plebeus passaram a ter acesso às terras públicas.

Mesmo assim, os conflitos sociais continuaram, principalmente em consequência das transformações econômicas provocadas pela política de expansão territorial da República romana.

# Estrutura política da República romana



## A expansão territorial romana

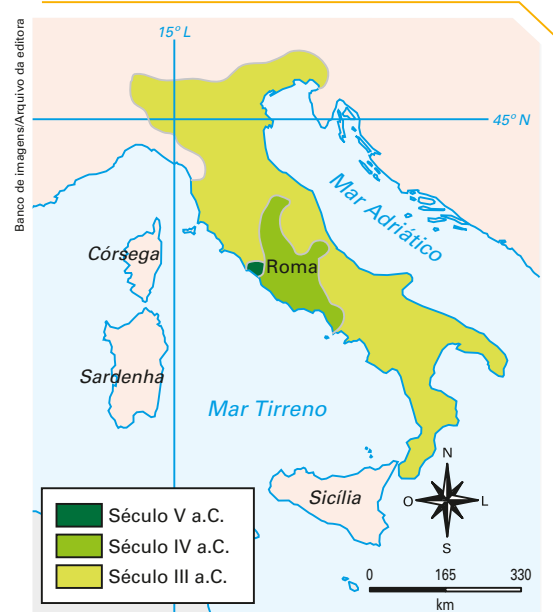
Inicialmente, essa expansão ocorreu pelo restante da península Itálica e contou com alianças com povos vizinhos, flexibilização com relação à cidadania, extensão dos direitos e enfrentamentos militares. Entre os séculos V a.C. e III a.C., Roma dominou toda a península. Com isso, pouco a pouco, o latim tornou-se a língua oficial entre os povos itálicos.

A expansão romana provocou atrito com uma importante potência adversária no Mediterrâneo: Cartago, cidade fundada pelos fenícios no norte da África. Tiveram início, assim, as **Guerras Púnicas** (264 a.C.-146 a.C.). Esses conflitos foram resultado da disputa entre Roma e Cartago pela hegemonia comercial na bacia do Mediterrâneo. Um dos principais destaques do conflito foi a disputa pelo domínio do sul da península Itálica e da ilha da Sicília, região também conhecida como Magna Grécia.

As Guerras Púnicas culminaram com a destruição de Cartago. Esse resultado significou um impulso para o controle romano de vastos territórios. Diferentemente do que ocorreu com as regiões conquistadas na península Itálica, a Sicília tornou-se uma província romana e, como tal, era explorada e obrigada a pagar tributos.

Após a derrota de Cartago, Roma conquistou toda a bacia do Mediterrâneo. Em seu expansionismo, Roma conquistou também a península Ibérica e reinos helênicos, expandindo os domínios romanos. Observe os mapas a seguir.

### A conquista da península Itálica



Adaptado de: DI SACCO, Paolo (Coord.). *Corso di storia antica e medievale*. Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1997. p. 171 e 219.

### Bacia mediterrânea: *mare est nostrum* (século II a.C.)



Adaptado de: DI SACCO, Paolo (Coord.). *Corso di storia antica e medievale*. Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1997. p. 171 e 219.

A expansão romana a partir da península Itálica foi uma preparação para a conquista do Mediterrâneo, segundo a máxima "*Mare est nostrum*" (O mar é nosso), cunhada em moedas romanas da época. Veja no mapa, no alto, a conquista da península Itálica.

A expansão provocou profundas transformações: o Senado passou a administrar um vasto território e Roma passou a ser a capital de um grande império. Os bens e riquezas vindos das províncias conquistadas, pela pilhagem ou pela cobrança de tributos, convergiam para Roma. Isso produziu um impacto na economia, incluindo a queda cada vez mais acentuada dos preços dos produtos agrícolas devido a uma maior oferta de produtos.

Os patrícios ligados ao Senado eram os maiores proprietários de terras. Os pequenos proprietários plebeus da península Itálica, não encontrando condições de sobreviver no campo, vendiam suas terras e transformavam-se em mão de obra barata na cidade.

Roma, em consequência, passou a crescer desmedidamente. A distribuição desequilibrada das riquezas elevou a tensão social. Milhares de escravos chegavam dos territórios conquistados, consolidando a economia escravista. Surgia uma poderosa classe de negociantes enriquecidos, chamados de **homens-novos**, ansiosos por alguma participação política. Toda essa situação configurou a crise da República romana, pois o governo oligárquico não tinha mais condições de fazer frente às crescentes pressões sociais e políticas.

### Como os romanos obtinham escravos

Os romanos apossavam-se de escravos através de procedimentos extremamente legítimos: ou compravam do Estado aqueles que fossem vendidos “debaixo da lança” como parte do botim; ou um general podia permitir àqueles que fizessem prisioneiros de guerra conservá-los, com o resto do produto do saque; ou obtinham a posse de escravos comprando-os de outros que fossem seus senhores em virtude de um dos métodos anteriores.

Fragmento da História Antiga dos Romanos (IV, 24) do historiador grego Dionísio de Halicarnasso (século I a.C.). In: CARDOSO: Ciro Flamarion S. *O trabalho compulsório na Antiguidade: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p. 140.

## Conflitos e transformações na República

Uma tentativa de superação da crise foi a proposta de reforma agrária, formulada pelos irmãos Tibério e Caio Graco. Eleito tribuno da plebe em 133 a.C., Tibério propunha que o tamanho das propriedades rurais fosse limitado ao equivalente a 125 **hectares**. Sua lei agrária

chegou a ser aprovada, mas contrariava os interesses dos patrícios, que haviam ocupado essas terras. Insatisfeitos, eles promoveram o assassinato de Tibério.

Anos mais tarde, em 124 a.C., seu irmão Caio Graco, também eleito tribuno da plebe, retomou a luta pela reforma agrária. Ele propunha a divisão das terras públicas e sua distribuição entre os plebeus. Mais uma vez, a proposta suscitou a oposição dos patrícios, que cercaram Caio Graco nas proximidades de Roma. Encurralado, Caio pediu a um escravo que o matasse.

Esses conflitos, somados às campanhas militares no exterior, levaram os generais a ocupar um lugar privilegiado na cena política. Para os senadores, eles representavam a possibilidade de restaurar a ordem pela força. Entre esses militares, destacou-se o general Caio Mário (157 a.C.-86 a.C.), um homem novo que foi eleito cônsul seis vezes consecutivas. Mário ampliou o recrutamento militar, permitindo o alistamento de cidadãos sem posses, e modificou a organização do exército romano: os soldados passaram a receber um **soldo** e parte dos **espólios de guerra**, além de um lote de terra após 25 anos de carreira militar. Com essas medidas, os soldados passaram a preferir servir generais vitoriosos, já que seriam beneficiados com isso. Assim o poder dos generais nas disputas políticas se fortaleceu e a lealdade aos líderes militares passou a sobrepor-se a fidelidade à República e ao seu mais órgão representativo, o Senado.

Lúcio Cornélio Sila (138 a.C.-78 a.C.) foi outro general importante. Sila era rival de Caio Mário e estava mais ligado à aristocracia. Nesse período houve uma divisão entre as tropas que apoiavam Sila e as tropas que apoiavam Mário e suas ideias reformistas, resultando em seguidos confrontos.

Em 82 a.C., após a morte de Mário, Sila tornou-se **ditador** de Roma com o apoio do Senado e amparado pela *Lex Valeria* (Lei Valéria). De acordo com essa lei, ele governaria sem limite de tempo. Durante sua administração ditatorial, opositores foram perseguidos e eliminados, naquilo que ficou conhecido como **proscrições de Sila**. Em 78 a.C., contudo, Sila renunciou à ditadura após aumentar o número de membros do Senado e tirar os poderes legislativos dos tribunos da plebe.

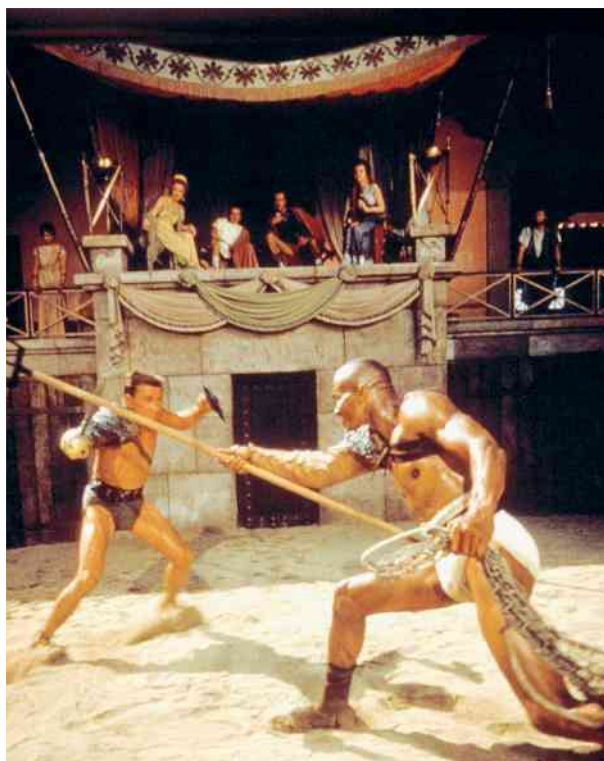
**hectare**: área equivalente a 10 mil metros quadrados.

**soldo**: remuneração a militar de qualquer grau.

**espólios de guerra**: objetos e riquezas conquistados pelo lado vencedor de uma batalha ou guerra. Podem ser objetos de valor, como ouro, armas, obras de arte, etc.

Em 73 a.C., as tensões sociais que dilaceravam a República explodiram em uma gigantesca rebelião de escravos liderada pelo gladiador Espártaco (em latim, Spartacus), que viveu entre 120 a.C. e 70 a.C. Escritos romanos (como os dos historiadores Apiano e Plutarco) registram que Espártaco, ao desertar de uma tropa auxiliar do exército romano, foi capturado e tornado escravo. Dotado de grande força física, foi comprado por um negociante e levado para uma escola de gladiadores em Cápua (região da Campânia, na Itália), tornando-se líder de cerca de 120 mil escravos fugidos, somados às mulheres e crianças durante a **Guerra dos Escravos** ou **Guerra dos Gladiadores**. A revolta se estendeu de 73 a.C. a 71 a.C. e infligiu sérias derrotas aos exércitos romanos até ser controlada pelo comandante Marco Licínio Crasso (115 a.C. - 53 a.C.). Antes dessa rebelião, também chamada de **Terceira Guerra Servil**, ocorreram outras duas revoltas, em 135 a.C. e 104 a.C., na Sicília, contra a escravidão.

Cena do filme *Spartacus*, produção estadunidense de Stanley Kubrick, de 1960.



Everett Collection/AGB Photo.

## Leituras



O texto a seguir, da historiadora Alice Maria de Souza, destaca a interpretação de Apiano de Alexandria (c. 95-c. 165) sobre a atuação de Sila na política republicana romana. Apiano fez seu comentário em seu livro *História romana*, escrito durante o governo do imperador Marco Aurélio no século II d.C.

### Relatos de um historiador romano

Apiano apresenta Sila como um cidadão que lutou para defender a cidade e foi constantemente motivado por boas intenções, sugerindo que os seus atos, desde a invasão de Roma até a devolução do governo da cidade para os Cônsules, foram fundamentados unicamente pela necessidade de restaurar as instituições tradicionais e manter a ordem.

“A partir deste momento, os líderes de facções lutaram entre si com grandes exércitos, segundo o costume da guerra, e a pátria estava envolvida como um prêmio para estes. [...]” (APIANO, História Romana II. Guerras Civis I, 55).

Ao longo do relato destes confrontos entre Mário e Sila, Apiano apresenta a ambição como motivadora das ações do primeiro e nobres intenções para as do segundo. Segundo o autor, Sila, questionado por um mensageiro sobre o que o

levava a marchar contra Roma, respondeu: “[...] para livrá-la dos tiranos” (APIANO, História Romana II. Guerras Civis I, 57). Após a tomada da cidade, aconteceu uma assembleia em que os vencedores do conflito estabeleceram algumas mudanças no governo que, segundo eles, lamentavelmente, “havia sido entregue desde muito tempo aos demagogos”, o que justificava suas ações (APIANO, História Romana II. Guerras Civis I, 59). Dentre estas mudanças, podemos citar o retorno da votação por centúrias (e não mais por tribos), cuja função é assim explicada por Apiano: “[...] as votações, não estando mais nas mãos dos pobres e desenfreados, mas sim nas dos ricos e prudentes, não seriam mais o foco de sedições” (APIANO, História Romana II. Guerras Civis I, 59).

Muito distante no tempo de Apiano, o atual historiador Rodrigo E. González Córdoba ressalta o que denomina de “historiadores nazistas”, que interpretaram Sila como “pertencente à verdadeira raça de sangue romano, cujas medidas pretendiam salvar a república romana”.

SOUZA, Alice Maria de. Acerca das interpretações sobre Lúcio Cornélio Sila: breve estudo. Disponível em: <[www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(142\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(142).pdf)>. Acesso em: 10 out. 2015.



Estátua de Otávio Augusto, de 20 a.C. aproximadamente, vestido como um comandante vitorioso.

Araldo de Luca/Corbis/Latinstock

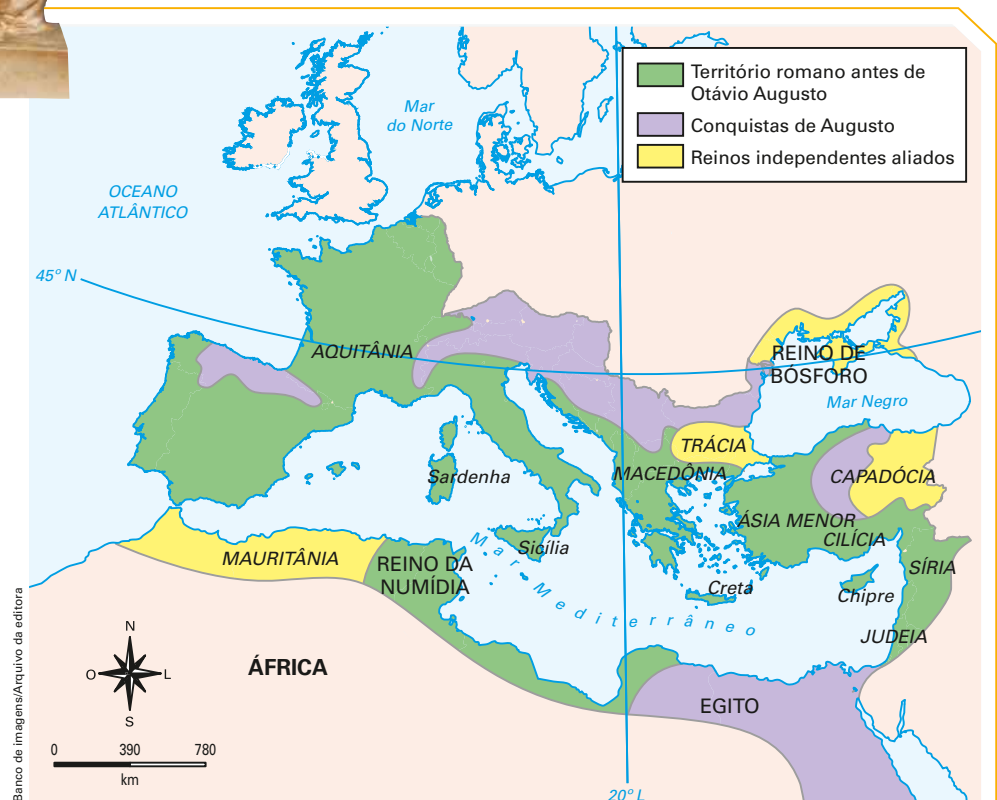
## O fim da República

As constantes disputas pelo poder entre os militares resultaram na criação de **trunviratos**, governos de três líderes político-militares – o que também aguçou divergências. O primeiro trunvirato foi formado em 60 a.C. pelos generais Júlio César (100 a.C.-44 a.C.), Pompeu (106 a.C.-48 a.C.) e Crasso.

Depois da morte de Crasso, desencadeou-se uma guerra civil entre as forças de Júlio César, sobrinho aristocrata de Caio Mário, e de Pompeu, vinculado ao grupo aristocrata conservador. César venceu o conflito, foi declarado ditador vitalício e assassinado em pleno Senado, em 44 a.C.

Seguiu-se o segundo trunvirato, formado por Marco Antônio (83 a.C.-30 a.C.), Otávio (63 a.C.-14 d.C.) e Lépido (c. 89 a.C.-c. 13 a.C.), que provocou novos confrontos. Otávio derrotou seus rivais em 31 a.C. e recebeu do Senado os títulos de *princeps* (“primeiro cidadão”) e *imperator* (“o supremo”). Atribuiu a si mesmo o título de *augustus* (“divino”). Essas medidas consumavam a concentração de poderes nas mãos de Otávio. Era o fim da República e o começo do Império Romano. Observe no mapa abaixo as conquistas de Otávio Augusto.

### Domínio de Otávio Augusto (27 a.C.-14 d.C.)



Banco de imagens/Arquivo da editora

Adaptado de: BARBERIS, Carlo. *Storico antica e medievale*. Milano: Casa Editrice G. Principato S.p.A., 1997. p. 329.

## 4 O Alto Império (séculos I a.C.-III d.C.)

Com a centralização do poder nas mãos do imperador e a diminuição do poder do Senado, ocorreu uma profunda reforma política em Roma. Além de deter o poder político, o imperador passou também a ser cultuado como uma divindade, como indica seu título de *augustus* (“divino”).

Ao implantar o Império, Otávio Augusto promoveu reformas administrativas que favoreceram a expansão da **burocracia**, que passou a seguir critérios censitários, ou seja, de acordo com os rendimentos. Essa burocracia era for-

**burocracia:** nesse contexto, o termo refere-se a um sistema de hierarquias com distribuição de funções e responsabilidades na administração pública.

mada tanto pela antiga aristocracia patricia (que assim mantinha seus privilégios) quanto por comerciantes enriquecidos com a expansão territorial (homens novos que, dessa forma, ganhavam espaço na partilha do poder). Atenuava-se, assim, a tensão social entre as camadas mais abastadas.

Otávio praticou várias vezes a doação de trigo ao povo. Promoveu também diversos tipos de jogos, disputas e combates entre gladiadores. Leia mais sobre o assunto no boxe a seguir.

### Leituras



Em seu livro *O pão e o circo*, o historiador Paul Veyne propõe um estudo sobre o funcionamento político de Roma. Leia a seguir um trecho de uma entrevista com ele.

#### Pão e circo

A doação ocupava um lugar muito importante na sociedade romana: pão (sob a forma da distribuição de trigo), circo (organização de lutas de gladiadores) e festins públicos para o povo, mas também distribuição de terras, presentes para marcar o início do ano, presentes para o imperador e seus funcionários, etc. A maioria dos monumentos públicos das cidades greco-romanas (anfiteatros, basílicas, termas, etc.) foi oferecida por notáveis. Eu estava convencido de que essas doações não guardavam relação nenhuma com uma tentativa de despolarização e de manobra dos poderosos para afastar o povo da política. Na sociedade romana,

os notáveis não eram senhores que viviam em seus castelos, mas nobres que viviam na cidade – como, aliás, aconteceria mais tarde, na Itália medieval –, e essa nobreza enxergava a cidade como sua propriedade, que ela governava. Em lugar de embelezar seus castelos, os nobres embelezavam a própria cidade, com o mecenato: construíam monumentos públicos e, assim, com sua generosidade, mostravam que eram ricos e poderosos. Essas doações ostentatórias também eram destinadas a mostrar que a cidade não podia viver senão graças a eles. Não se trata de uma despolarização dos espíritos, mas de um cálculo político mais sábio.

VEYNE, Paul. Paul Veyne e a História. Entrevista realizada por Martine Fournier. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 2009. Disponível em: <[www.bresserpereira.org.br/terceiros/2009/09.06.paulveyneahistoria\\_entrevista.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2009/09.06.paulveyneahistoria_entrevista.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2015.

Vito Arcomano/Alamy/Latinstock



Vista noturna do Coliseu. Roma, Itália. Foto de 2013.

## Aspectos da expansão territorial

Além de garantir os privilégios da elite burocrática e o sustento da plebe, Otávio manteve a expansão territorial como objetivo permanente do Império. Roma conquistava territórios cada vez mais extensos. Centenas de milhares de estrangeiros eram escravizados e seu trabalho estava na base da economia romana.

O governo de Otávio Augusto foi caracterizado ainda pela ampliação do comércio entre as províncias, pela construção de estradas, pontes e aquedutos e por grandes realizações culturais. A literatura floresceu, destacando-se a atuação do ministro Caio Mecenas (70 a.C.-8 a.C.), que apoiou financeiramente artistas e escritores como os poetas Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), Horácio (65 a.C.-8 a.C.) e Ovídio (43 a.C.-18 d.C.). O apoio de Mecenas aos artistas deu origem ao termo **mecenato**, utilizado para designar o patrocínio de atividades artísticas e culturais. Com Otávio teve início o Alto Império.

## Alguns governantes do Alto Império

Após sua morte, seguiram-se governantes tradicionalmente lembrados de maneira negativa. Tibério

(42 a.C.-37 d.C.) foi o segundo imperador. De acordo com alguns historiadores, seu governo teria sido marcado pela imoralidade e pela corrupção. Foi por essa época que Jesus Cristo foi crucificado. O terceiro imperador, Calígula (12 d.C.-41 d.C.), teria sido um déspota, e Cláudio (10 a.C.-54 d.C.), que o sucedeu, foi envenenado pela própria esposa.

O imperador Nero (37 d.C.-68 d.C.), sucessor de Cláudio, foi acusado de atear fogo em Roma e culpar os cristãos – presos e levados às arenas para enfrentar leões e outros animais selvagens em espetáculos públicos. Embora certas fontes históricas, como os escritos dos historiadores Tácito e Suetônio, não descrevam o imperador de forma favorável, outros relatos falam de sua popularidade entre o povo romano. Atualmente, a visão de Nero como “imperador maldito” tem sido questionada e revista por novas interpretações (leia o texto a seguir).

As violentas disputas sucessórias foram superadas somente com a dinastia dos **Flávios** (68 d.C.-96 d.C.) e, em especial, com a dos **Antoninos** (96 d.C.-192 d.C.), e Roma retomou a expansão territorial. As últimas anexações do Império e a estabilidade financeira firmaram a fase final do apogeu romano. Destacaram-se os imperadores Trajano, que retomou a ampliação do território, e Marco Aurélio, conhecido como o “imperador filósofo”.

## Leituras



No texto a seguir, o jornalista, escritor e político italiano Massimo Fini compara os imperadores Nero e Constantino, que estudaremos mais à frente.

### Um imperador maldito?

Entretanto, é essa mesma historiografia cristã, ou de inspiração cristã, que penetrou profundamente em todos os níveis nas nossas escolas e ainda dita normas. Assim, quando se fala de um imperador como Constantino, responsável pela adoção do cristianismo como religião do Estado, omite-se que assassinou o filho e a mãe. Além disso, dá-se-lhe mais importância histórica do que realmente teve, enquanto Nero continua sendo tão somente um monstro. [...]

Porém, a historiografia moderna dá um retrato muito mais equilibrado do “imperador maldito”. Os historiadores anglo-saxões, franceses, romenos (pode parecer estranho, mas o mais importante centro de Estudos Neronianos está em Bucarest), além do italiano Mario Attilio Levi, foram os prin-

cipais responsáveis pela recente e severa revisão crítica do personagem Nero e sua obra. E a imagem que resulta disso, ao menos como homem público, é muito diferente, ou melhor, completamente contrastante com as descrições habituais.

FINI, Massimo. *Nero, o imperador maldito*. São Paulo: Scrita Editorial, 1993. p. 13.

Bridgeman Images/Keystone Brasil/Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, Itália.



Busto de Nero produzido por volta do ano 75 d.C.

## O Coliseu

*O Coliseu, um dos principais símbolos do Império Romano, começou a ser construído em 72 d.C., por ordem do imperador Flávio Vespasiano. As obras estenderam-se por anos e só foram concluídas no governo de seu filho, Tito. O edifício foi oficialmente chamado de Anfiteatro Flaviano e tinha capacidade para acomodar 50 mil pessoas. O nome Coliseu, segundo alguns estudiosos, teria sido atribuído somente séculos depois, devido à estátua chamada Colosso de Nero, encontrada nas proximidades da antiga construção. O anfiteatro chegou a abrigar combates que duraram mais de cem dias e comemoravam sua inauguração.*

Calcula-se que mais de 10 mil gladiadores morreram em 320 anos de lutas.

- 1.** No primeiro piso do Coliseu ficava o lugar destinado às pessoas mais abastadas de Roma. Também havia um local exclusivo para o imperador e seus convidados, a chamada tribuna imperial, num ponto próximo à arena.
- 2.** Os outros andares eram destinados à plebe em geral. Havia lugares específicos para mulheres e crianças.
- 3.** A fachada externa do Coliseu foi revestida de mármore e era rica em detalhes; nela havia colunas de diversos estilos e arcadas. Alguns desses arcos abrigavam esculturas de bronze.
- 4.** A arena era o local onde a luta ocorria. Ali, os gladiadores se enfrentavam armados de lanças, espadas, escudos e também lutavam contra animais, como leões, tigres e ursos.
- 5.** Os animais usados nos confrontos eram introduzidos na arena por um mecanismo parecido com um elevador, que os trazia do subsolo até um corredor em pequenas jaulas. De lá eles subiam rampas ou escadarias até chegarem à arena.
- 6.** Havia pontos estratégicos de acesso direto à arena. Por ele entravam e saíam os gladiadores, os animais e até mesmo os cenários utilizados nas reconstituições de grandes batalhas.
- 7.** O Coliseu possuía um tipo de cobertura retrátil, semelhante a um toldo, que podia ser aberto ou fechado e servia para proteger a plateia do sol em dias mais quentes.



Foto aérea do Coliseu, situado em Roma, Itália, de 2011.  
Foto de SF Photo/Shutterstock/Glow Images

## 5 O Baixo Império (séculos III d.C.-V d.C.)

A partir do século III da Era Cristã, a civilização romana mergulhou em sucessivas crises, entrando em um período que alguns historiadores denominam Baixo Império, e outros, Antiguidade Tardia. A expansão territorial, base de toda a riqueza e estabilidade política e social do império, esgotou-se pouco a pouco. Esse esgotamento ocorreu por vários motivos: a própria dimensão territorial alcançada; a pressão dos povos dominados e vizinhos; as dificuldades para novas anexações – devido à distância e aos custos.

Mais importante do que expandir o território era manter e fortalecer as fronteiras do Império. Sem novas conquistas, porém, não havia captura de escravos, e a mão de obra começou a escassear, acrescentando dificuldades à economia. Ao mesmo tempo, os elevados custos para manter as estruturas imperiais, militares e administrativas abalavam a moeda romana, que se desvalorizou. Isso afetou as atividades econômicas e reativou as disputas entre chefes militares, corroendo o poder romano. Tal quadro acelerou a desagregação imperial.

Paralelamente, crescia em meio à população cativa a adesão ao cristianismo, uma nova crença que surgira durante o governo de Otávio. Para os escravos, o caráter ético do espiritualismo cristão era consolador e carregado de esperanças: para os bons cristãos, uma vida melhor após a morte (no paraíso); para os maus, o castigo no inferno. Assim, o cristianismo oferecia aos escravos uma alternativa de salvação, ainda que após a morte.



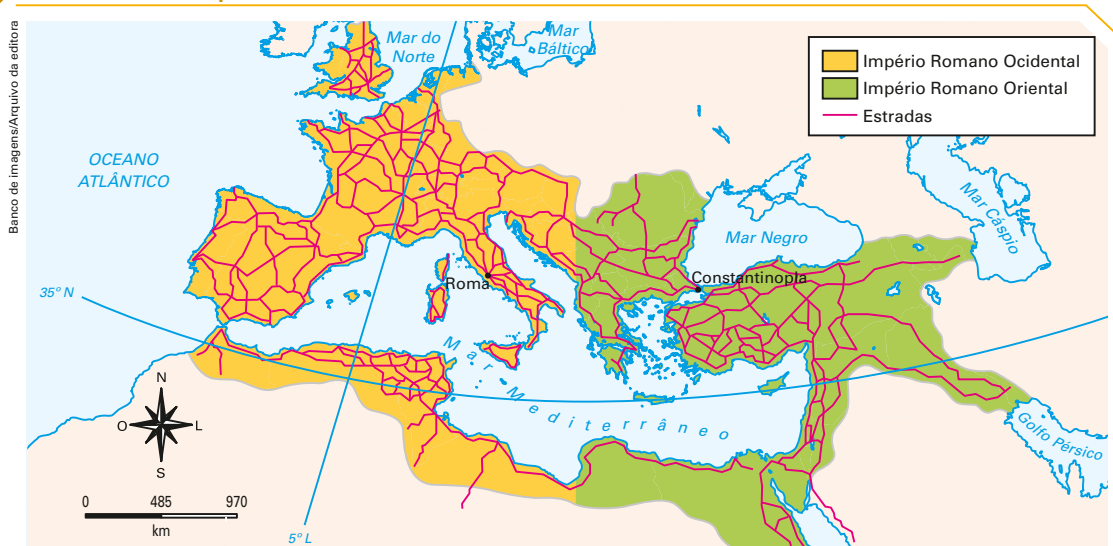
Capela Arcivescovile, Ravenna/The Bridgeman/Keystone

A ascensão do cristianismo correspondeu à desagregação do Império Romano. Cristo é representado nesse mosaico do século V como um legionário que derrota o mal, simbolizado por um leão e uma serpente. Capela do Palácio Episcopal, Ravenna, Itália.

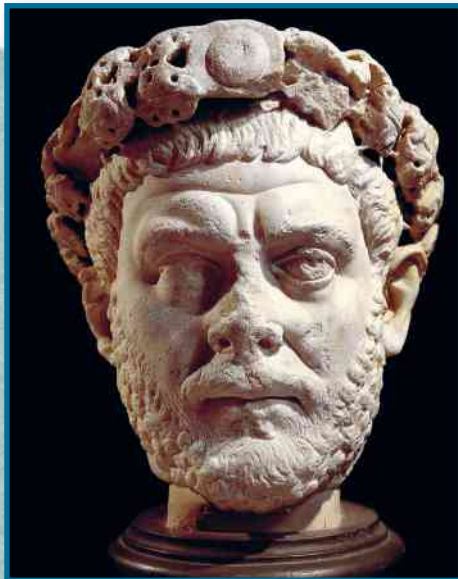
A nova religião passou a ter um caráter subversivo para a estrutura política romana, pois era universal, contrária à violência e rejeitava a divindade do imperador. Em número crescente, pessoas livres também se convertiam ao cristianismo.

Na tentativa de superar as crises, o Estado romano passou a intervir cada vez mais na vida econômica e social. Alguns dos imperadores que tomaram medidas nesse sentido foram Diocleciano, Constantino e Teodósio.

### Dimensões do Império Romano no século III d.C.



Adaptado de: ATLAS of World History. New York: Oxford University Press, 2002. p. 55.



De Agostini Picture Library/Bridgeman Images/Keystone Brasil/  
Museu Arqueológico, Istambul, Turquia.

- **Diocleciano** (284 d.C.-305 d.C.): criou o Édito (decreto) Máximo, que fixou os preços de mercadorias e salários para combater a crescente inflação. Não teve sucesso e os problemas de abastecimento aumentaram. Para administrar o império, Diocleciano ordenou a criação de uma tetrarquia, que dividiu o império em quatro áreas administrativas e militares. Essas áreas ficaram sob o comando de dois Augustos e dois Césares, que respondiam a Diocleciano, o Augusto Senior. Essa medida acabou fortalecendo os militares e a burocracia.

Cabeça em mármore do imperador Diocleciano, datada do século III d.C. Encontrada na antiga Nicomedia, atual İzmit, na Turquia.



Peter Willu/Bridgeman Images/Keystone Brasil/  
Museu do Louvre, Paris, França.

- **Constantino** (306 d.C.-337 d.C.): tomou providências sobre a política religiosa do Império e, após reunião em Milão, aprovou uma resolução que definia a liberdade de culto aos cristãos. Criou uma segunda capital para o Império, em Constantinopla (antiga Bizâncio, cidade grega), a leste e próxima ao mar Negro, entre a Europa e a Ásia. Ainda em seu governo, ocorreu o **Concílio de Niceia**, em 325 d.C., onde firmou-se uma das bases do cristianismo: o credo na trindade cristã (chamada pelos cristãos de “Santíssima Trindade”: o Pai, o Filho e o Espírito Santo).

Busto de Constantino, c. 350 d.C.  
Museu do Louvre, Paris, França.

**concílio:** reunião de chefes da Igreja.

Soldo, antiga moeda de ouro romana, com a face de Teodósio, datada do século IV d.C.



- **Teodósio** (378 d.C.-395 d.C.): transformou o cristianismo em religião oficial do Império (Édito de Tessalônica). Dividiu o Império Romano em duas partes: Império Romano do Ocidente (com capital em Roma) e Império Romano do Oriente (com capital em Constantinopla), mais tarde chamado de Império Bizantino.

## Povos “bárbaros”

No governo de Teodósio, um novo problema agravou a situação já crítica de Roma: o aumento da penetração de povos **bárbaros** – termo que os romanos usavam para denominar os povos que não viviam dentro das fronteiras do Império e não falavam latim. Inicialmente, eles chegaram como trabalhadores agrícolas, muitas vezes arrendando terras antes cultivadas por escravos, e logo sua entrada no Império se transformou em invasão.

A maior parte desses povos era proveniente da Germânia, região que se estendia do rio Reno até o que é hoje a fronteira ocidental da Rússia. Por isso, esses povos são chamados de **germânicos**. Em 476 d.C., um dos povos germânicos, os hérulos, invadiram e saquearam a cidade de Roma, derrubaram o último imperador, Rômulo Augusto, e puseram fim ao Império Romano do Ocidente.



Fivelas de cinto e braceletes de ouro de um guerreiro germânico datados do século V.

The Bridgeman Art Library/Keystone/Museu de Belas Artes e Arqueologia, Troyes, França.

## Leituras



O historiador Norberto Luiz Guarinello destaca a importância de substituir a denominação Baixo Império por Antiguidade tardia. É uma perspectiva que apresenta uma nova periodização, que se inicia no século III d.C e vai até o século VII d.C. Ela enfatiza continuidades em vez de rupturas no processo histórico, levando em consideração as interações culturais entre sociedades.

### Antiguidade tardia

Antiguidade tardia é uma forma relativamente nova, que alterou as balizas tradicionais da História antiga. Começou a se desenvolver no início do século XX, com os estudos sobre História da Arte do alemão Alois Riegel e vários outros autores, mas só alcançou estatuto de ortodoxia nos últimos trinta anos, sobretudo após a publicação do livro *O mundo da Antiguidade tardia*, do norte-americano Peter Brown, em 1976.

[...] muitos historiadores ainda reafirmam a queda do Império Romano do Ocidente como marco cru-

cial. Mas a maioria tende hoje a ver a penetração dos povos além fronteira, antigamente chamados de bárbaros, como uma nova fase de um processo de integração mais amplo e menos destrutivo, segundo a qual o poder imperial não caiu, mas se reorganizou em unidades políticas menores e interdependentes.

[A Antiguidade tardia] privilegia, antes de tudo, as transformações culturais e religiosas. A expansão do cristianismo, incentivado pelo Estado romano, a imposição progressiva de um culto monoteísta, a importância crescente da Igreja e do monasticismo representaram uma ampliação da integração cultural que uniu, pela primeira vez, os povos “bárbaros” além Reno às regiões a leste do Império, como Pérsia e a península arábica. Cultura, trocas de bens, migrações de povos se dissociaram por alguns séculos, levando o Mediterrâneo a perder, aos poucos, a centralidade que ocupara no Império anterior.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 161-163.

## 6 A cultura romana

Os romanos herdaram dos gregos a visão humanista do mundo. Politeístas, assimilaram as divindades gregas sob denominações diferentes. Assim, por exemplo, o deus grego Zeus passou a ser Júpiter para os romanos, Dioniso recebeu o nome de Baco, Poseidon, o de Netuno, Afrodite, o de Vênus.

Além da influência grega, as pinturas murais e as esculturas romanas, receberam também influência etrusca e helenística. Os romanos se destacaram igualmente na literatura, com Ovídio, autor de *Arte de amar*; Tito Lívio (c. 59 a.C.-17 d.C.), historiador que nos legou a *História de Roma*; e Virgílio, autor do poema épico *Eneida* (relato da fundação mítica de Roma).

O Coliseu e outros anfiteatros – arenas ovais ou circulares rodeadas de degraus a céu aberto – foram palco de encenações teatrais, festivais públicos e espetáculos de gladiadores.

As termas romanas, local onde eram realizados os banhos públicos, também se destacaram no cotidiano romano. Ponto de encontro dos cidadãos, local de conversação e do exercício da vida política e intelectual, as termas já existiam em outras civilizações, mas foram amplamente desenvolvidas e utilizadas pelos romanos.

Um dos maiores legados romanos à posteridade foi seu código de leis. Dividia-se em *Jus Naturale* (direito natural), compêndio de filosofia jurídica; *Jus Gentium* (direito dos povos), compilação de leis aplicáveis aos estrangeiros; e *Jus Civile* (direito civil), leis aplicáveis aos cidadãos romanos. Veja a seguir o box *Para saber mais* sobre a língua falada pelos romanos: o **latim**.

### Para saber mais



#### O latim

O latim era falado originalmente na região do Lácio, onde se desenvolveu a civilização romana. Era a língua oficial do Império Romano e da Igreja católica. O latim clássico, mais refinado e erudito, tornou-se também a língua de grande parte dos pensadores medievais. O latim vulgar, utilizado pelas pessoas comuns, originou

as línguas neolatinas (italiano, francês, espanhol, romeno, português, etc.). Embora continue a ser a língua oficial da cidade-Estado do Vaticano, empregada em certos rituais católicos, não é o idioma materno de nenhum país. Entretanto, o alfabeto latino, derivado dos alfabetos etrusco e grego, continua a ser o mais amplamente usado no mundo, e muitas das expressões em latim são utilizadas também no meio jurídico.

#### Virgílio (70-19 a.C.)

*Eneida*: poema épico trata das virtudes romanas. Narra a história da origem romana, com Enéas como herói refugiado de Troia que chega à Itália.

#### Horácio (65-8 a.C.)

*As Sátiras*: narrativa sobre os vícios e costumes da sua época.

*As Epístolas*: texto de influência grega, trata de valores, sexualidade feminina, entre outros.

#### Ovídio (43 a.C.-18 d.C.)

*As metamorfoses*: narrações mitológicas

*A arte de amar*: poemas didáticos.

#### Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.)

*História de Roma*: conta da fundação até o ano 9 a.C. Composto por 142 livros, apenas 35 são conhecidos. Aborda a grandeza de Roma.

#### Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)

*Consolationes* (Consolos): sobre o estoicismo, viver de acordo com a natureza. De acordo com essa escola filosófica, o ser humano é apenas uma peça dentro de uma lógica maior que rege o Universo.

#### Petrônio (27-66 d.C.)

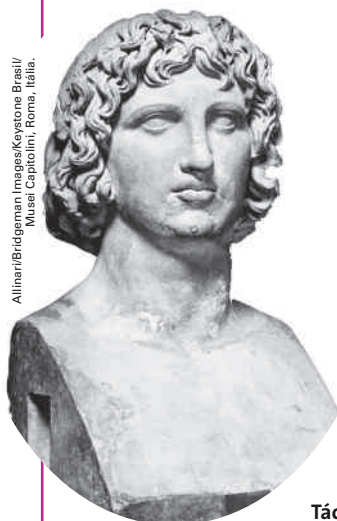
*Satiricon*: novela que aborda os excessos da sociedade romana antiga.

#### Tácito (56-120 d.C.)

*Annales e Historiae*: obras que abordam a história de Roma. Em suas obras, criticou o poder excessivo dos imperadores.

#### Juvenal (55-128 d.C.)

*Sátiras*: poemas que criticam os costumes e vícios da Roma antiga. Juvenal era reformador.



Busto de Virgílio esculpido em pedra. Autoria e data desconhecidas.

Allinari/Bridgeman Images/Keystone Brasil/Musei Capitolini, Roma, Itália.